



UFPE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

RINALDA FERNANDA DE ARRUDA

**IMAGENS DE LULA E DILMA EM ARTIGOS DE OPINIÃO: um estudo à luz da
linguística sistêmico-funcional**

Recife
2018

RINALDA FERNANDA DE ARRUDA

**IMAGENS DE LULA E DILMA EM ARTIGOS DE OPINIÃO: um estudo à luz da
linguística sistêmico-funcional**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Medianeira de Souza

Recife
2018

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

- A779i Arruda, Rinalda Fernanda de
Imagens de Lula e Dilma em artigos de opinião: um estudo à luz da
linguística sistêmico-funcional / Rinalda Fernanda de Arruda. – Recife,
2018.
168f.: il.
- Orientadora: Maria Medianeira de Souza.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de
Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018.
- Inclui referências e anexos.
1. Referentes Lula e Dilma Rouseff. 2. Artigos de opinião. 3.
Linguística sistêmico-funcional. I. Souza, Maria Medianeira de
(Orientadora). II. Título.

410 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2019-107)

RINALDA FERNANDA DE ARRUDA

**IMAGENS DE LULA E DILMA EM ARTIGOS DE OPINIÃO: um estudo à luz da
linguística sistêmico-funcional**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Aprovada em: 6/6/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Medianeira de Souza (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Antônio Carlos dos Santos Xavier (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Emanuel Cordeiro da Silva (Examinador Externo)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário da Silva Albuquerque Barbosa (Examinadora Externa)
Universidade de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Flávia Ferreira da Silva Rocha (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Sergipe

Ao meu amado e eterno irmão, *in memoriam*, Tiago Fernandes de Arruda, cuja partida se deu no processo de escrita desta tese.

AGRADECIMENTOS

A execução de um trabalho de pesquisa desta natureza não seria possível sem o auxílio de tantas pessoas. Por esta razão, deixo aqui registrada minha profunda gratidão a todos que tanto contribuíram, cada um em suas especificidades:

Agradeço primeiramente ao meu Senhor Jesus, reitor de minha vida, por me cobrir com a graça da perseverança e por me suprir de todos os meios para que eu fosse capaz de produzir este trabalho de pesquisa.

Ao meu esposo, Túlio Barros amor de minha vida, pelo encorajamento, pela credibilidade, pelas correções, pelo companheirismo e pelos cuidados diários dispensados a nós.

Aos meus quatro filhos: Gabriel, Beatriz, Miguel e Tulinho (estes dois últimos nascidos no período do doutorado), por suportarem minhas ausências, mesmo com tão pouca idade. A motivação maior da realização deste trabalho reside neles, para poder dar-lhes o estímulo e a força necessária ao estudo.

Aos meus pais, José Fernandes e Valdilene, pelo zelo e admiração constantes

Aos meus irmãos Maria Fernanda, Cláudio, Samuel e Tiago (*in memoriam*) pela admiração e apoio

À minha orientadora, Professora Dra Medianeira. Serei imensamente grata pela paciência com que ela sempre me trouxe à tase quando os momentos adversos desencorajavam-me. Agradeço por guiar-me pelos árduos, mas recompensadores caminhos da elaboração do trabalho científico. Agradeço pela generosidade em compartilhar comigo seus grandes saberes.

Aos professores com os quais muito aprendi com a ministração de suas disciplinas: Antônio Carlos Xavier, Maria Medianeira, Cláudia, Evandra Grigolito, Marcelo, Maria do Rosário, Karina Falcone e Marlos.

A Jozaías que sempre nos recebeu com enorme cordialidade na secretaria do PPG Letras – UFPE.

À professora Maria do Rosário, Virgínia Leal e Bosco Figueiredo pelas valiosas contribuições a este trabalho de pesquisa no momento da qualificação;

Aos mais diversos amigos: Gustavo Amorim, que me ajudou a dar os primeiros passos na Linguística, Lílian, pelas contribuições constantes, pela minha Sogra Erivalda e minhas cunhadas Ketima e Tamyres por estarem sempre dispostas

a estender os mais diversos tipos de auxílios, às amigas Jesselma, Damaris, Selma, Luísa, Ioná, Sumaia, Solange, Joelma e Vera. A todos vocês, minha eterna gratidão.

RESUMO

O objetivo geral da tese é analisar a construção da imagem de dois referentes, Lula e Dilma, no período denominado de Impeachment em artigos de opinião. Tomamos como base o aparato teórico da Linguística Sistêmico-Funcional, uma vez que esta teoria propõe análises linguísticas com vistas a sua forma e função, considerando fatores sociais e semióticos; revela que as escolhas linguísticas dos usuários estão estritamente relacionadas às suas intenções comunicativas. De acordo com esse paradigma teórico, os seres humanos expressam significados através de três níveis de linguagem diferentes e complementares: as Metafunções Textual, Ideacional e Interpessoal. Nosso interesse investigativo insere-se nas categorias de análise destas duas Metafunções: Textual e Ideacional. A metafunção textual estuda o sistema léxico-gramatical, que é responsável pela organização da mensagem e do texto em um todo coerente. A metafunção ideacional ocupa-se do estudo da categoria léxico-gramatical que expressa as experiências humanas através dos processos, participantes e circunstâncias. Utilizamos como principais referenciais teóricos os de Halliday (1985), (1994), Halliday e Matthiessen, C (2004) e (2014); Lima e Lopes (2001), Gouveia C. A. M. (2009), Fuzer e Cabral (2010). Desdobramos o objetivo geral nos seguintes: a) Analisar nas duas revistas as estruturas temáticas e estrutura de informação das orações dos artigos, destacando o posicionamento dos referentes Lula e Dilma termos a estes associados e como esta estrutura temática contribui para a construção da imagem dos referentes em foco; b) Descrever os processos e o papel que os referentes Dilma e Lula ocupam no sistema de transitividade; c) Estabelecer comparações quanto as semelhanças e diferenças quanto à estrutura temática e quanto ao sistema de transitividade nos artigos de opinião utilizados como *corpus*, e o que essas semelhanças e diferenças representam para a construção da imagem de Lula e Dilma no período do impeachment nos dois periódicos. Questionamo-nos se o sistema de transitividade e a estrutura temática podem desvelar significações quanto à construção da imagem dos referentes em foco e se os dois periódicos, por serem de ideologias distintas, também revelam diferenças quanto à estrutura temática e ao sistema de transitividade. Para executar nosso trabalho de investigação, coletamos 10 artigos de opinião publicizados nas revistas Veja e Carta Capital do ano de 2016, que traziam a temática da crise

política que culminou no impeachment da Presidenta Dilma Rousseff. Nossos resultados revelaram que não houve discrepâncias nos periódicos quanto ao posicionamento dos referentes na estrutura temática, mesmo reverberando distintas ideologias. Do mesmo modo, o papel dos referentes no sistema de transitividade não apresentou divergências acentuadas nas duas revistas. Constatamos que a transitividade e a estrutura temática desvelaram significações quanto à imagem dos referentes; no entanto, as diferenças que hipotetizamos quanto à estrutura temática e o sistema de transitividade não se configuraram.

Palavras-chave: Referentes Lula e Dilma Rousseff. Artigos de opinião. Linguística sistêmico-funcional.

ABSTRACT

The general thesis objective constitutes in analyzing of the construction of two referent images, Lula and Dilma in the impeachment period, in articles of opinion. We took as base, the Functional Systemic Linguistics theoretical apparatus whose theory proposes linguistics analyzes with a view to its form and function, taking into consideration social and semiotics factors; it reveals that the users' linguistics choices are strictly related to theirs communicative intentions. In this theoretical assumption, the human beings express meanings through three levels of different and complementary languages: the textual metafunctions, ideational and interpersonal. Our investigative interest is inserted in the category of analysis of these two metafunctions: textual and ideational. The textual metafunction studies the lexical-grammar system, which is responsible for the message organization and the text in the all coherent. The ideational metafunction occupies the lexical-grammar category studies that express the human experiences through the processes, participants and circumstances. We used as mainly theoretical references Halliday (1985), (1994), Halliday and MATTHIESSEN, C (2004) and (2014); Lima and Lopes (2001), GOUVEIA, C. A. M. (2009), Fuzer and Cabral (2010). We divided the general objective the followings: a) To analyze in the two magazines the thematic structures and the article sentences information structure, highlighting the referent's positioning Lula, Dilma, PT, terms associated to them and like this thematic structure contributes to the image construction of the two referent in focus; b) To describe the processes and the paper that the two referent Dilma and Lula occupy in the transitivity system; c) To establish comparisons as to similarities and differences as to the thematic structure and as to the transitivity system in the articles of opinion used as corpus, and what these similarities and differences represent to the images construction of Lula and Dilma in the two newspapers impeachment period. We ask ourselves if the transitivity system and the thematic structure can unveil meanings as to the two referent images construction in focus and if the two newspapers for being distinct ideologies also reveal differences as to the thematic structure and the transitivity system. To perform the investigation work, we collect 10 articles of opinion advertised in *Veja* and *Carta Capital* magazines from the year 2016 that brought the political crisis theme which culminated in the president Dilma Rousseff's impeachment. Our results reveal that there was not discrepancies in the newspaper as to the two

referent's positioning in the thematic structure, even reverberating distinct ideologies. In the same way, the two referent paper in the transitivity system did not present sharp divergencies in the two magazines. We verified that transitivity and thematic structure unveiled meanings as to two referent's images; however, the differences which we hypothetized as to thematic structure and transitivity system did not configured.

Keywords: The referentes Lula and Dilma Rouseff. Articles of opinion. Functional-systemic linguistic.

RESUMEN

El objetivo general de la tesis constituye un análisis de la construcción de la imagen de dos referentes, Lula y Dilma, durante el proceso de destitución en artículos de opinión. Tomamos como base el aparato teórico de la lingüística sistémica funcional, cuya teoría propone análisis lingüísticos con vistas a su forma y función, considerando factores sociales y semióticos; ésta revela que las elecciones lingüísticas de los usuarios están estrictamente relacionadas a sus intenciones comunicativas. En este presupuesto teórico, los seres humanos expresan significados a través de tres niveles diferentes y complementarios del lenguaje: las metafunciones textual, ideacional e interpersonal. Nuestro interés investigativo se inserta en las categorías de análisis de estas dos metafunciones: textual e ideacional. La metafunción textual estudia el sistema léxico-gramatical, que es responsable de la organización del mensaje y del texto en un todo coherente. La metafunción ideacional se ocupa del estudio de la categoría léxico-gramatical que expresa las experiencias humanas a través de los procesos, participantes y circunstancias. Utilizamos como referenciales teóricos a Halliday (1985), (1994), Halliday y MATTHIESSEN, C (2004) y (2014); Lima y Lopes (2001), GOUVEIA, C. A. M. (2009), Fuzer y Cabral (2010). Dividimos el objetivo general en los siguientes: a) Analizar en las dos revistas las estructuras temáticas y la estructura de información de las oraciones de los artículos, destacando el posicionamiento de los referentes Lula, Dilma, PT, términos a estos asociados y cómo esta estructura temática contribuye a la construcción de la imagen de dos referentes en foco. b) Describir los procesos y el papel que ocupan los referentes Dilma y Lula en el sistema de transitividad. c) Establecer comparaciones en cuanto a semejanzas y diferencias, en cuanto a la estructura temática y en cuanto al sistema de transitividad en los artículos de opinión utilizados como *corpus* y qué representan esas semejanzas y diferencias para la construcción de la imagen de Lula y Dilma durante el proceso de destitución en los dos periódicos. Nos cuestionamos si el sistema de transitividad y estructura temática pueden desvelar significaciones en cuanto a la construcción de la imagen de los referentes en foco y si los dos periódicos de diferente ideología también revelan diferencias en cuanto a la estructura temática y al sistema de transitividad. Para ejecutar nuestro trabajo de investigación seleccionamos 10 artículos de opinión publicados en las revistas Veja y Carta Capital del año 2016 que

trajeron a colación el tema de la crisis que culminó con la destitución de la presidenta Dilma Rousseff. Nuestros resultados han revelado que no hubo discrepancia en las revistas en cuanto al posicionamiento de los referentes en la estructura temática, aunque reverberara diferentes ideologías. De igual manera, el papel de los referentes en el sistema de transitividad no presentó divergencias acentuadas en las dos revistas. Constatamos que la transitividad y la estructura temática han desvelado significaciones en cuanto a la imagen de los referentes; sin embargo, las diferencias que conjeturamos en cuanto a la estructura temática y al sistema de transitividad no se han configurado.

Palabras-clave: Referentes Lula y Dilma Rousseff. Artículos de opinión. Lingüística sistémico-funcional.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro das Variáveis de Situação.....	30
Quadro 2 – Realização das três metafunções.....	32
Quadro 3 – Participantes dos Processos Mentais.....	40
Quadro 4 – Tipos de Processos Mentais.....	41
Quadro 5 – Tipos de Processos Relacionais.....	42
Quadro 6 – Exemplos de orações com processos comportamentais.....	45
Quadro 7 – Quadro resumitivo dos tipos de processos e seus participantes.....	47
Quadro 8 – Tipos de Temas.....	58
Quadro 9 – Tema Marcado e Não-marcado.....	59
Quadro 10 – Metafunção Textual - Referente Lula.....	72
Quadro 11 – Metafunção Textual Referente Lula.....	88
Quadro 12 – Metafunção Textual Referente Lula.....	93
Quadro 13 – Metafunção Ideacional Referente Lula.....	95
Quadro 14 – Metafunção Ideacional Referente Lula.....	96
Quadro 15 – Metafunção Textual Referente Lula.....	106
Quadro 16 – Metafunção Textual Referente Lula.....	110
Quadro 17 – Metafunção Ideacional Referente Lula.....	112
Quadro 18 – Metafunção Ideacional Referente Lula.....	113
Quadro 19 – Metafunção Textual Referente Dilma.....	125
Quadro 20 – Metafunção Textual Referente Dilma.....	128
Quadro 21 – Metafunção Ideacional Referente Dilma.....	130
Quadro 22 – Metafunção Ideacional Referente Dilma.....	130
Quadro 23 – Metafunção Textual Referente Dilma.....	137
Quadro 24 – Metafunção Textual Referente Dilma.....	139
Quadro 25 – Metafunção Ideacional Referente Dilma.....	141
Quadro 26 – Metafunção Ideacional Referente Dilma.....	142

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação dos três significados da LSF.....	33
Figura 2 – Significados do sistema de transitividade.....	36
Figura 3 – Tipos de Processos.....	37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultados do Referente Lula na Metafunção Textual.....	123
Tabela 2 – Resultados do Referente Lula na Metafunção Ideacional.....	124
Tabela 3 – Resultados da Referente Dilma na Metafunção Textual.....	146
Tabela 4 – Resultados da Referente Dilma na Metafunção Ideacional.....	147

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	18
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	25
2.1 A PERSPECTIVA FUNCIONAL DA LINGUAGEM NA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL.....	25
2.1.1 Princípios básicos: Contexto de cultura e contexto de situação.....	27
2.1.2 As Metafunções.....	31
2.1.2.1 Metafunção Experiencial.....	34
2.1.2.1.1 <i>Sistema de Transitividade</i>	35
2.1.2.2 Metafunção Textual.....	47
2.1.2.2.1 <i>Estrutura Informacional/ Dado e Novo/ Estrutura temática/Tema e Rema</i>	49
2.1.2.2.2 <i>O Tema e sua diversidade conceitual</i>	54
2.1.2.2.3 <i>Tema: identificação e classificação</i>	56
2.1.2.2.4 <i>O Estudo do Rema</i>	60
2.2 O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO E O DISCURSO MIDIÁTICO.....	61
2.2.1 A lógica simbólica das mídias.....	63
2.2.2 As estratégias do Posicionamento midiático dos fatos.....	65
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANALÍTICOS.....	69
3.1 O UNIVERSO DA ANÁLISE E A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS.....	69
3.2 DELIMITAÇÃO DO CORPUS.....	71
3.3 ILUSTRAÇÃO DE ANÁLISE.....	71
3.4 RESUMO DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DO CORPUS.....	78
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	79
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO POLÍTICO SOCIAL DOS ARTIGOS SELECIONADOS COMO CORPUS.....	80
4.2 OS REFERENTES LULA E DILMA: SIGNIFICADO TEXTUAL E IDEACIONAL.....	87
4.2.1 Referente Lula.....	88
4.2.1.1 Análise do Quadro 11.....	90
4.2.1.2 Análise do Quadro 12.....	94
4.2.1.3 Análise dos Quadros 13 e 14.....	97
4.2.1.4 Análise do Quadro 15.....	108

4.2.1.5 Análise do Quadro 16.....	111
4.2.1.6 Análise dos quadros 17 e 18.....	114
4.2.2 Referente Dilma.....	125
4.2.2.1 Análise do Quadro 19.....	126
4.2.2.2 Análise do Quadro 20.....	129
4.2.2.3 Análise dos Quadros 21 e 22.....	131
4.2.2.4 Análise do Quadro 23.....	138
4.2.2.5 Análise do Quadro 24.....	140
4.2.2.6 Análise dos quadros 25 e 26.....	142
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	148
REFERÊNCIAS.....	153
ANEXO A - RECORTES DO COLUNISTA: J. R. GUZZO.....	156
ANEXO B - ARTIGOS COMPLETOS ANALISADOS DA REVISTA	
CARTA CAPITAL.....	160

1 INTRODUÇÃO

O interesse por textos com alto teor de argumentatividade é bastante assíduo para os cidadãos, principalmente diante de eventos sociais ou político-econômicos que possuem efeitos causais, que instigam mudanças. Tais eventos provocam maior interesse nos sujeitos na busca por argumentos a fim de posicionar-se de forma ativa e efetiva. Os artigos de opinião são uma fonte de propagação de argumentos, pois além do elevado teor argumentativo, são publicizados em revistas jornalísticas que costumam manifestar posicionamentos críticos acerca de temas polêmicos e possuem base de sustentação argumentativa sólida que objetiva convencer o leitor. Pelo seu contexto de produção, o artigo de opinião é interativo, já que possui enunciador, assunto, propósito comunicativo persuasivo e um público leitor, no caso dos artigos jornalísticos. Foi pensando no aspecto da capacidade que têm os artigos de opinião de persuadir através do contexto da mídia e seu poder de criar/distorcer realidades, que nos propomos a compreender, sob a lupa da LSF (Linguística Sistêmico Funcional), como os articulistas de duas importantes revistas de circulação nacional (VEJA e Carta Capital) compuseram linguisticamente a imagem de Lula e Dilma no período do impeachment de 2016.

Destacamos como relevância social desta pesquisa a ênfase ao estudo do discurso para desvendar posturas, posicionamentos e persuasão. É inegável que a mídia desempenha um importante papel na criação, sustentação e transformação das realidades socioculturais, sobretudo quando se refere ao âmbito político. Ou seja, a mídia é co-participante do processo político-eleitoral, uma vez que, a partir dela, escolhas são feitas e influenciadas através de suas formas de representação. Entendemos, portanto, a relação intrínseca que há entre mídia e política, materializada pelo discurso, razão pela qual elegemos este tipo de prática discursiva como nosso objeto de averiguação, o fato de o discurso ser constitutivo da ideologia e da política. O trabalho de análise de artigos de opinião voltados para o período do impeachment do ano de 2016 realiza uma investigação relevante para a Ciência da Linguagem pela seguinte razão: as escolhas lexicais delineadas pelos seus enunciadores podem influenciar as crenças, os valores, as atitudes e as ações do público.

Para fundamentar nossa investigação, servimo-nos do aporte teórico da Linguística Sistemico-Funcional, (LSF), proposta desenvolvida principalmente por Halliday (1985, 1994) e Halliday e Mathiessem (2004). Essa teoria pauta-se em uma perspectiva de linguagem que objetiva descrever e analisar as materializações linguísticas, orais e escritas, sistemática e funcionalmente, com vistas nos fatores sociais e semióticos que gravitam seu entorno. O nosso objeto de investigação são artigos de opinião eletrônicos apresentados durante o ano de 2016, no período do impeachment, publicados em dois grandes veículos de comunicação nacionais: a revista VEJA e a Carta Capital.

É válido ressaltar que a LSF é uma teoria de linguagem que tem à sua disposição uma gramática que permite realizar análises linguísticas com vistas a sua forma e função, considerando fatores sociais e semióticos; revela que as escolhas linguísticas dos usuários estão estritamente relacionadas às suas intenções comunicativas. É a partir daí que a teoria de Halliday (1994) defende que cada forma está a serviço de uma função na tentativa de compreender o sujeito falante. Estas escolhas a que nos referimos, segundo Halliday (2004), operam em todos os níveis do discurso, através do qual é possível perceber o nível de expressividade das situações comunicativas.

Neste pressuposto teórico, os seres humanos expressam significados através de três níveis de linguagem diferentes e complementares: as Metafunções Textual, Ideacional e Interpessoal. Nosso interesse investigativo insere-se nestas duas Metafunções: a Textual e a Ideacional. A Metafunção textual estuda o sistema léxico-gramatical, que é responsável pela organização da mensagem e do texto em um todo coerente. Como esta Metafunção relaciona-se ao significado textual, realizado por decisões que o enunciador toma, buscaremos analisar os artigos de opinião publicizados no ano de 2016, com o propósito de identificar, por intermédio da organização destes discursos, através da estrutura temática, modelos que nos permitem analisar as formas como os articulistas utilizam-se da palavra para propagar a imagem de Lula e Dilma, dois grandes expoentes do PT, frente ao impeachment da Presidenta Dilma Rousseff. A Metafunção Textual é caracterizada por conferir logicidade à linguagem através de sua organização. Esta organização da estrutura temática envolve as funções de Tema e Rema; logo, é possível mudar o efeito de sentido da mensagem se os elementos da posição temática forem

mudados. Nas palavras de Halliday (1994), o tema funciona como índice orientador para a compreensão da informação subsequente. Selecionamos a Metafunção Textual, por meio do sistema temático por refletir a importância ou realce de uma informação, podendo esta ser nova ou já conhecida na posição que ocupa na oração. A escolha do Tema de uma sentença vincula-se diretamente à maneira como a informação se desenvolve no decorrer do texto. Os Temas apontam a progressão de uma informação geral para uma particular ou vice-versa, de modo que os tipos de significados organizados na posição temática são alterados segundo a intenção do escritor. As funções do Tema são significativas para o fluxo discursivo, pois alerta os produtores de textos a equiparem-se de estratégias de elaboração mais propícias aos seus propósitos comunicativos. Pelo fato de o Tema funcionar como ponto de partida e índice orientador na compreensão das informações subsequentes, nossa hipótese é a de que Lula e Dilma possam ser mais frequentemente tematizados na revista Carta Capital, por ser o periódico que se alinha ideologicamente a eles.

A Metafunção Ideacional também compõe o acervo teórico desta pesquisa com o Sistema de Transitividade. A importância do estudo deste sistema para nossa investigação se dá pelo fato de ser a categoria léxico-gramatical que expressa as experiências humanas através dos processos, participantes e circunstâncias. Para o presente estudo, focamos na análise dos processos e participantes. Na abordagem dos processos, há 6 tipos que ocupam espaço bastante enfático em nossas análises junto com seus respectivos participantes. a) Os *Processos materiais* são definidos como os processos do fazer e acontecer as ações do mundo. Ator e meta são os principais representantes desses processos. b) Os *processos mentais* são os processos do sentir, do perceber e do desejar como define Halliday (1994, p.112). Possuem como participantes experienciador e fenômeno. c) Os *processos verbais* são os verbos de enunciação (perguntar, dizer, mandar), ou se apontar algo, mostrar ou indicar. Seus participantes são: dizente, receptor e verbiagem. d) os *Processos comportamentais* representam nossos comportamentos psicofísicos e tem o Componente como principal participante. e) Os *processos existenciais* situam-se entre os processos materiais e relacionais e são responsáveis por representar o que existe ou acontece. Só possui um participante, o existente. e) Por fim, os *processos relacionais* que são comumente os processos do ser ou estar, usados como

representação dos seres no mundo, atribuindo-lhes características e identidades. Identificado ou identificado, atributo ou portador. Em outras palavras, o sistema de transitividade é utilizado para compreendermos os significados ideacionais de nossa língua, mais precisamente dos artigos de opinião que selecionamos para tal. Nossa hipótese quanto aos resultados do sistema de Transitividade é que o referentes em foco, Lula e Dilma, ocupem mais a posição de Ator , Portador e Dizente nos respectivos processos materiais, relacionais e verbais nos artigos da revista Carta Capital, pelo fato de ser o periódico que mais se alinha ideologicamente. Estas posições assumem ações, características e palavras que podem conferir maior destaque aos referentes.

Em suma, a razão pela qual escolhemos o aparato teórico da Linguística Sistêmico Funcional reside no fato de esta possuir um foco sociosemiótico e funcional, através do qual é possível identificar pela linguagem o que influencia as pessoas e a maneira pela qual se pode trabalhar com esta linguagem, para que ela possa atingir propósitos determinados. Os construtos hallidayanos enfatizam como as escolhas linguísticas inseridas em um sistema simbólico léxico-gramatical representam fortes padrões de uso na complexa teia que é a relação entre o texto e o seu contexto de uso, que no caso da presente pesquisa, envolve enunciador e público leitor.

Para executar nosso trabalho de investigação, coletamos os artigos de opinião publicizados nas revistas Veja e Carta Capital do ano de 2016, que traziam a temática da crise política que culminou no impeachment da Presidenta Dilma Rousseff. Não é nossa pretensão discutir métodos esclarecedores das concepções ideológicas destes dois veículos jornalísticos que representam dois nichos políticos bem definidos, e sim mostrar linguisticamente como a construção da imagem de Lula e Dilma nos artigos de opinião subjazem na Estrutura Temática e no Sistema de Transitividade. A mídia, a língua e a política são nosso universo de pesquisa.

O que nos motivou quanto à escolha das revistas Veja e Carta Capital para recortar tais discursos é o fato de estas representarem periódicos que possuem distintas direções argumentativas e por ocuparem a posição dos mais vendidos do

Brasil¹ há anos, e por seus perfilamentos político-ideológicos influenciarem na opinião dos interlocutores na tomada de decisões. Corroboramos tal influência com base na pesquisa de Souza & Carniello (2005) acerca do posicionamento político e ideológico da Veja e Carta Capital presente na edição das notícias sobre política. Os resultados desta pesquisa constataram que a maioria das notícias de caráter hostil ao governo, publicadas no período eleitoral do ano de 2006, influenciaram na formação de opinião e, conseqüentemente, dos votos das classes média e alta que representam, em grande parte, os votos dos cidadãos mais escolarizados. Isto nos revela, no mínimo, uma grande e complexa relação entre a mídia e o poder. Em outras palavras, nosso trabalho de pesquisa possui a incumbência de, através da LSF nas duas Metafunções, desvelar o modo como as práticas linguístico-discursivas interpenetram-se nas estruturas sociopolíticas, sobretudo quando se desconfia da forte atuação da vanguarda midiática oposicionista. Evidentemente, a investigação desta interferência é proposta por nós em termos estritamente linguísticos, através da forma como os referentes em questão (Lula, Dilma) são colocados neste contexto político nos artigos de opinião.

Para procedermos à sistematização dos dados e as análises seguintes, fizemos um trabalho de averiguação texto a texto. Tivemos acesso a todos os artigos publicados pela Veja e Carta Capital em 2016 através dos respectivos sites destas revistas: www.veja.com.br e www.cartacapital.com.br pelo link "edições anteriores". Fizemos uma busca a todas as edições das revistas Veja e Carta Capital do ano de 2016 e arquivamos todos os artigos de opinião que versavam sobre a crise política vivida no país, mais precisamente sobre o impeachment. Os artigos

¹ A semanal da Abril tem circulação média de 995.616 exemplares, mais de 887 mil assinaturas e 8.615.000 leitores, dentre eles, 52% são mulheres e 48% homens. Quase metade de seus leitores (49,2%) são da classe B, seguidos pela classe C (26%) e pela classe A (22%). A revista digital, complementando os dados, tem circulação líquida média de 177.094 exemplares e 171.890 assinaturas. Já a revista CartaCapital tem circulação média de 25 mil exemplares, mais de 12 mil assinaturas e 231 mil leitores, desses, 64% homens e 36% mulheres. 59% dos leitores tem entre 35 e 64 anos. Quanto a classe social, 31% são da classe A, 57% da classe B, e 12% da classe CD. Outro dado relevante é que 82% do público possui curso superior completo. (FERNANDES, P. V. 2016, p.43).

mais válidos para nossa pesquisa foram os que apresentaram maior recorrência com os referentes que tomamos como base analítica: Lula, Dilma e os termos correlatos que serão explicitados nas análises dos dados. Como seria preciso delimitar um quantitativo para a análise geral, o critério de seleção dos artigos foi, evidentemente, o de maior regularidade dos referentes que buscamos. Para o trabalho de pesquisa da tese, equacionamos um total ideal de 05 artigos para análise da revista *Veja* e 05 para a *Carta Capital*. Em seguida, organizamos a divisão dos referentes e das metafunções por quadros, iniciando com a revista *Veja*, depois a *Carta Capital*. O capítulo da Metodologia detalha como foi feita esta divisão.

Os questionamentos centrais que motivaram a elaboração desta pesquisa foram:

- Se o sistema de transitividade e a estrutura temática podem desvelar significações quanto à imagem dos referentes em foco e se os dois periódicos, por serem de ideologias distintas, também revelam diferenças quanto à estrutura temática e ao sistema de transitividade .

Com base nestes questionamentos, definimos para a realização desta pesquisa o objetivo precípuo de analisar como a construção da imagem de dois referentes, Lula e Dilma, no período denominado de impeachment, subjaz nas estruturas do texto, levando em consideração o fluxo da mensagem, na perspectiva da LSF, em artigos de opinião. Desdobramos este objetivo geral nos seguintes objetivos específicos:

- a) Analisar as estruturas temáticas e estrutura de informação das orações dos artigos, destacando o posicionamento dos referentes Lula, Dilma, termos a estes associados e como esta estrutura temática contribui para a construção das representações dos referentes em foco;
- b) Analisar os processos e o papel que os referentes Dilma e Lula ocupam no sistema de transitividade;
- c) Estabelecer comparações quanto as semelhanças e diferenças quanto à estrutura temática e quanto à escolha dos Processos nos artigos de opinião utilizados como *corpus*, e o que essas semelhanças e diferenças representam para a construção da imagem de Lula e Dilma no período do impeachment nos dois periódicos.

Procuramos delinear nossa pesquisa sequenciando-a em tópicos teóricos e práticos que nos servirão de aporte para compreendermos o fenômeno em pauta. Na primeira seção expusemos o construto teórico que nos serviu de amparo para as análises. Trouxemos a abordagem da proposta teórica da Linguística Sistêmico Funcional e suas Metafunções. Como nossa pesquisa lida com artigos de opinião com temas políticos e midiáticos, a segunda seção traz a caracterização do gênero artigo de opinião, bem como a lógica simbólica das mídias, Chauradeau (2015), visto que o mundo político se apropria da lógica da mídia para perpetuar sua visibilidade. No percurso metodológico elucidamos a coleta do *corpus* e a forma como segmentamos os textos para realizar as análises. A quarta seção traz os artigos segmentados em quadros e as análises respaldadas nas teorias que apostamos para tal.

Na seção das considerações finais, retomamos a tese tecendo comentários acerca dos resultados obtidos. Mediante as questões que se nos revelaram como respostas às nossas perguntas, o presente estudo configura relevante aos estudos da linguagem por compreender como o escritor deixou claro para o leitor sua preocupação com a organização da mensagem, bem como sua ênfase informacional. O estudo dos artigos de opinião veiculados em torno da temática política é significativo para a análise do discurso em geral e para os estudos da estrutura pela importância que se dá ao fluxo de informações apresentadas nestes textos que podem influenciar crenças do público leitor, que no caso em pauta, trata-se de um grande e expressivo público leitor.

Nossa pesquisa pode contribuir com a análise da estrutura temática dos artigos de opinião, na análise oração por oração, na percepção da natureza de sua textura, ao compreender como o escritor descreveu para o leitor sua intencionalidade com a organização da mensagem, bem como sua ênfase informacional e os efeitos decorrentes dela. Nossa contribuição pode esclarecer, a partir das escolhas feitas, de uma visão estratificada e da LSF, o modo como o produtor representa os referentes que citamos, como vislumbra as construções identitárias e demais relações de poder.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A PERSPECTIVA FUNCIONAL DA LINGUAGEM NA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Na corrente funcionalista de estudos linguísticos, busca-se compreender a relação entre a estrutura gramatical das línguas e o contexto de interação em que estão inseridas. A abordagem funcionalista dos estudos linguísticos explica que os enunciados e textos são construídos com base nas funções que desempenham na comunicação. Furtado da Cunha (2008) enfatiza que com os membros da Escola de Praga, que se formou no Círculo Linguístico de Praga, originaram-se as primeiras análises na linha funcionalista (Halliday 1994; Eggins 1994; Firbas, 1994; Thompson 1996 e Halliday 2004). O modelo funcionalista para análise linguística compreende que a língua se manifesta através de funções externas ao sistema linguístico em si, e que tais funções interferem na organização interna do sistema linguístico. Como exemplo, a diferença de ordenação de termos numa sentença pode ser configurada em uma diferença de função. Ou seja, os funcionalistas compreendem a língua como uma entidade dinâmica, que estabelece relações intrínsecas entre o sistema semiótico da língua e seu desenvolvimento em cada indivíduo, considerando os papéis sociais que estes indivíduos desempenham em seus respectivos contextos.

Há diversas correntes que podem ser estudadas no funcionalismo. A abordagem sistêmico-funcional é uma delas e que centraliza o arcabouço teórico da presente pesquisa. Esta teoria, que tem em Halliday seu precursor, estabelece as relações entre as escolhas linguísticas almejadas pelos falantes e o motivo pelo qual estes falantes optam por certos itens disponíveis na língua em detrimento de outros. Ou seja, na Linguística Sistêmico Funcional, a língua é vista como um sistema que oferece ao falante uma série de possibilidades para expressar seus significados. A LSF, nas palavras de Halliday(1994), preconiza a linguagem como "um sistema de sistemas, formulado como um conjunto de sistema de traços linguísticos, ligados em redes, que organizam as co-seleções opcionais e obrigatórias desses traços". Assim, os sistemicistas entendem que, ao analisarmos a língua em sua materialização oral ou escrita, relacionamos diversos sistemas da língua para

compreendermos o funcionamento dos fenômenos linguísticos como um todo. A teoria sistêmico-funcional busca desvendar o funcionamento dos processos usados na interação que são empregados de forma intuitiva pelo falante. Eis a razão epistêmica dos termos “sistêmico”, referente às redes de sistemas, e “funcional” remete às funções da linguagem, utilizadas para produzir significados. Em outras palavras, esta teoria objetiva proporcionar subsídios para facilitar a compreensão do mundo manifesta pela linguagem.

Com base nesta visão de língua, espelha-se o modelo da LSF, uma teoria da língua como escolha; ou seja, trata-se de uma visão de língua em seu ato em si, a língua tal como é utilizada pelos falantes. Por esta razão, Halliday (2004) descarta as descrições puramente estruturais, predominantes na linguística estruturalista, para ceder espaço para o uso, o que seria traço prioritário ao se tratar de caracterização e descrição da língua. Neste aporte teórico, a língua é organizada sob duas possibilidades: a sintagmática e a paradigmática. A respeito da descrição sintagmática e paradigmática da língua, sob o enfoque sistêmico-funcional, Halliday (2004, p.22) explica que “a estrutura é a ordenação sintagmática da língua, padrões ou regularidades, no que vai junto com o quê. O sistema, em contraste, é a ordenação em outro eixo, padrões no que poderia ir (...)”.

A gramática sistêmica é eminentemente paradigmática, o que significa que este nível sistêmico representa as escolhas entre termos do paradigma; tais escolhas ensejam significados que acontecem consciente ou inconscientemente (THOMPSON, 1996). A teoria em foco parte do significado, não da forma; isto é, o significado é fator determinante da forma, sendo o texto o ponto de partida, visto como uma unidade semântica. Contudo, vale ressaltar que a ordenação paradigmática na língua e o reconhecimento da sua importância como seu elemento caracterizador não são os únicos legados funcionais hallidayanos. A LSF, enquanto teoria, objetiva estudar a língua em uso, revendo questões recorrentes na interação social, propondo-se a mostrar como e por que um texto carrega o significado que possui. Em suma, é na perspectiva funcionalista de linguagem que se insere a base teórica hallidayana. Convém ressaltar aqui que os estudos na LSF são desenvolvidos por outros estudiosos, além do pioneiro Halliday. Alguns deles são: Matthiessen (1995), Eggins (2004), Martin (1997) e Thompson (1996) Fries (1994)

Hasan (2006), Givón (1979), Gouveia (2009), Bárbara (2009), Furtado da Cunha e Souza (2001), Souza M.M. (2006), Olioni (2010).

2.1.1 Princípios básicos: Contexto de cultura e contexto de situação

A partir do que apresentamos, é possível vincular o uso linguístico ao contexto de realização, visto que não há como existir interação apartada de um contexto o qual representa parte da significação que se efetiva na interação. Segundo a LSF, um texto ocorre em dois contextos: o Contexto de Cultura e o Contexto da Situação. A este respeito, Furtado da Cunha e Souza (2011, p.25) dão a seguinte explicação:

O contexto de cultura é a soma de todos os significados possíveis de fazerem sentidos em uma cultura particular. No contexto de cultura, falantes e ouvintes usam a linguagem em contextos específicos, imediatos, conhecidos na LSF como contextos de situação (...) No contexto de situação, estão as características extralinguísticas dos textos que dão substância às palavras e aos padrões gramaticais que falantes e escritores usam, consciente ou inconscientemente, para construir os diferentes gêneros, e que os ouvintes e leitores usam para identificar e classificar esses gêneros.

A noção de contexto possui relevância na LSF, tanto na vertente situacional quanto na cultural, pelo fato de estas variáveis contextuais condicionarem a interação. O texto realiza-se em orações que, por sua vez, revela padrões de relação com a situação que conseqüentemente constitui o registro. Em linhas gerais, na perspectiva da LSF, todo o texto ocorre em dois contextos, um amalgamado ao outro: o contexto da cultura e o contexto da situação. A relação entre texto e contexto é de tal forma motivada que, com base no contexto, é possível prever os significados que serão ativados; ou seja, os fatores contextuais (micro e macro) é que determinam os significados. Nas palavras de Cunha e Souza (op. Cit.), o contexto de cultura é a soma de todos os significados possíveis de fazerem sentido em uma cultura particular. É neste contexto que falantes e ouvintes utilizam a linguagem para se comunicarem nos contextos específicos e grupos institucionalizados como igreja, escola, família; ou seja, é o âmbito sociocultural que

envolve as ideologias do indivíduo. O contexto de cultura (macrocontexto) é estável, uma vez que é representado por crenças, valores e propósitos sociais.

A este respeito, Fuzer e Cabral (2014, p. 29) acrescentam que, nesta perspectiva, grupos de pessoas que usam a linguagem para propósitos semelhantes desenvolvem, através do tempo, tipos comuns de textos escritos e falados, isto é, gêneros que alcançam objetivos comuns. Os gêneros, por sua vez, são maleáveis, susceptíveis às mudanças através do tempo, eis a razão de estarem indissociáveis à cultura em que se inserem. O conhecimento do contexto da situação é bastante específico, sendo, pois, incapaz de explicar todos os significados que podem emergir na interação. O contexto de cultura engloba tanto o contexto de situação quanto o próprio texto. Por isso, Halliday (1989) afirma que o contexto de cultura, aliado à noção de contexto de situação, é fundamental para se compreender um texto.

O contexto de situação (microcontexto) apresenta variáveis e constitui o entorno mais imediato em que o texto está inserido, assim explicam Fuzer e Cabral (2014). É no contexto de situação que alguns elementos são levados em consideração, tais quais: meio em que a situação acontece, como se dá a interação entre as pessoas e como é a linguagem empregada. Halliday (1989, p. 46) ressalta que a noção do contexto de situação é utilizada para explicar por que certas coisas têm sido ditas em uma situação particular e o que mais poderia ter sido dito ou escrito, mas não foi. Ou seja, trata-se das características extralinguísticas dos textos, por isso, há variáveis no contexto de situação descrito por Halliday (op cit). Há três aspectos constitutivos que podem ser ilustrados a partir do *campo*, representando um ponto de vista, uma atividade ou uma finalidade; *relação*, escritor e leitor, participantes no texto, distância social; e *modo* que seria o canal gráfico ou fônico, o meio pelo qual a linguagem é veiculada. Fuzer e Cabral (op cit) didatizam com o exemplo abaixo:

Falante A: - Bah, ontem fui para casa pendurada no Bombeiro!

Falante B: - Ainda bem que eu pego o T. Neves.

As autoras, Fuzer & Cabral (2014, p. 30) esclarecem que na cidade de Santa Maria-RS, a palavra "bombeiro" do enunciado acima refere-se ao ônibus, e que "T.

Neves" designa uma linha de transporte coletivo. Fazendo a transposição para as variáveis de contexto de situação, tem-se a seguinte relação:

O campo remete à manifestação de experiências de usuários do transporte coletivo na cidade de Santa Maria, no sul do Brasil, cujos ônibus estão frequentemente lotados. A relação é estabelecida entre dois participantes [...]. A distância social pode ser considerada média ou mínima [...]. Relativamente ao modo, a linguagem é constitutiva de um diálogo, é utilizado canal fônico e o meio é o oral.

Além destas variáveis, existem elementos linguísticos e estruturas léxico-gramaticais que também podem apontar aspectos do contexto de situação.

Em nossa pesquisa com artigos de opinião, é possível afirmar que estamos diante de uma interação mediada por um texto escrito. Os artigos de opinião são um gênero produzido na esfera jornalística com o intuito de expressar a opinião de seus autores, especialistas, o que já pressupõe maior profundidade quanto ao debate de um tema. Possui uma linguagem bastante específica do campo de conhecimento deste articulista, o que torna esse gênero menos fácil de ser compreendido universalmente. Outro quesito é o panorama político-temático dos artigos de opinião que selecionamos para tal: o *impeachment* da Presidenta Dilma, tido como um dos acontecimentos mais emblemáticos do país no âmbito político. Estes aspectos retratam o contexto de cultura de nossa sociedade que atrelado ao contexto de situação, é possível identificarmos o propósito discursivo de cada veículo analisado.

Transpondo as variáveis de Contexto de Situação para nossa pesquisa é possível exemplificarmos da seguinte forma: quanto à variável Campo, constitui-se de um texto eminentemente argumentativo que, diante de fatos sociais que provocam divergências, escolhe um posicionamento a favor ou contra direcionamentos possíveis em torno da situação em vigor. O objetivo deste gênero é persuadir o leitor por meio da bem articulada construção de argumentos de tipos diversos, como por exemplo, de princípios, de provas, de vozes de autoridades que debatem filosofia, ética ou religião. No movimento do articulista, o intuito é trazer este leitor para a posição de aliado, bem como conquistar aqueles que não se enquadram na linha ideológica pretendida pelo veículo.

Na variável Relações, destacamos os participantes deste processo: autor e leitor, visto que o gênero artigo de opinião são publicados em jornais e revistas, impressos ou virtuais e uma das condições para que um artigo de opinião aconteça é a existência de elementos como veículo de comunicação, o articulista (autor) e, evidentemente, os leitores interessados em conhecer a opinião propagada por este articulista que leva em consideração a abrangência social das questões polêmicas.

Por último, na variante Modo, o artigo de opinião é desenvolvido através do canal gráfico, realizado linguisticamente na modalidade formal, bem característica deste gênero e possui modo de organização argumentativo. Cada variável de Contexto de Situação que acima abordamos relaciona-se com uma Metafunção. Campo - Ideacional, Relações - Interpessoal, Modo - Textual.

O quadro abaixo ilustra bem essa relação entre as variáveis de situação e as metafunções:

Quadro 1 – Quadro das Variáveis de Situação

Descrição	Variáveis de registro	Metafunção
A ação social, o assunto sobre O que se fala, a natureza da ação.	Campo	Ideacional
A estrutura de papéis, as pessoas e suas relações na situação de comunicação.	Relações	Interpessoal
A organização simbólica, o canal (fala ou escrita) e o modo retórico Da linguagem	Modo	Textual

Fonte: As variáveis de registo e a sua relação com as metafunções.- Gouveia 2009, p.28.

No tópico seguinte, abordaremos cada uma destas Metafunções com seus respectivos conceitos e exemplificações.

2.1.2 As Metafunções

Focada na perspectiva sistêmico-funcional, a linguagem existe acima dos sistemas linguísticos e dos falantes, cumprindo certas funções, a fim de potencializar possibilidades de uso e assim auxiliar outras atividades humanas. Como exemplo destas funções que a linguagem exerce, destacamos a expressão de conteúdos e o estabelecimento das relações entre partes de uma mesma instância de uso da fala, tornando-as, entre outras possibilidades, situacionalmente relevantes. Podemos afirmar que os parâmetros do Contexto de Situação interferem em nossas escolhas linguísticas, já que configuram as funções que, na ótica hallidaynana, reverberam os principais intuitos da linguagem. Estas funções são denominadas de *Metafunções da linguagem* e constituem um dos mais importantes legados da LSF. Halliday (2004) afirma que a linguagem é como é por causa das funções em que se desenvolveu na espécie humana, que o termo "metafunção" foi adotado para sugerir que função é componente nuclear na totalidade da teoria. A respeito destas metafunções, Fuzer & Cabral (2014, p.32) assim definem:

Metafunções são as manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua: compreender o meio (ideacional), relacionar-se com os outros (interpessoal) e organizar a informação (textual). Cada uma das metafunções relaciona-se a uma variável do contexto de situação.

As metafunções são organizadas de acordo com os significados ideacionais, interpessoais e textuais no âmbito da oração como representação, como interação e como mensagem. Estas três metafunções permeiam toda comunicação no entendimento da LSF, que concebe o texto na sua multidimensionalidade, realizando mais de um significado simultaneamente, como esclarecem Cunha e Souza 2011. Halliday e Matthiessen (2004) trazem explicações a respeito das metafunções da seguinte forma:

* A Metafunção Ideacional relaciona-se com a natureza do evento social e com a expressão do conteúdo por meio do sistema de transitividade, conforme a experiência que possui o falante na comunidade de fala em que ele se insere. A função lógica é responsável pelas combinações de grupos lexicais e oracionais. Sua unidade de análise é o complexo oracional, a oração como representação e o

sistema conhecido como transitividade, que dá conta da construção da experiência , processos, participantes e circunstâncias.

* A Metafunção Interpessoal representa a interação e os papéis assumidos pelos participantes, ou seja, a expressão das relações sociais e pessoais dos papéis desempenhados nas interações. Nesta Metafunção, o sistema a ser analisado é o recurso gramatical utilizado para expressar a interação entre os falantes na esfera comunicativa. Aqui, a oração é vista como troca de informações ou bens e serviços.

* A Metafunção Textual refere-se ao papel da linguagem, com quais escolhas linguísticas a mensagem está sendo construída e organizada dentro de um sistema determinado pelo contexto e pela intenção do autor. Nesta, a oração é vista como mensagem e consiste de um Tema acompanhado de um Rema, sempre nesta ordem. O Tema é o elemento que serve de ponto de partida da mensagem, a fim de orientar a oração dentro do seu contexto. Segue abaixo um quadro ilustrativo de análise de realização das três Metafunções em uso efetivo da linguagem:

Quadro 2 - Realização das três metafunções

METAFUNÇÕES	Certamente	Ele	Estud	-ou	inglês	no passado
Ideacional		ator	Processo material	Processo material	meta	Circunstância
Interpessoal	Mood Modalização	Sujeito	Resíduo predica- Dor	Mood Finito/ tempo	Resíduo complemento	Resíduo adjunto adverbial
Textual	Tema	Tema	Rema	Rema	Rema	Rema

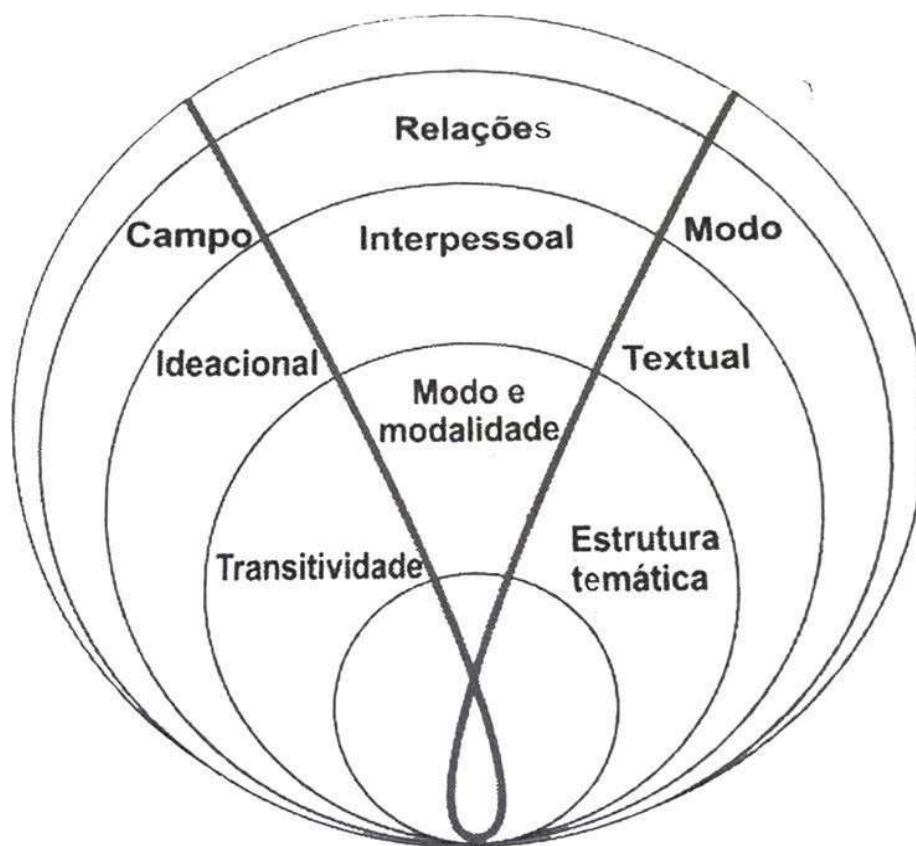
Fonte: Halliday (1994, *An introduction to functional grammar.*).

É possível afirmar que a elaboração destas três Metafunções é um dos pontos mais inovadores da proposta teórica de Halliday. Elas estruturam as conversações e definem a oração como uma unidade gramatical plurifuncional.

Embora tenhamos explicado separadamente, enfatizamos que estas três funções acontecem simultaneamente, visto que os seres humanos expressam seus significados por intermédio destes três níveis de linguagens complementares e diferentes. Furtado da Cunha e Souza (2011) destacam que a oração é a unidade básica para a análise léxico-gramatical na LSF, é a realização simultânea desses três significados: uma representação (significado como conteúdo); uma troca (significado como forma de ação); e uma mensagem (significado como relevância para o contexto)

As três Metafunções e os sistemas léxico-gramaticais que as realizam:

Figura 1 - Representação dos três significados da LSF



Fonte: Traduzido de Halliday e Matthiessen, 2004, *An introduction to functional grammar*. 3a ed. revisada.

Como nossa pesquisa visa interpretar referentes presentes nos artigos de opinião, a fim de mostrar a imagem construída do *impeachment* através das três Metafunções no intuito de desvelar posturas e posicionamentos através do discurso midiático, utilizaremos o aparato teórico das duas Metafunções. Desta forma, consideramos relevante estendermos explicações teóricas pormenorizadas de cada uma delas. Vale ressaltar que, como já explicamos acima, estas as três Metafunções acontecem simultaneamente em quaisquer textos, de modo que, alguns pesquisadores, para fins didáticos, podem separá-las por estratégias analíticas. Por isso, cabe esclarecer que os sistemas vinculados às três metafunções, ou seja, à tríade da gramática de Halliday, serão acionados em nossas análises, numa proposta plurifuncional.

2.1.2.1 Metafunção Experiencial

Conforme já expusemos, o cerne teórico de nossa pesquisa, a Linguística Sistêmico-Funcional, situa-se numa abordagem funcionalista que une informações estruturais com fatores do uso linguístico, ou seja, é uma teoria de descrição gramatical com base paradigmática. Assim, Halliday (2014) baseia os estudos linguísticos nos significados expressos e organizados em torno das três Metafunções que conceituamos. E a Metafunção Experiencial trata-se da forma de olhar a experiência de mundo, a Gramática da Experiência, como denomina o próprio Halliday. Esta Metafunção busca estudar a língua por meio dos significados representados por experiências internas e externas, isto é, veicula conteúdos semânticos para revelar aspectos da experiência humana no mundo exterior, incluindo nossas mentes. Esta Metafunção nos permite codificar significados de nossa vivência, correspondendo ao mundo real, externo, ou a nosso mundo imaginário, interno.

2.1.2.1.1 Sistema de Transitividade

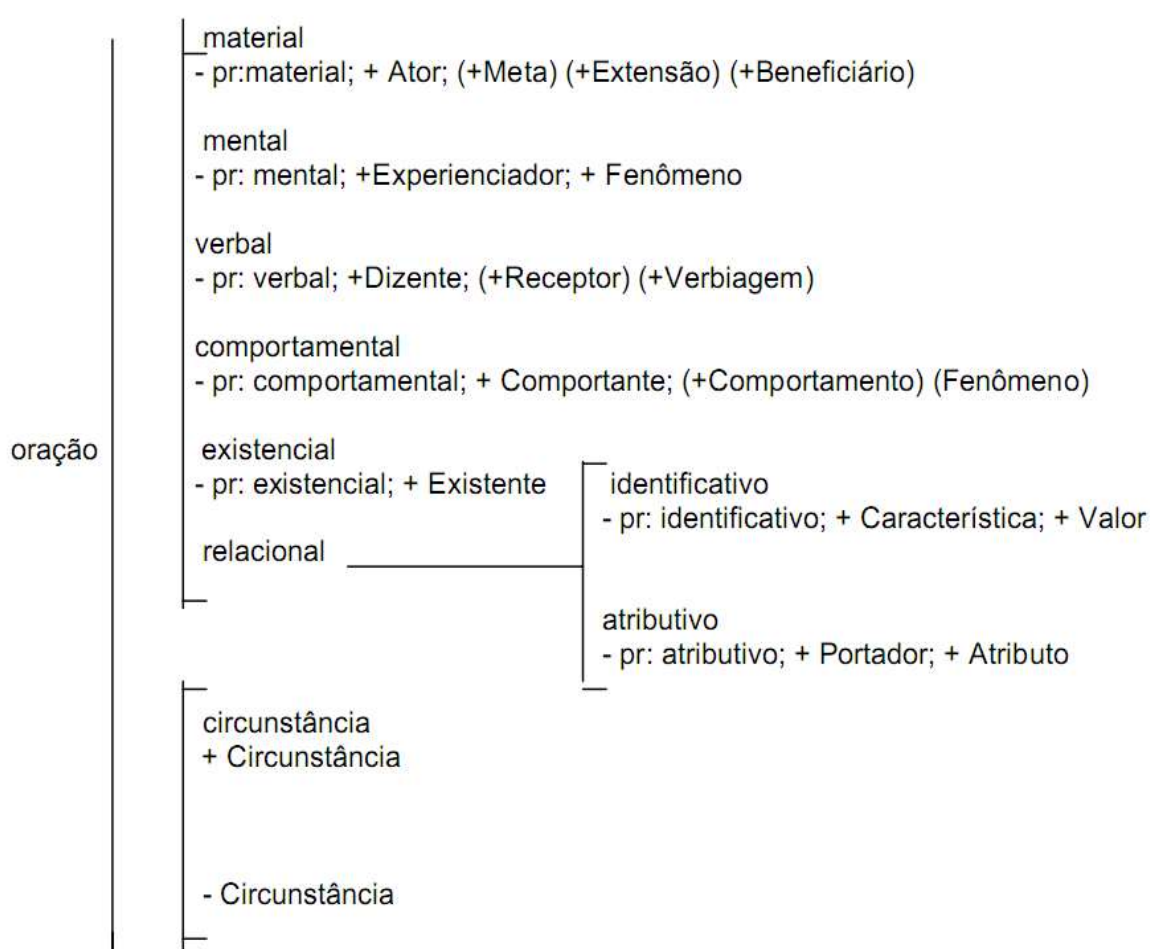
A Metafunção Ideacional/Experiencial representa nossas experiências por meio dos aspectos léxico-gramaticais da linguagem. A parte da gramática em que se manifestam os significados experienciais é o Sistema de Transitividade, que estuda os estratos da linguagem envolvidos no processo de representações de experiências: a variável contextual, a metafunção e o sistema léxico-gramatical, como afirmam Fuzer e Cabral (2014). Em outras palavras, como explica Halliday (1994), a Transitividade constitui-se como o recurso linguístico que afirma quem fez o quê, a quem e em que circunstâncias. É válido esclarecer a diferença entre o conceito de transitividade veiculado nos compêndios gramaticais escolares, nas gramáticas descritivas e no âmbito dos estudos funcionalistas, teoria que fundamenta o presente trabalho de pesquisa.

A ideia de transitividade da gramática tradicional recai na classificação verbal de verbos transitivos ou intransitivos. Furtado da Cunha e Souza (2011) notificam este aspecto ao afirmar que a classificação de um verbo como transitivo ou intransitivo se justifica por critério sintático, presença ou ausência de um objeto, ou semântico, exigido pelo sentido do verbo. Para os manuais tradicionais, um verbo transitivo é aquele cuja relação um dos participantes age sobre o outro. O verbo intransitivo é classificado como aquele que descreve estado, situação e só envolve um participante. Entretanto, esta linha divisória é bastante tênue, uma vez que alguns verbos transitivos podem ser empregados intransitivamente. Por isso, essas autoras apresentam pontos problemáticos de aplicação do conceito de transitividade da gramática tradicional, como o fato de a transitividade não ser uma propriedade inerente a um verbo, já que um mesmo verbo pode ter classificação transitiva ou intransitiva. O que seria então a Transitividade na perspectiva da LSF?

Transitividade é compreendida pela LSF como a gramática da oração, como uma unidade estrutural que serve para expressar uma gama particular de significados ideacionais e cognitivos (...) O sistema de transitividade permite identificar as ações e atividades humanas que estão sendo expressas no discurso e que realidade está sendo retratada. Essa identificação se dá através dos principais papéis de transitividade: processos, participantes e circunstâncias, que permitem analisar quem, faz o quê. A quem e em que circunstâncias. (Furtado da Cunha e Souza, 2011, p. 68)

O Sistema de Transitividade na visão da LSF é considerado a gramática da oração expressa no discurso. Processos, Participantes e Circunstâncias são elementos da Transitividade na perspectiva da LSF e configuram categorias semânticas. Estes elementos estão relacionados à expressão das experiências humanas e correspondem aos três grupos de palavras mais utilizadas na maioria das línguas: grupo verbal, grupo nominal e grupo adverbial. Em outras palavras, os Processos codificam as ações, representam as ideias e pensamentos e manifestam-se através dos sintagmas verbais. Os Participantes são os elementos do processo, podendo ou não ter esse envolvimento, e são representados pelos sintagmas nominais. E as Circunstâncias, como o próprio nome já denuncia, trata-se dos sintagmas adverbiais. A figura abaixo traz uma explicação numa ampla visão sobre a construção dos significados no Sistema de Transitividade.

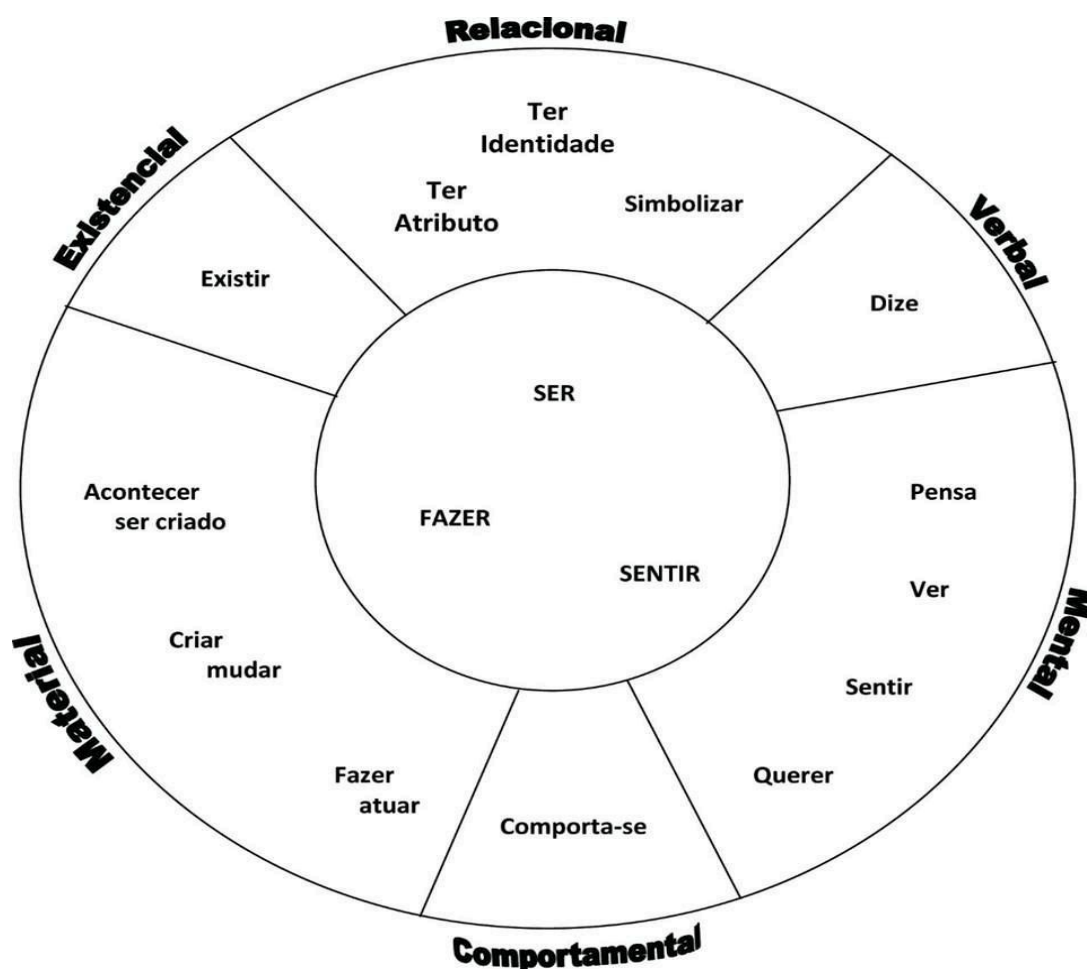
Figura 2 - Significados do Sistema de Transitividade



Fonte: Sistema de transitividade. Egins, adaptado por Souza 2006, p 52

Com relação aos processos, Halliday classifica-os em três principais tipos que são: Materiais, Mentais e Relacionais; outros três são considerados secundários. O gráfico seguinte ilustra bem esta divisão.

Figura 3 - Tipos de Processos



Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen (2004)

Segundo Gouveia (2009, p. 30), cada um desses tipos de processos encerra em si a possibilidade de ser representado linguisticamente sob múltiplas formas, mas sua representação enquanto Processo de um tipo particular implica a participação dos chamados participantes. Assim, diferentes tipos de Processos são executados por (ou desenrolam-se em função de) diferentes tipos de Participantes,

em razão de diferentes redes de escolhas. Passaremos agora para o detalhamento de cada um desses processos.

Os *Processos Materiais* são considerados processos de mudança externa perceptível, mudança do estado das coisas. São definidos como os Processos do fazer e acontecer. São representados por alguns verbos como estudar, comprar, ler. O Participante que realiza tais mudanças é classificado de *Ator*, o qual, segundo Halliday & Matthiessen (2004) desencadeia o Processo, através do tempo, obtendo um resultado diferente da fase inicial. Nas orações materiais, além do Ator, pode haver outros participantes classificados como *Meta*, *Extensão* e *Beneficiário*.

Ator - é o participante que executa a ação, levando a uma situação que se difere da posição inicial. O Ator é destaque quando se trata de orações em que se observa o ponto de vista de quem faz a ação, em orações transitivas (que codificam experiências) e intransitivas (codificam circunstâncias).

A *Meta* trata-se do participante que é afetado pelo processo material, isto com relação apenas às orações transitivas.

A correlação Ator - Sujeito, na abordagem tradicional da gramática, não procede na transitividade, pois na estrutura ativa, o Ator seria o sujeito da oração da gramática normativa, como neste exemplo: A secretária (ator) limpou (processo material) a casa (meta)² Transpondo para a estrutura passiva, o ator (a secretária) deixaria de ser sujeito e passaria a ser agente da passiva. Na construção passiva, o sujeito é a Meta, não o Ator.

Estádio do Morumbi	foi descartado	Pela Fifa
<i>Meta</i>	<i>Processo material</i>	<i>Ator</i>
Novo Estádio	será construído	em 18 meses
<i>Meta</i>	<i>Processo Material</i>	<i>Circunstância</i>

Exemplos de estruturas passivas retirados de Fuzer & Cabral 2014, p. 52

² Exemplo retirado de Fuzer & Cabral 2014, p. 52

Neste caso, o ator está implícito na segunda oração, visto que no contexto da manchete subentende-se que ele é responsável por descartar o Estádio.

Além do Ator e da Meta, há outros Participantes que podem compor os Processos Materiais de uma dada oração. São eles: o Escopo e o Beneficiário. O Escopo é o Participante que não é afetado pelo Processo Material. Ele constrói o ambiente em que o processo se desenrola (escopo entidade), ou constitui o próprio processo (escopo processo). Os exemplos abaixo, traduzidos de Halliday & Matthiessen 2004, p. 193 e 194, esclarecem esta definição.

Eu jogo tênis

Ator Processo Material Escopo

The doormouse Crossed The court

Ator Processo material Escopo entidade

O país inteiro está pagando um alto preço

Ato Processo material Escopo processo

O Beneficiário é o participante que, como o próprio nome sugere, se beneficia de um Processo, aquele para o qual são dadas as coisas. As orações abaixo, retiradas de Fuzer & Cabral 2014, p. 51 exemplificam o Participante Beneficiário.

Pedro emprestou dinheiro a José.

Pedro enviou uma bomba a José.

Ator Processo Material Meta Beneficiário

Diferentemente dos Processos Materiais que são representados pelo fazer e acontecer, os *Processos Mentais* são os Processos do sentir, do perceber e do desejar como define Halliday (1994, p.112). Estes Processos lidam com a apreciação humana com relação às coisas do mundo e podem indicar crenças, afeições e percepções representados no texto. Possuem sempre um participante

consciente, humano, que é o que percebe experiência. Como este tipo de Processo lida com verbos do sentir, não com o agir, são utilizadas perguntas como: *o que você sente, o que você pensa sobre x?*

Nas orações mentais, os Participantes deste tipo de Processo são o Experienciador, Participante que realiza o processo do sentir e o Fenômeno, expressa o que é percebido, compreendido.

O quadro abaixo, baseado em Fuzer & Cabral (2014, p. 55) caracterizam estes dois Participantes dos Processos Mentais:

Quadro 3 – Participantes dos Processos Mentais

Experienciador	- Nomes que indicam coletivos de humanos; - Produtos da consciência humana: filme, lembrança; - Partes de uma pessoa: cérebro, rosto, coração; - Expressões figurativas construídas a partir de um modelo material: "Cortou-me o coração".
Fenômeno	- É o participante que é sentido, pensado, percebido; - Pode ser uma coisa ou entidade (pessoa, objeto, substância) realizado por grupos nominais. - Pode ser metafórico, tendo uma nominalização como núcleo, denotando um processo ou qualidade tida como coisa.

Os exemplos seguintes de Halliday e Matthiessen (2004, p.202) ilustram a estrutura da oração mental:

Maria	Gostou	Do presente
<i>Experienciador</i>	<i>Processo mental</i>	<i>Fenômeno</i>
Ela	Não gosta	De leite
<i>Experienciador</i>	<i>Processo mental</i>	<i>Fenômeno</i>

Os autores (*op. cit*) classificam as orações Mentais em quatro tipos: cognitivas, perceptivas, afetivas e desiderativas.

Processos mentais de cognição - estão relacionados à compreensão;

Processos mentais de percepção - constroem percepção do mundo através dos cinco sentidos;

processos mentais de afeto - relaciona-se à expressão dos sentimentos;

Processos mentais de desideração - exprimem desejos, interesse em algo.

O próximo quadro, adaptado e traduzido de Halliday e Matthiessen (2004, p. 210), traz exemplos dos verbos que representam processos mentais, agrupados conforme esta classificação descrita:

Quadro 4 – Tipos de Processos Mentais

Perceptivo	Perceber, sentir; Ver, avisar, vislumbrar; Ouvir Ouvir; sentir; gostar; cheirar
Cognitivo	Pensar, acreditar, supor, esperar, considerar, saber; Atacar, acontecer, convencer; Lembrar, escapar; enigma, Compreender, perceber, apreciar; Imaginar, sonhar, intrigar, Fazer de conta; Adivinhar, conjecturar, hipotetizar, Maravilhar, duvidar; Lembrar, recordar, esquecer; medo (Pensar com medo)
Desiderativo	Querer, desejar, desejar, desejar; Esperar , tentar ansiar por; Intencionar; Decidir, resolver, determinar;

	Concordar, cumprir, recusar
Afetivo	fantasira, amar, adorar, desagradar, odiar, detestar, desprezar, fascinar, atrair, , Detestar, abominar; Alegrar, exultar, lamentar, lamentar, lamentar, repelir, revoltar, gratificar, Lamentar, lamentar; Medo, temor; Apreciar, saborear, deprimir, doer; Alarmar, amedrontar, assustar, Maravilha horrorizar, choque, conforto, tranquilizar, encorajar; Divertir, entreter, desviar, interessar, fascinar, Cansar, preocupar

Os *Processos Relacionais* são comumente os Processos do ser ou estar, usados como representação dos seres no mundo, atribuindo-lhes características e identidades. Eles constroem a experiência do mundo com relação ao ser, como um processo adjetivador. Esses Processos são classificados por Halliday e Matthiessen (2004) em três tipos (intensivas, possessivas e circunstanciais), mas que podem se apresentar distinguidos em dois modos: atributivos (não reversíveis) e identificativos (reversíveis). O quadro abaixo didatiza estas questões.

Quadro 5 – Tipos de Processos Relacionais

	Atributivo	Identificativa
	"x é um atributo de A"	"x é a identidade de A"
Intensiva (serve para caracterizar uma entidade, x é A)	Lula era sindicalista.	Lula foi o Presidente da República até 2010. = O Presidente da República até

mensagem verbal ocorre com ou sem a preposição dependendo da posição da frase. A verbiagem é nominalizada como o ato do processo verbal: um substantivo expressando alguns tipos de verbo comportamentais (perguntas, respostas, história)³

Em outras palavras, esta autora explica que o Dizente é o Participante que comunica, representado por uma figura humana ou não-humana personificada. Em nosso *corpus*, verificaremos qual o referente em foco (Lula ou Dilma) poderá ocupar esta posição. O Receptor é o participante opcional, o destinatário, chamado por Gouveia de um beneficiário verbal. É o Participante a quem se dirige o processo, pode ser um falante particularmente ou ao coletivo. A Verbiagem corresponde ao Participante que pode representar o próprio conteúdo do dizer, isto é, ao conteúdo do que é dito. Para exemplificar os Participantes das orações com Processos Verbais, trazemos enunciados traduzidos do próprio Halliday & Matthiessen 2004, p. 255):

Conte	Me	A verdade
<i>Processo Verbal</i>	<i>Receptor</i>	<i>Verbiagem</i>
Descreva	Para o júri	A cena do acidente
<i>Processo verbal</i>	<i>Receptor</i>	<i>Verbiagem</i>

O exemplo abaixo de Fuzer & Cabral (2014, p. 73) traz uma oração com os Participantes principais:

Dunga	fala	Palavrões	Durante entrevista
<i>Dizente</i>	<i>Processo verbal</i>	<i>verbiagem</i>	<i>Circunstância</i>

³ Tradução nossa. Trecho original: A verbal process typically contains three participants: sayer, receiver and verbiage, the sayer, the participant responsible for the verbal [...] The receiver is the one whom the verbal process is directed: the beneficiary of a verbal message occurring with or without a preposition depending on position in the clause. The verbiage a nominalized statement of the verbal process: a noun expressing some kinds of verbal behavior (questions, answer, story)

Os *Processos Existenciais* situam-se entre os Processos Materiais e Relacionais e são responsáveis por representar o que existe ou acontece. Fuzer e Cabral (2014) explicam que o verbo típico da oração existencial é "haver", no sentido de existir/ ter, que as orações existenciais geralmente possuem circunstâncias de localização e modo. São diferenciadas das orações Relacionais por se construírem com apenas um Participante: o Existente. A oração abaixo ilustra este processo:

Há	alunos	no corredor.
Processo existencial	Existente	Circunstância

Os *Processos Comportamentais* são o ponto de intersecção entre os processos materiais e mentais, são responsáveis pela construção dos comportamentos físicos e psicológicos. Halliday e Matthiessen (2004, p.248) definem esses processos como processos de comportamento, tipicamente humano, como por exemplo, respirar, tossir, sorrir, sonhar e olhar. Estes pesquisadores afirmam que não são tão claras as peculiaridades desses processos, já que têm um pouco dos Processos Materiais, dos Mentais e dos Verbais, conforme o quadro abaixo traduzido dos autores (op cit):

Quadro 6 – Exemplos de orações com processos comportamentais

Próximo ao mental	Processos de consciência representados Como formas de comportamento	Olhar, assistir, fitar, escutar, observar, preocupar e sonhar.
Próximo ao verbal	Processos verbais como formas de comportamento	Tagarelar, murmurar, falar, fofocar, argumentar, discutir
	Processos fisiológicos manifestando estados de	Gritar, chorar, rir, gargalhar, sorrir, suspirar, assobiar, choramingar,

	consciência	acenar.
	Outros processos fisiológicos	Respirar, tossir, soluçar, arrotar, desmaiar, evacuar, urinar, bocejar, dormir.
Próximo ao material	Posturas corporais e entretenimentos	Cantar, dançar, levantar, sentar.

Fonte: Traduzido e adaptado de Halliday e Matthiessen 2004, p.251.

Os Processos Comportamentais têm um Participante obrigatório (comportante) que é um ser consciente e responsável pela realização da ação. Há também outro Participante alternativo, *behaviour*, termo ainda não traduzido pelos grupos de estudos funcionais em língua portuguesa, comparado ao Escopo dos Processos Materiais. Abaixo exemplos de frases com Processos Comportamentais, retirados de Halliday e Matthiessen (2004, p.251)

Ninguém está ouvindo

Ele está sempre murmurando

Comportante *processo comportamental*

Ele deu um grande bocejo

Comportante *Processo comportamental* *Behaviour*

O Behaviour seria uma extensão do Processo Comportamental do verbo dar.

Cada Processo acima descrito integra a descrição gramatical de uma língua. Isto mostra que a Transitividade abrange estudos que representam a base dos significados das orações, cujas experiências são descritas a partir do leque de escolhas de que dispomos na linguagem.

O quadro resumitivo abaixo ilustra os tipos de Processos e os respectivos Participantes:

Quadro 7 – Quadro resumitivo dos tipos de processos e seus participantes

Processo	Significado	Participantes obrigatórios	Participantes Opcionais
Material	Fazer, acontecer	Ator	Meta, extensão e beneficiário
Mental	Sentir	Experienciador e fenômeno	—
Relacional: Atributivo identificador	Ser Classificar Definir	Portador atributo Identificado identificador	
Verbal	Dizer	Dizente e verbiagem	Receptor
Existencial	Existir	Existente	—
Comportamental	Comportar-se	Comportante	Behaviour

Fonte: Furtado da Cunha e Souza (2011, p.76)

2.1.2.2 Metafunção Textual

A Metafunção Textual é responsável pela organização dos significados experienciais e interpessoais em um todo coerente, ou seja, refere-se à competência que possui o falante de elaborar seus textos; e ao ouvinte/leitor de discernir um texto de um conjunto aleatório de frases. Esta organização permite codificar significados no desenvolvimento textual e organização retórica. Nas palavras de Eggins (1994), o significado textual relaciona-se com a ordem dos constituintes na oração. Segundo

Martin et al (1999, P. 21), a metafunção trata da organização da informação em orações individuais e também da organização do discurso. De forma instintiva, o falante busca organizar seu dizer, seja na fala ou na escrita, de modo a se fazer compreender. Para isto, este falante lança mão de uma estrutura em seu texto como parte do ato comunicativo. Esta estrutura está construída na gramática da língua e ocorre no nível da oração.

Ainda sobre a metafunção textual, Thompson (2013, p.145) didaticamente assim explica e exemplifica:

Quando nós olhamos para a linguagem do ponto de vista textual metafuncional, nós estamos tentando ver como os falantes constroem suas mensagens de maneira que sejam delicadamente ajustadas dentro do evento da linguagem desenvolvida (por exemplo: que talvez seja uma conversa, ou um artigo de jornal). Assim como interagindo com seus ouvintes e dizendo alguma coisa para eles sobre o mundo, os falantes constantemente organizam a maneira das suas mensagens são expressas a fim de sinalizá-las como parte presente de suas mensagens ajustam-se com outras partes.⁴

A relevância da Metafunção Textual para os estudos do discurso realiza-se por verificar as marcas da materialidade linguística responsáveis pela sinalização do ponto de partida do locutor, como também a posição na oração em que situam as informações mais importantes para o interlocutor. Estas marcas da materialidade linguística acontecem por meio da escolha que fazemos do elemento que ocupa a posição inicial de cada oração. Este elemento é denominado de Tema, ou ponto-de-partida da mensagem. Em outras palavras, o Tema na organização temática das orações é o fator mais significativo da fluência do texto.

⁴ Tradução nossa. Trecho original: When we look at language from the point of view of the textual metafunction, we are trying to see how speakers construct their messages in a way that makes them fit smoothly into the unfolding language event (which may be a conversation, or a newspaper article, for example). As well as interacting with their listeners and saying something to them about the world, speakers constantly organize the way their message is worded in order to signal to them how the present part of their message fits in with other parts.

2.1.2.2.1 Estrutura Informacional/ Dado e Novo/ Estrutura temática/Tema e Rema

As Metafunções Ideacional e Interpessoal são organizadas em mensagem pela Metafunção Textual que as estrutura em dois sistemas paralelos e interrelacionados: a estrutura da informação, a qual envolve componentes denominados informação dada e informação nova (nível do conteúdo); e a estrutura temática, que envolve as funções denominadas Tema e Rema (nível da oração). Na estrutura da informação, segundo Halliday (2004), os segmentos são organizados e relacionados entre o que é Dado e o que é Novo. Dado é o elemento de conhecimento compartilhado ou mútuo entre os interlocutores e se constitui do que é previsível pelo contexto; trata-se não apenas do que é consenso entre o falante e o ouvinte, mas também do que é recuperável no texto e na situação. Já o elemento Novo da informação consiste não apenas no que é imprevisível para o leitor e ouvinte, mas também no que não é recuperável a partir do discurso precedente. As informações que se situam na parte que corresponde ao tema podem ter algumas funções, tais quais: a ponte entre a oração que está sendo criada e as orações que as antecedem no texto; ou sua reiteração, no decorrer do texto, pode ser relevante para destacar o assunto pretendido, ou pode estabelecer um contexto para a compreensão posterior, o rema, que é para onde a oração se direciona após o ponto de partida.

Mesmo compreendendo que as três metafunções estão sistematicamente relacionadas, é evidente que o foco de análise difere em cada uma delas. Enquanto a ideacional informa, a interpessoal interage, a textual organiza linguisticamente o texto. O nosso trabalho de pesquisa utilizará nas análises a Metafunção Textual, a qual sistematiza os significados experienciais e interpessoais.

Como já foi explicitado acima, na estrutura de informação, segmentos organizados vão sendo relacionados entre o que é Dado e o que é novo, segundo Fuzer e Cabral, (2014). Logo, o texto para ser coerente e coeso precisa avançar no nível informacional, mantendo um equilíbrio entre os elementos dados e novos. No nível gramatical, essa organização é feita pela escolha que o usuário faz do elemento que ocupa a posição inicial de cada oração, compondo a estrutura temática. Na perspectiva da metafunção textual da linguagem, a oração possui

status de mensagem, ou seja, cada oração é constituída por duas partes: O Tema e o Rema, exatamente nesta ordem. Logo, a estrutura temática é aquela que dá à oração o seu caráter de mensagem, sendo a organização temática das orações o fator mais significativo do desenvolvimento do texto, a ênfase informacional.

O que seria, então, o Tema e sua finalidade, nas palavras de Halliday (2004,p 298):

Seguindo a terminologia linguista da escola de Praga, nós devemos usar o termo TEMA como indicação para esta função. (como todas as outras funções será escrita em letra inicial maiúscula.) O tema é o elemento que serve como ponto de partida da mensagem; é o que localiza e orienta a frase dentro do contexto. A lembrança da mensagem, a parte a qual o Tema é desenvolvido, é chamada de terminologia do Tema na escola de Praga.⁵

É interessante ressaltar que, conforme aponta Halliday, (1994, p. 299) o Dado-Novo e Tema-Rema nem sempre coincidem, pois o Tema-Rema é orientado pelo falante, enquanto Dado-Novo, orientado pelo ouvinte; no entanto, o falante é que seleciona ambas estruturas na elaboração do texto. Em suma, a organização temática das orações revela como o autor vincula as informações e as orações a fim de organizar a mensagem, como também pode revelar os propósitos e atitudes do falante ou escritor. O Tema é o elemento colocado em posição inicial na oração, funcionando como ponto de partida da mensagem. Para encontrá-lo, é necessário que se identifique o primeiro elemento experiencial na oração. Para fins de ilustração, retiramos exemplos bastante elucidativos das autoras Fuzer e Cabral,(2014, p.132 e 133) quanto ao que vem a ser a estrutura temática das orações.

⁵ Tradução nossa. Trecho original: Following the terminology of the Prague school of linguistics, we shall use the term THEME as the label for this function. (like all other functions it will be written with an initial capital.) The theme is the element which serves as the point of departure of the message; it is that which locates and orients the clause within its context. The remainder of the message, the part in which the Theme is developed, is called in Prague school terminology the Theme.

Antes do jogo, Lúcio e Van Bronckhorst leem mensagem contra o racismo
 Mensagem contra o racismo é lida por Lúcio e Van Bronckhorst.

Lúcio e Van Bronckhorst leem mensagem contra o racismo.

TEMA

REMA

A regra geral é que o Tema é tudo o que se posiciona no início da oração até o final do primeiro elemento experiencial. A mudança dos elementos que ocupam a posição temática provoca uma mudança também no efeito de sentido da mensagem, já que o tema, ponto de partida escolhido pelo locutor, passa a ser um e o Rema, desenvolvimento da mensagem, passa a ser outro. Qual a importância, pois, deste elemento colocado em posição inicial. Ainda segundo Fuzer e Cabral, (2014, p.131) o tema poderá:

- fazer a ligação entre a oração que está sendo criada e as orações que vierem antes dela no texto;
- pela sua reiteração ao longo do texto, revelar o assunto em alguns tipos de texto;
- estabelecer um contexto para a compreensão do que vem a seguir - o Rema.

Neste sentido, acrescentamos mais uma explicação de Halliday (2004), ao afirmar que o Tema é uma escolha significativa que especifica o ângulo a partir do qual o falante projeta sua mensagem. A respeito do Rema, trata-se do restante da mensagem, é "para onde a oração se direciona após o ponto de partida", segundo (Martin, Matthiessen e Painter 1997, p. 21). Ou seja, o rema é a parte da oração em que o Tema é desenvolvido.

A importância do estudo da estrutura temática para nossa pesquisa recai no fato de esta ferramenta nos auxiliar na compreensão do modo como o *corpus* dos dois periódicos constroem o texto como unidade de sentido, visto que a seleção de uma estrutura temática diferente pode alterar o foco da oração significativamente, fator importante na organização discursiva. Precisamente, analisaremos como os referentes Lula e Dilma são tematizados, uma vez que o elemento que se escolhe

como tema numa oração é motivado pelo contexto discursivo, conforme as bases epistemológicas do funcionalismo, que preconizam que a organização sintática é motivada pelo contexto e intencionalidade discursiva.

O Tema integra a organização sintática e esta é a razão pela qual nosso interesse investigativo é direcionado, por entendermos o Tema como o ponto em que se concentra a informação mais valiosa para o leitor. A este propósito, Halliday (1994) faz a distinção entre Tema marcado (alternativa não usual, atípica) e não-marcado (o padrão típico, usual) para analisar certas pretensões comunicativas responsáveis pela mudança de posição. Halliday (1994, apud Fuzer e Cabral (2014, p.133 e 134) explica o Tema não-marcado quando o Tema é um grupo nominal que exerce a função de sujeito na oração declarativa, ou seja, a frase encontra-se, basicamente, na ordem direta dos termos. Nesta estrutura, o Tema escolhido não tem proeminência especial. Eis um exemplo de Tema não-marcado: "**Imprensa holandesa** destaca atuação decisiva de Sneijder contra o Brasil." Sobre o Tema não-marcado, Pagano (2005) afirma tratar-se de uma organização textual que funciona de forma autônoma e demanda pistas conceituais mínimas para a apreensão do sentido.

O Tema Marcado, esclarece Pagano (2005), põe em posição temática porções de informação que exigem pistas contextuais que evidenciem o porquê da escolha realizada, por não se tratar da disposição canônica. O Tema marcado, em outras palavras, é quando não se trata do Sujeito da Oração, quando os termos encontram-se em ordem indireta. O Tema marcado ganha mais proeminência textual. Exemplo de oração com Tema Marcado, retirado de Fuzer e Cabral (2014, p.134): "**No Twitter**, Dilma lamenta derrota da Seleção". Nas palavras de Halliday (2014, p. 98), o Tema marcado é manifesto da seguinte forma:

O tema é algo mais que o sujeito, em uma frase declarativa, nós devemos nos referir a ele como um Tema marcado. A forma mais usual de um Tema marcado é um grupo adverbial funcionando como um adjunto na frase (...) ou um grupo nominal que não funciona como Sujeito – alguma coisa que poderia ter sido o sujeito, mas não é.⁶

⁶ Tradução nossa. Trecho original: A theme that is something other than the subject, in a declarative clause, we shall refer to as a marked Theme. The most usual form of marked Theme is an adverbial group functioning as

Esta diferença entre o Tema marcado e não-marcado interfere na organização do fluxo da informação, uma vez que tal escolha deixa pistas da natureza das preocupações subjacentes do escritor/falante. Lima & Lopes (2001) afirmam que a noção de tema marcado, versus não-marcado constitui ponto polêmico na noção de Tema. Na visão deles, as discussões sobre esses conceitos estão relacionadas, sobretudo, à possibilidade de uma escolha considerada comum, a presença do sujeito na oração (Eu faço, A gente vai...), tal escolha não é típica de gêneros escritos, por exemplo, nos relatórios anuais como mostram os estudos de Siqueira 2000. Os autores ainda explicam que sentenças com Temas não-marcados são bastante recorrentes na língua portuguesa pela seguinte razão:

Tal fato torna-se possível graças ao sistema de inflexão do português, que traz em si noções de número, tempo e pessoa (quer [e] [mos]), possibilitando a recuperação do gramatical. Uma que essa é uma particularidade do nosso idioma que não é prevista pela teoria inicial de Halliday para o inglês, a classificação de estruturas onde o sujeito não é expreso torna-se problemática. (Lima & Lopes, 2001, p. 04)

É importante ressaltar também que a estrutura que traz processos na posição inicial é relativa ao meio no qual se dá o evento comunicativo; ou seja, no meio oral, é mais comum, em língua portuguesa, encontrarmos sujeitos na posição temática, ao passo que, em sentenças escritas, tal escolha é atípica. Os trabalhos de Siqueira 2000 ratificam este dizer, quando ele analisa o Tema em gêneros escritos como relatórios anuais e cartas de anúncio de produtos e serviços.

Adjunct in the clause (...) is a nominal group that is not functioning as Subject - something that could have been a subject but is not.

2.1.2.2.2 O Tema e sua diversidade conceitual

Com os estudos da dinâmica da sentença como evento comunicativo, denominado "perspectiva funcional da sentença", a noção de Tema foi articulada por Mathesius (1939) e desenvolvida por membros da Escola de Praga. Para este estudioso, o Tema é sinônimo de informação dada, o ponto de partida para a mensagem, o elemento que o falante seleciona para dar base ao que vai dizer ou escrever. Posteriormente, Halliday, na década de 60, incrementou esta noção de Tema ao modelo sistêmico-funcional. Como Halliday, (2004, p. 64), então, define o Tema? O elemento que serve como ponto de partida da mensagem; é o elemento que trata a oração, conforme definição dada acima. Este autor metaforiza o Tema como o prego em que se prende a mensagem, em referência a este elemento que atua como ponto de partida da mensagem. A leitura de Halliday quanto ao conceito de Tema diverge da aceção dos pesquisadores da Escola de Praga, uma vez que estes sobrepõem o conceito de Tema com o foco informacional, enquanto Halliday separa essas duas funções. Estes dois elementos, Tema e informação, representam dois sistemas distintos, com diferentes escolhas semânticas e distintos modos de realização.

Na visão adotada por Matthiessen (1995), o Tema serve como uma força que restringe o desenvolvimento da mensagem na oração, ao estabelecer um contexto local para que o leitor interprete a mensagem da oração. Davies (1988) também realiza estudos sobre o Tema e lhe atribui as seguintes funções: a identificação do tópico realizado pelo sujeito, o que para Halliday seria o Tema não-marcado, e elementos circunstanciais que antecedem o sujeito, o tema marcado. O Tema não-marcado para esta autora é obrigatório e atua na continuidade do tópico no texto. Já o Tema marcado é indicador de mudanças no discurso e é opcional. Ainda nas palavras da autora, os elementos na posição temática são selecionados pelo seu autor, conforme os papéis que se queiram atribuir a eles.

Outro estudioso que define o Tema, Fries (1994), realiza estudos sobre a estrutura temática. Este pesquisador afirma que no conteúdo do Tema concentra todo o objetivo do texto, assim como o tema é, para ele, o orientador da mensagem comunicada pela oração. A asserção do autor é que a informação necessária para a

preensão do leitor encontra-se no Rema, ou seja, no Rema é que se concentra a essência do conteúdo informativo e enfático. Tal conteúdo pode ser encontrado também no Tema, porém com menos incidência. Este estudioso segue a linha defendida por alguns sistemicistas, segundo a qual o Tema é incluído como tudo aquilo que precede o verbo da oração. Ainda segundo Fries (op cit), os Temas apresentados nas orações de um parágrafo são responsáveis pelo método de desenvolvimento do texto, ou seja, o conteúdo lexical dos termos em posição temática.

Alguns pesquisadores têm encontrado dificuldades quanto à interpretação da proposta caracterizadora de Halliday com relação ao Tema como o pico de proeminência em inícios de cláusulas. Ninomiya (2012, p. 47) aponta alguns pontos de divergência:

- a) a proposta de Halliday é criticada por Downing (1991), Gómes González (2000), Guijarro e Zamorano (2009), já que ele coloca em aposição, como se explicitasse o outro, dois critérios diferentes: o primeiro, de caráter sintático (primeira posição na oração), e o segundo de caráter semântico (aquilo de que trata a oração);
- b) Downing, (1991, p. 124) mostra que há muitos elementos iniciais que não estão nem remotamente ligados àquilo a que a oração diz respeito.
- c) para Halliday, apenas os Temas ideacionais são referenciais e podem receber o status de topical. Entretanto, há uma vasta classe de elementos ideacionais (adverbiais, construções existenciais, atributos prepostos, formas verbais) que podem ser colocados em posição inicial sem desempenhar uma função topical. (DOWNING 1991).
- d) Guijarro e Zamorano (2009) mostram que não é possível estabelecer sempre uma correlação automática entre o tópico (de que trata a oração) com o primeiro elemento ideacional da oração, e oferecem como exemplo o texto da História de Babar: "Na grande floresta [Tema], um pequeno elefante [tópico] nasceu", cujo Tema é realizado por um componente adverbial que não veicula informação topical, tendo como única função especificar a moldura espacial dentro da qual a interação comunicativa acontece.

Esta pesquisadora esclarece que os pontos de discordância devem-se a alguns quesitos:

a) noção de tópico, visto que o tópico é uma categoria discursiva, cognitiva e contextualmente referencial. Difere-se do Tema por ser restrito a constituintes com tratamento especial formal.

b) posição inicial, Fetzer (2008), afirma que a posição inicial pode introduzir algo de acordo com a linha de argumentação conduzida, ou se pretende introduzir uma linha diferente de argumentação. Logo, os tópicos de sentença precisam apresentar coerência com os tópicos de discurso. A este respeito, Halliday (2004) enfatiza que a primeira posição não é definição de Tema, mas apenas como ele se realiza na oração da língua inglesa. O Tema é de configuração estrutural, que organiza a oração como uma mensagem; logo, a escolha do Tema é responsável por parte do significado de qualquer oração. Assim, a aceção de Tema que adotamos na presente pesquisa utiliza-se das referenciais da Gramática Sistêmico Funcional e dos estudos hallidayanos, como o elemento que o falante seleciona para dar base ao que vai dizer, para indicar a progressão de uma informação geral para uma particular, ou mesmo de uma particular para uma geral. Como é possível também que o falante queira apresentar como dado o que é novo por questões retóricas.

Segundo Martin (1992, *apud* Ninomiya 2012, p. 51), ainda há necessidade de mais estudos sobre o Tema, para que se possam contrastar as estratégias discursivas de cada língua e chegar a um tipo de constantes contextuais, antes que se possa fazer, em larga escala, generalizações através das línguas. A autora acrescenta que há grande complexidade interna das línguas, e por isto, sugere que classificá-las apenas pela ordem básica das palavras, ou pela ordem básica do tópico, simplificaria bastante os problemas de tipologias das línguas.

2.1.2.2.3 Tema: identificação e classificação

Já que nos propusemos acima conceituar o Tema, neste tópico, procuraremos mostrar como é possível identificar a forma como ele é representado na materialidade linguística do texto e classificá-lo nas diversas orações. O próprio conceito hallidayano de Tema compreende duas categorias de análise linguística: o semântico (referente à definição de Tema, o ponto de partida, termo sobre o qual a

oração diz respeito) e o léxico-gramatical, ou seja, refere-se à identificação do Tema, sua materialização linguística do texto. É importante lembrar a distinção anteriormente feita sobre o Tema não-marcado (padrão canônico, sem proeminência especial) e o Tema marcado (padrão não canônico, com mais proeminência textual). Tal distinção é relevante para mostrar que o elemento escolhido como Tema determina a escolha do Modo da oração, já que na língua portuguesa, as orações se manifestam de vários modos: imperativo, declarativo ou interrogativo. Halliday (2014) destaca que ter posição inicial não necessariamente é definição para o Tema, mas trata-se do modo de realização na oração na língua inglesa. Para este autor, uma parcela do significado extraído da oração depende da escolha do item lexical da posição temática. Os exemplos abaixo são retirados de Halliday (2014, p.90) para corroborar tal assertiva.

The duke has given my aunt that teapot.

My aunt has been given that teapot by the duke.

That teapot the duke has given to my aunt.

Estas orações revelam que as distintas mensagens têm seus diferentes significados através da estrutura temática. Na primeira oração, a mensagem é a respeito do "duke"; a segunda, de "minha tia"; e a terceira, "a bula de chá".

Ninomiya (2012), em sua Tese de Doutorado, destaca a peculiaridade da identificação dos Temas em línguas *pró-drop*, ou seja, línguas que permitem que o sujeito seja elidido, bem como o posicionamento do verbo no início da oração. Segundo esta autora, há algumas implicações com relação ao estudo do Tema quanto ao fato de uma língua ser *pró-drop*. Dentre tais implicações, há a possibilidade de o sujeito se posicionar depois do verbo, como também esta característica sintática pode estar relacionada à riqueza morfológica do verbo em número e pessoa, o que seria redundante a colocação do pronome pela pista desinencial trazida pelo verbo.

O quadro abaixo, retirado da tese acima referida, Ninomiya (2012, p. 60) sintetiza a proposta basilar para a realização do Tema.

Quadro 8 – Tipos de Temas

Tema não marcado	Sujeito de oração declarativa (HALLIDAY 1994, p. 43) Sujeito de circunstância ou circunstância + sujeito [Tema ideacional duplo] (TERUYA 2007) Sujeito ou Processo (GOUVEIA; BÁRBARA 2002, 2004)
Tema Marcado	Qualquer elemento que não seja o sujeito (HALLIDAY, 1994) É mais temático do que o não-marcado (GOATLY, 2008)
Tema Simples	Formado por Tema Topical [=elemento ideacional] (que pode ser composto: " O menino e o gato...")
Tema Múltiplo	Formado por elemento topical e elementos de outras metafunções (interpessoal ou textual). Geralmente na ordem: textual - interpessoal - topical.

Fonte: Goatly (2008); Halliday (1994); Gouveia; Bárbara (2002; 2004)

Com relação aos diferentes tipos de oração, interrogativas, declarativas e imperativas, há diferentes configurações que o Tema pode assumir quanto ao fato de ser marcado e não-marcado. O quadro abaixo exemplifica como o Tema marcado e não-marcado pode se manifestar nos distintos tipos de orações:

Quadro 9 – Tema Marcado e Não-marcado

Tema Marcado	Tema Não-Marcado
Em orações declarativas, tendo adjunto e processo como Tema: "Em 20 anos, sobe em 39% proporção de mortes neonatais" "	Em orações declarativas tendo o sujeito como Tema: "A seleção de Dunga perdeu nas quartas de final."
Em orações declarativas tendo o Tema como complemento: " O futuro, a gente faz agora."	Em orações declarativas exclamativas: "Que tristeza foi acompanhar a derrota do Brasil."
Em orações interrogativas: Na volta ao Brasil, Dunga será demitido?	Em orações interrogativas: O que levou o Brasil à derrota?
Em orações imperativas: Você torça pelo Brasil com vuvuzela.	Em orações imperativas: Torça pelo Brasil com vuvuzela.

Fonte: Fuzer & Cabral (2014, págs 135 e 136)

Como já elucidado, as sentenças em língua portuguesa permitem o formato com posição inicial do verbo, com orações imperativas, declarativas eliminem o sujeito, embora o padrão sintático do português seja SVO como ordem canônica, posicionando o sujeito como elemento inicial. É importante destacar que não devemos analisar os Temas em língua portuguesa com o mesmo formato analítico que na língua inglesa, visto que estas duas línguas possuem distintos comportamentos sintáticos.

2.1.2.2.4 O Estudo do Rema

Quando se trata de estudos voltados para a análise da estrutura temática, o foco destes estudos volta-se mais para a análise do Tema. Segundo Ventura e Lopes (2002, P. 14), apenas Fries (1994) tem investigado o Rema, mesmo em escala menor que o Tema.. Ele que cunhou o termo N-Rema (N significa informação nova) para designar o último constituinte da oração.. Na maioria dos casos, o estudo do Rema é sempre relacionado à estrutura de informação, a informação nova, a parte da oração que possui elevado teor de informatividade. Assim, ainda conforme os autores (op cit), o N-Rema é a parte da oração dedicada à informação nova, é a parte da oração que o escritor quer que fique gravada na memória do leitor. Espera-se, portanto, que o conteúdo do N-Rema correlacione-se aos objetivos do texto como um todo, aos objetivos do segmento do texto dentro desses objetivos maiores, e também aos objetivos da sentença e da oração. Por outro lado, o Tema é o orientador da mensagem transmitida pela oração; ele diz ao leitor como ele deve entender a informação nova transmitida pela oração. Eles assim exemplificam:

O Bradesco construiu uma sólida posição no mercado dos Capitais

TEMA

REMA

Como expusemos anteriormente, acreditamos que as estruturas tematizadoras podem mudar o foco da mensagem à medida que se manipula a estrutura dos discursos propagados nos artigos de opinião. Ao atribuir status temático a determinados referentes, o leitor pode também tematizar o valor que se reserva ao que trará a seguir no Rema, responsável pela informação nova. A estrutura temática auxilia o leitor a ler o texto seguindo a lógica atribuída pelo autor para expressar suas ideias. Por esta razão, elegemos o estudo desta metafunção para desvendar posturas disseminadas em artigos de opinião, frente a um fato político largamente midiaticizado

2.2 O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO E O DISCURSO MIDIÁTICO

Sabemos que todo discurso se materializa através de textos, que, por sua vez, constituem-se num todo significativo. Segundo Marcuschi (2010, p.19), os gêneros servem para organizar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. Gênero é ação social. Neste contexto, Miller (2009, p.22) afirma que uma definição válida de gênero precisa ser centrada na ação que é usada para sua realização. Os gêneros apresentam propósito comunicativo e organização para a finalidade comunicativa que enseja. Destacamos sempre que nosso interesse não recai na mera estrutura do gênero artigo de opinião, e sim, na construção social, sobretudo no contexto político em que é analisado. Acreditamos que os gêneros possuem um papel social e por intermédio dele, os seus usuários, leitores e escritores, procuram atingir seus propósitos.

Ao tomarmos os gêneros como textos situados histórica e socialmente, de formas estilísticas e composicionalmente estáveis, como pressupõe Bakhtin (2003), com características que proporcionam a interação social, como na visão de Miller (1984), é possível que o meio tecnológico interfira diretamente na natureza e na forma de como o gênero que é produzido. No nosso caso, o gênero artigo de opinião foi coletado pela tecnologização da internet que disponibiliza em sites as edições anteriores. Neste sentido, o meio virtual atua apenas como armazenamento destes artigos; seu formato em nada altera quando comparado ao formato impresso.

Segundo Marques de Melo (2003), existem cinco gêneros jornalísticos: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário que ajudam na organização do jornalista e de sua relação com o público. O gênero que elencamos para esta pesquisa, por seu próprio nome, artigo de opinião, já indica que ele se enquadra no formato opinativo. Ou seja, tal gênero da esfera jornalística expressa opinião de autores especialistas, consagrados na temática que escrevem. O articulista, já por ser um estudioso da área e por ter reconhecida competência profissional, desperta interesse por parte do público leitor que muitas vezes procura construir seus argumentos com base naquele que é considerado o conhecedor da causa, que, por sua vez, utiliza-se de um vocabulário bastante peculiar ao campo de conhecimento que escreve. Deste modo, trata-se de uma linguagem menos fácil de

ser compreendida, exigindo um leitor mais preparado para lidar com texto mais rebuscado.

Outra característica deste gênero é que seus autores, os articulistas, são identificados; não cabendo anonimato nele. Nem sempre as opiniões e as tomadas de posição dos articulistas coincidem com a voz do periódico, como é definido o editorial, por exemplo. É perceptível o interesse maior pela leitura dos artigos de opinião quando questões sociais e políticas controversas dividem a opinião pública. Neste caso, podemos atestar que o fato político que representou o impeachment de Dilma Rousseff aqueceu a chama dos debates políticos no país, das conversas corriqueiras nos grupos familiares às redes sociais, dos cidadãos menos letrados aos grandes juristas. A polarização direita *versus* esquerda que parecia adormecida acordou no artigo de jornal, no telejornal, nos meios intelectuais na busca de argumentos que fossem capazes de passar maior confiabilidade ao público. As intenções daqueles que deixaram suas marcas nos diversos veículos midiáticos foram orientadas conforme seus respectivos lugares político-ideológicos. Eis aí a importância de se estudar a linguagem escolhida pelos articulistas para construir e perpassar este fato político que mobilizou todo um país.

Com relação ao autor do artigo de opinião, o articulista sempre tomará uma posição diante de fatos polêmicos no movimento de aproximação ou distanciamento do assunto em pauta. É como se houvesse uma identificação das vozes, daquelas que são a favor ou contra; se o articulista vai em direção ao que o leitor busca saber, este encontra sustentáculo em seu dizer. Se o articulista expuser questões desfavoráveis ao que pensa o leitor, causará indignação. Ou, a depender do teor argumentativo do articulista, este poderá convencer o leitor, já que o gênero artigo de opinião carrega o tom persuasivo e se utiliza de tipos diversos de argumentos de base filosófica, religiosa, ética ou estatística para potencializar seu dizer. O grande alvo do artigo de opinião é o leitor, colocá-lo na posição de aliado, mobilizar o público e formar opinião.

A razão que nos motivou para a escolha deste gênero para composição do corpus desta pesquisa, além das características descritas que singularizam o artigo de opinião, justifica-se pela relevância social que ele possui, por se tratar de um texto munido de argumentos bastante fundamentados, escrito por aqueles que

possuem profundidade de conhecimento no assunto em pauta. Além disto, busca, através de ferramentas retóricas próprias da linguagem persuasiva, incitar no leitor a posição favorável ao que o autor quer enfatizar. Estes textos possuem elevada capacidade de fazer com que o leitor assuma posturas político-ideológicas conforme o encaminhamento pretendido pelo veículo de propagação. Como já esclarecemos, nosso interesse investigativo é analisar através do aparato teórico de Halliday, como se articulam os artigos de opinião para se perceberem mecanismos de construção de imagem dos referentes, Lula e Dilma, frente ao impeachment.

Formar opinião, sobretudo em questões polêmicas e de grande repercussão, desperta interesse de qualquer estudioso da linguagem. No caso das revistas em foco, este interesse eleva-se pela ampla dimensão propagandística que estes veículos possuem, como já expusemos, a expressiva quantidade de leitores da *Veja* e da *Carta Capital*.

2.2.1 A lógica simbólica das mídias

Através de nossas práticas sociais, buscamos estabelecer significados capazes de realizar as mais diversas atividades: julgamentos éticos e morais, desenvolvimento de afetividades ou desafetos, construção de imagens positivas e deformantes. A mídia é co-participante dessa prática social, agindo de forma organizada e institucionalizada dentro do que se pode chamar de “fábrica da informação” e inculcando no imaginário do grande público a ideia de poder comunicacional ou informacional que detém extraordinário poder explicativo. Segundo Charaudeau (2015, p. 15), informação e comunicação são noções que remetem a fenômenos sociais, sendo as mídias um suporte organizacional que se apossam dessas noções para integrá-las em lógicas econômicas, tecnológicas e simbólicas. É dessas lógicas que o mundo político se apropria para perpetuar sua visibilidade, já que a mídia, segundo Carneiro (1996), estrategicamente, utiliza uma informação bruta e apresenta ao telespectador um discurso elaborado com imagens, testemunhos, comentários de especialistas, entrevistas com objetivo de despertar a atenção.

Charaudeau (2015) discorre sobre a integração dessas lógicas integradas nas mídias de informação. Em suas palavras, as mídias de informação funcionam sobre a lógica econômica, que faz com que o organismo de informação aja como empresa, com objetivo de criar um produto que se destaque no mercado de consumo para o público (com a participação dos meios tecnológicos acionados na confecção deste produto, fazendo de igual modo, parte desta lógica econômica). A lógica simbólica, faz com que todo organismo de informação tenha por vocação participar da construção da opinião pública. Evidentemente, estas duas lógicas coexistem na mesma instância social, a empresa, embora cada uma funcione de maneira independente. É nesta lógica, a simbólica, de servir à democracia cidadã, que circunscreve a perspectiva em termos de visão midiática adotada no presente trabalho; ou seja, valemo-nos de instrumentos de análise que possam explicar em termos de linguagem como as mídias, representadas pelas revistas semanais Carta Capital e Veja, constroem representações de personagens políticos como Lula e Dilma no período denominado de impeachment em 2016.

Como nosso foco é analisar os artigos de opinião publicizados num contexto político (o impeachment da Presidenta Dilma) e midiaticizados por intermédio de dois veículos que representativamente ecoam seus discursos sob suas respectivas correntes político-ideológicas, reconhecemos a grande potencialidade do posicionamento na mídia e a sedução que ela desperta nos leitores capaz de formar nos cidadãos representações e valores. Charaudeau em sua obra *Discurso das Mídias* (2015, p. 17) suscita o seguinte questionamento:

Por que analisar o discurso midiático, se as mídias parecem viver uma lógica comercial onde só haveria lugar para estudos econômicos, tecnológicos ou de marketing? Seria para torná-las mais performáticas e mais rentáveis nos mercados mundiais? É claro que a resposta é negativa para quem acredita que, para além da economia e da tecnologia, há o simbólico, essa máquina de fazer viver as comunidades sociais, que manifesta a maneira como os indivíduos, seres coletivos, regulam o sentido social ao construir sistemas de valores.

De fato, este questionamento sobre a lógica comercial perpassa no imaginário da comunidade leitora, tendo em vista ser a mídia uma instância de poder (ela é considerada o quarto poder) capaz de influenciar consciências, apoiada sob uma

ordem econômica, que, por sua vez, sustenta a indústria da informação e possibilita alcançar uma extensa gama de leitores/ receptores. Como a informação é veiculada via linguagem, cabe ao pesquisador de ciências humanas apropriar-se destes discursos de explicação e posicionamento da mídia para tornar mais aparente o valor simbólico do esclarecimento dos fatos. Desta forma, como afirma Fairclough (1995), a análise dos textos da mídia é relevante para focalizar como o mundo e os eventos são representados pelas vozes que ecoam distintas visões a um quantitativo expressivo de cidadãos.

2.2.2 As estratégias do Posicionamento midiático dos fatos

O ato de se posicionar, de tecer comentários e avaliações sobre os fatos é um processo de discursivização existente desde a Antiguidade. O modo discursivo desenvolvido pela mídia apresenta-se ora em forma de relatos, ora em forma de comentários imbuídos de teor argumentativo que visam a avaliar, medir, a fim de ganhar a adesão do leitor a uma tomada de decisão contra ou a favor com relação às ideias propostas. O gênero textual que elegemos para o presente estudo, o artigo de opinião, por si mesmo dá indícios da atividade jornalística que priorizaremos para este trabalho de pesquisa: a atividade de argumentar. Neste contexto, convém ressaltar que entendemos a linguagem na perspectiva de Oswald Ducrot (1987) para quem a linguagem é intrinsecamente argumentativa.

Ducrot (op cit) sustenta que a argumentatividade está inscrita na própria língua; ou seja, a linguagem é constitutivamente argumentativa e o elemento informativo deriva deste aspecto da língua e não o contrário. Para este autor, a linguagem verbal é essencialmente enunciativa, cuja razão maior de sua utilização é a intenção sempre persuasiva dos locutores. Para ele, a argumentatividade engendrada no jogo enunciativo manifesta-se necessariamente em todo e qualquer enunciado proferido pelos sujeitos.

Como abordamos neste tópico as estratégias do ato de se posicionar, comentando os acontecimentos na mídia, retomamos as reflexões de Charaudeau (2015, p: 177, 178, 180) que elucida a mecânica argumentativa em torno do

acontecimento comentado. Segundo este autor, no ato de argumentar, o ator deve problematizar seu propósito, elucidar e avaliar seus diferentes aspectos: Na instância midiática, os atos de problematizar, elucidar e avaliar em torno do posicionamento do comentador dão-se da seguinte forma:

Problematizar

Nas mídias, a problematização pode ser apresentada de diferentes maneiras: através de uma pergunta; sob a forma de uma asserção negativa: "Nós não iremos a São Francisco" (deve-se ir? E por que não ir?); sob a forma de dupla asserção apresentada como alternativa: "A Suíça: estranho modelo ou modelo estranho" (qual dos dois?); e sob uma asserção simples que incluiria uma opinião engajada ou uma apreciação orientada: "Adeus século XX!" (= será mesmo o fim do século?).

Elucidar

É esclarecer o que não se vê, o que está oculto, o que está latente, o que constitui as razões mais ou menos profundas do surgimento do fato (...) o papel do jornalista que tem o poder de elucidar, consistiria em descobrir a intenção dissimulada por trás das declarações e dos atos de tal ou qual político (...), o que tende a atribuir ao jornalista, dependendo do caso, uma imagem de detetive, de inquiridor, que aumenta a credibilidade. Esta atividade de elucidação se faz com o auxílio de diversos procedimentos: reconstituir uma sequência de fatos, seguindo relações de causa e consequência entre eles (...) Seu comentário apresenta-se como uma tradução simplificadora da complexidade dos fenômenos para torna-los acessíveis à massa. Outro procedimento seria raciocinar por analogia, isto é, apresentar explicações comparando o fato com outros similares (...) apresenta estudos de casos, ou seja, constrói hipóteses sobre desdobramentos possíveis que permitiriam prever a resolução dos fatos ou explicar suas causas.

Avaliar

Não há comentário sem que o sujeito informador expresse um ponto de vista pessoal. (...) Diz-se que as mídias não têm de tomar posição, que devem mostrar neutralidade, mas sabe-se que esta neutralidade é ilusória. Entretanto, há gêneros redacionais que se prestam mais ou menos a uma avaliação (...) É que o jornalista parte do princípio de que o consumidor de informação tem uma relação afetiva com esses tipos de acontecimento, esperando que o jornalista lhe dê razões para gozar ou detestar.

Como nossa pesquisa procura estudar os artigos de opinião publicados em duas grandes revistas de circulação nacional, consideramos relevante este destaque quanto à mecânica argumentativa do discurso da mídia tecido por Chauradeau (op. Cit). Estes acontecimentos vinculados ao ato de argumentar na esfera midiática revelam que o comentador tem consciência de que precisa tocar a afetividade do consumidor de informação para ter sua adesão e formar opiniões sobre os fatos, que

no nosso contexto de pesquisa, foram selecionados aqueles que tematizam o *impeachment* da Presidenta Dilma em 2016. Este pesquisador destaca o não compromisso com a neutralidade da mídia, o que corrobora com o que afirma Moita Lopes (2002), que todo discurso é ideológico. A mídia parece ser, de certo modo, decisiva para o desenvolvimento da sociedade, devido a sua grande influência nas instâncias sociais, visto que comumente se atribui ao discurso jornalístico o papel de arauta da verdade. Ainda corrobora Moita Lopes que a instância midiática é responsável por constituir imagens de lealdade, com a legitimação do poder; de protesto, para os cidadãos, e de denúncia, para a esfera midiática. Estas três instâncias (político, povo e mídia) representam os atores da cena política, sobretudo quando esta cena é midiaticizada. Do acontecimento em estado bruto até o texto que nos é servido pela instância midiática, há os filtros construtores de sentido. Em outras palavras, esta mecânica argumentativa problematizada, elucidada e avaliada ratifica que o ato de comentar acontecimentos é uma atividade impregnada da inescapável subjetividade inerente a estas ações, principalmente à ação de avaliar, quando o articulista lança mão dos acontecimentos suscetíveis de tocar os cidadãos e reverbera sua intencionalidade discursiva. No presente estudo, iremos analisar como tudo isto acontece na linguagem no nível léxico-gramatical.

Por fim, convém destacar o que Chauradeau (2015, p. 270 – 276) apontou o que seria a responsabilidade das mídias, sabendo que este discurso circunscreve num quadro de ação e influência, e a responsabilidade do cidadão. A responsabilidade da mídia, segundo o autor, estaria na seleção dos acontecimentos, na identificação das fontes e na prática da citação. A instância midiática deixa entender que muitos atores da vida política procuram mascarar a verdade e que seu papel é desmascarar o que é mantido oculto, ou seja, um papel de denunciador. Ela tem o poder de transformar toda pessoa, entidade ou instituição em herói ou em vilão. Da responsabilidade do cidadão, estaria o ato de exigir dos atores da máquina midiática que tenham consciência do que fazem, para que as escolhas que operam os tornem responsáveis do que fazem, seria uma possibilidade de o cidadão ter um direito de monitoração. Este direito seria não aceitar a trapaça, não aceitá-la em nome dos índices de audiência, seria recusar cair na armadilha dos efeitos produzidos pela máquina de informar: efeitos de exagero, efeitos de dramatização,

descontextualização, e da essencialização. Em suma, as mídias contribuem para a construção das opiniões, com base na verdade dos fatos ou na verdade de opinião.

Na seção seguinte, serão detalhados os procedimentos metodológicos que seguimos para a execução da presente pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANALÍTICOS

Para a composição desta seção, detalhamos como foram selecionados os artigos para a presente pesquisa e os periódicos que nos serviram de fonte de busca, ou seja, o universo da análise e a constituição do *corpus*. Em seguida, expomos as categorias de análise da tese e os procedimentos analíticos com base na vertente teórica de que nos servimos para responder os questionamentos aqui levantados. Para fins mais elucidativos, fecharemos este capítulo com uma ilustração da análise para que se possa ter mais clareza quanto à sistematização do presente estudo.

Vale destacar que este trabalho de pesquisa baseia-se na análise quantitativa e qualitativa dos dados, a fim de coletar os aspectos linguísticos capazes de testar as hipóteses que estipulamos para tal.

3.1 O UNIVERSO DA ANÁLISE E A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Como expusemos na seção anterior, o gênero artigo de opinião é um gênero textual pertencente ao âmbito jornalístico, marcado por uma situação comunicativa, fruto de fatos que dividem a opinião pública. O articulista tem a responsabilidade de trazer à tona seu ponto de vista com relação ao fato polêmico, com base em informações e argumentos coerentes e admissíveis. Por esta razão, consideramos de extrema importância investigar os artigos de opinião propagados no meio jornalístico pela força argumentativa que trazem. A mídia é uma das mais emblemáticas formas de representação da sociedade atual. Para investigar o fenômeno linguístico que buscamos e propor explicações sobre ele, sob a lupa da LSF, a presente pesquisa foi esquematizada através de um trabalho de averiguação de texto a texto. Optamos pela análise dos artigos de opinião das revistas VEJA e Carta Capital durante o ano de 2016. Estas revistas possuem periodicidade de circulação semanal e representam dois nichos político-ideológicos distintos. Segundo Miguel *et al* (2008, p.3), a VEJA foi fundada em 1968, em pleno período da ditadura militar, pelo norte-americano Victor Civita, e pelo italiano Mino Carta, ambos naturalizados brasileiros. Em 1975, Mino Carta, diretor da redação da Veja, decide

deixar a revista devido às pressões da ditadura com o periódico. Em 1994, já com a redemocratização do país, Mino Carta, unindo-se a três outros jornalistas, resolve fundar a Carta Capital.

Hoje, a revista Veja é considerada pelo público como o escudo neoliberal, com linguagem mais conservadora e de direita. Já a revista Carta Capital reveste-se de uma linguagem de centro-esquerda, defendendo a interferência do Estado nos setores sociais e ergue a bandeira ideológica da igualdade social. Estes aspectos ideológicos parecem coadunar com o período que estas revistas emergiram: Veja, no período ditatorial; Carta Capital, na reabertura da democracia do país. Não é nossa intenção aplicar métodos e teorias que expliquem e ratifiquem essas concepções ideológicas, mas trazer à tona como é construída, linguisticamente, a imagem de Lula e Dilma, no período denominado de *impeachment*, levando em consideração o fluxo da mensagem por meio de uma análise da estrutura temática e do sistema de transitividade, na perspectiva da LSF, em seus respectivos artigos de opinião.

No que toca à organização política, sabemos que o Brasil é uma República Presidencialista, modelo de governo centralista, no qual dificilmente ocorre a derrubada daquele que está no comando da nação. Desta feita, o *impeachment* torna-se um procedimento *sui generis*, fato este que só aconteceu duas vezes na história do país; em 1992 com a deposição do então Presidente Fernando Collor de Mello, e em 2016 com a saída da ex-presidente Dilma Vana Rousseff Linhares. O *impeachment* torna o ano de 2016 ideal para coleta de material para análise política, sobretudo linguística; haja vista que todos os noticiários televisivos, impressos e midiáticos guardaram seus melhores espaços para difusão de matérias e exposição de seus pontos de vista sobre a crise política vivida no Brasil. Esta é a razão de termos escolhido os artigos de opinião publicizados no ano (2016) como *corpus* para nossa pesquisa. Por isso, nosso recorte foi concebido ao mesmo tempo com os vieses político e temporal compreendendo que tais fatos são: i) de natureza política; e ii) demarcados por recortes temporais.

3.2 DELIMITAÇÃO DO CORPUS

Nossa coleta realizou um trabalho minucioso dos artigos de opinião das revistas Veja e Carta Capital, referente ao ano de 2016, nos seus respectivos sites.⁷ Estes sites possuem um link (edições anteriores) que disponibilizam todas as matérias jornalísticas que veiculam semanalmente. Fizemos uma busca e arquivamos todos os artigos de opinião que versavam sobre a crise política vivida no país, mais precisamente sobre o impeachment. Os artigos considerados válidos para nossa pesquisa foram aqueles que apresentaram maior incidência dos referentes que tomamos como base analítica: Lula, Dilma, demais termos que sinalizavam para eles. Validamos os artigos que tiveram no mínimo 15 ocorrências dos termos citados. Como Lula e Dilma foram figuras políticas de mais destaque no impeachment, seus nomes foram escolhidos como referentes para nossas análises, a fim de atender ao objetivo precípua da pesquisa que é analisar a construção da imagem de Lula e Dilma no período denominado de impeachment, levando em consideração o fluxo da mensagem, por meio de uma análise temática e do Sistema de Transitividade, na perspectiva da LSF.

A fim de delimitar um recorte para a análise geral, o critério de seleção dos artigos foi, evidentemente, o de maior regularidade dos referentes que buscamos. Para este trabalho de pesquisa, equacionamos um total de 10 artigos para análise, 05 da revista Veja e 05 para a Carta Capital. Em seguida, organizamos a divisão dos referentes e das Metafunções em quadros, tomando por início a revista Veja. O tópico seguinte exemplifica a organização destes quadros por referentes e Metafunções.

3.3 ILUSTRAÇÃO DE ANÁLISE

Para fins explicativos da forma como organizamos estes artigos na divisão por Metafunções e referentes, segue o primeiro quadro com 2 artigos da revista Veja:

⁷ www.veja.abril.com.br / www.cartacapital.com.br

Amostra do corpus:

Quadro 10 – Metafunção Textual - Referente Lula

Artigo V1 – Troca de Baralho		Artigo V2 – Tempo de desvario	
Tema	Rema	Tema	Rema
1) Tentou-se colocar	O Lula na casa Civil	1) Pois foi justamente	O que fez na última semana desse funesto mês de março, ao decidir em três minutos e por unanimidade abandonar o governo Dilma Rouseff, do ex-Presidente Lula, do PT e de todos os parasitas pendurados em todos eles.
2) Também não funcionou	Pelo jeito, a genialidade política atribuída a Lula.	2) Só um governo patologicamente ruim	Conseguiria levar um partido como o PMDB a largar o osso que roeu em mansa sociedade com Lula, Dilma e o PT, desde que foram para o Palácio do Planalto treze anos e três meses atrás.
3) Lula foi	Capaz de eleger postes como Dilma	3) Nunca se roubou	Tanto dinheiro no Brasil como nos governos de Lula e Dilma.
		4) Nunca	Houve uma campanha tão frenética a favor da corrupção como a que se fez agora sob o comando de Lula.
		5) Nunca um governo recorreu	Tanto às cestas das soluções cretinas como atual, seu único feito aí é a tentativa de obter apoio internacional contra o

			impeachment de Dilma e futuros processos penais em que Lula possa ser réu.
		6) É	Bom não contarem com Cuba: hoje o herói de lá é Barack Obama, não Lula; e o grande projeto cubano é dar-se bem com os Estados Unidos.

Fonte: Revista Veja

Entendemos que o estudo do Tema é significativo para a análise do discurso em geral e para os estudos da estrutura pela importância que se dá ao fluxo de informações apresentadas nos textos e por ser o elemento que incorpora a expressão de polaridade. Focamos nos referentes Lula, Dilma e palavras ou expressões que se referem a estes termos para analisar a construção de imagem através das duas Metafunções. Neste quadro, por exemplo, rastreamos as orações que continham os nomes de Lula e mapeamos no quadro estas ocorrências, separando conforme a posição em que se encontra, de Tema ou Rema, a fim de mostrar como, linguisticamente, opera o fluxo da mensagem por meio da estrutura temática nos artigos de opinião que sinalizam o *impeachment* da Presidenta Dilma. Tal estrutura pode desvendar em que parte da oração os propósitos do interlocutor estão marcados. Sabemos que o artigo de opinião tem um propósito de influenciar, de construir imagem de determinados participantes e nosso objetivo é investigar como a linguagem realiza este propósito no nível léxico-gramatical.

Como nosso *corpus* tem um expressivo vínculo temático, a política no contexto do *impeachment*, antes de averiguar como a imagem dos referentes é construída através das duas Metafunções, consideramos relevante contextualizar situacionalmente os assuntos específicos em pauta de cada artigo. Em seguida, partimos para os estudos das Metafunções.

Para fazermos o estudo da estrutura temática das orações, elaboramos 8 quadros para analisar a Metafunção Textual, separando as orações pelo Tema e Rema. Cada referente foi explicado em 4 quadros: 2 para as orações dos artigos da

VEJA e 2 para as orações dos artigos da Carta Capital. Como são 5 artigos de opinião de cada periódico, dispomos no primeiro quadro 3 artigos; em seguida os outros 2 restantes, dada a limitação de espaço para dispor os 5 artigos em um só quadro.

Abaixo segue um modelo para tornar mais claro o modo como organizamos este *corpus*:

- Com as orações que continham o referente Lula, especificamos a Metafunção, o periódico e destacamos sua posição se no Tema ou Rema.

- Referente Lula – Metafunção

Artigo V 1- Troca de baralho

Tema

Rema

1)Tentou-se colocar

o **Lula** na casa civil

2)Também não funcionou, pelo jeito,

a genialidade política que se atribui **a Lula**.

3)Lula

Foi capaz de eleger postes como Dilma...

Após cada quadro, expusemos as análises reveladas pelos dados.

Para a Metafunção Ideacional, utilizamos como foco as orações que continham os referentes já citados, destacamos os Processos do entorno e executamos as análises através do sistema de transitividade. Nosso objetivo nesta Metafunção foi analisar o uso dos processos preferencialmente utilizado pelos articulistas para construir a imagem dos expoentes do PT frente ao impeachment e o papel de cada referente na adjacência desses processos. Elaboramos 8 quadros explicativos da Metafunção ideacional; 4 para cada referente e 2 para cada periódico. Esquematizamos para análise da Metafunção ideacional, a separação em quadros assim organizados:

- Com as orações que continham o referente Lula, identificamos acima de cada quadro o referente, a Metafunção e o periódico. No quadro, destacamos os processos vinculados a este referente:

- Referente Lula – Metafunção Ideacional

Artigo V 1- Troca de baralho

- 1) Tentou-se **colocar** o *Lula* na casa civil.
- 2) A genialidade política que se **atribui** a *Lula* e que iria mudar tudo no fim do jogo
- 3) *Lula* foi capaz de **eleger** postes como Dilma Rousseff.

Em seguida, classificamos os Processos e o papel dos referentes a eles associados:

Exemplos:

- (1) Meta do Processo Material: Tentou-se colocar Lula na casa civil.
- (2) Meta do Processo Material: A genialidade política que se atribui a Lula...
- (3) Ator em Processo Material: Lula foi capaz de eleger postes como Dilma Rousseff.

Após as classificações das orações, expusemos as explicações relativas aos dados.

Após expor as orações dos artigos com foco no referente Lula, com análise da Metafunção Textual da VEJA e da Metafunção Ideacional da VEJA, mesmo percurso foi traçado com as análises dos artigos da Carta Capital: Lula na Metafunção Textual da Carta Capital e Ideacional da Carta Capital.

Retomamos os mesmos percursos acima descritos com a referente Dilma:

- Primeiro com a Metafunção Textual da Revista Veja. No quadro, separamos as orações com a referente Dilma e destacamos sua posição na estrutura temática, se no Tema ou no Rema;

- Referente Dilma – Metafunção Textual

Artigo V5 – Na véspera

Tema

Rema

- | | |
|--|---|
| 1) A sorte de Dilma | |
| 2) tal qual as coisas se apresentavam na semana passada, é | O fim iminente do governo Dilma Rousseff . |
| 3) A divulgação da delação do senador Delcídio do Amaral em que a presidente aparece | Enredada na compra da refinaria de Pasadena... |
| 4) Motivo para afastá- | -la não seria agora uma technicalidade, como as pedaladas fiscais. |
| 5) Dilma arrisca | Os últimos lances e perde. |
| 6) O isolamento da presidente, sua inépcia pessoal e a inoperância do governo permitem entrever | Até a hipótese de renúncia. |
| 7) Dando-se a deposição de Dilma pela cassação da chapa ainda neste ano, teremos | Nova eleição. |
| 8) Quem pensa que qualquer um é melhor que Dilma certamente não inclui | Lula em seus cálculos |
| 9) Ao contrário do que ela apregoa | |
| 10) não é que Dilma não queira influir | Na lava jato |

Após os dois quadros com a Metafunção Textual da VEJA com as respectivas explicações, segue o quadro com as orações que continham a referente Dilma, destacando os processos a ela adjacentes:

- Referente Dilma – Metafunção Ideacional

Artigo V 1- Troca de baralho

- 1) Há pelo menos umas boas 25 opções de respostas para **explicar** a liquidação *da presidente Dilma Rousseff e seu governo*.
- 2) (...) ao longo de toda sua agonia, *Dilma* jamais **conseguiu se defender** com coerência das acusações que recebeu.
- 3) Parece claro, em todo caso, que nunca existiu dentro dos limites da força humana nenhuma possibilidade de **fornecer a Dilma** uma defesa minimamente razoável.
- 4) *Dilma* não **praticou** todos os erros, é claro.
- 5) chegou-se a garantir que ele ia **liquidar** a fatura em *favor de Dilma*.
- 6) Lula foi capaz de **eleger** postes como *Dilma Rousseff*.

Após o detalhamento dos Processos contíguos à referente Dilma, classificamos estes processos com destaque para o papel que Dilma ocupa no Sistema de Transitividade a ela associado.

Em suma, expusemos as análises obtidas a partir da observação dos dados sistematizados nos quadros. Os resultados foram expostos por referente, Metafunção e revista. Iniciamos com o referente Lula pelo fato de ele ter sido Presidente antes de Dilma. Em seguida, analisamos o material sobre ele nas duas Metafunções: primeiro na revista Veja; em seguida, análise do referente Lula nas duas Metafunções da revista Carta Capital. Estes mesmos passos foram seguidos na análise da referente Dilma. Por fim, buscamos evidenciar as semelhanças e diferenças no comportamento que cada periódico possui nas unidades organizacionais dos artigos de opinião, quanto aos referentes e às duas Metafunções.

3.4 RESUMO DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DO CORPUS

- Elaboração de quadros com as orações em Tema e Rema, conforme a presença dos referentes Lula, Dilma, ou termos a estes vinculados;
- Análise da estrutura temática por referente, destacando o que cada periódico privilegia e o que subjaz a tais escolhas;
- Análise do Sistema de Transitividade por referente, verificando os Processos que predominam em cada periódico e o que subjaz a tais predominâncias com relação à posição que ocupam os referentes.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Conforme o percurso metodológico que expusemos, partimos então para averiguar os dados que coletamos, os artigos de opinião das revistas Veja e Carta Capital, publicizados no ano de 2016, com foco no *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff, a fim de obter as respostas às questões de pesquisa desta tese. Antes de analisar as orações sob o enfoque sistêmico-funcional, consideramos relevante apresentar uma síntese a fim de contextualizar o assunto focalizado em cada artigo de opinião, ou seja, uma análise político-social destes artigos, ou seja, o Contexto de Situação. Fomos guiados pelos objetivos que traçamos para esta pesquisa, objetivos estes que têm nos direcionado para obtenção de respostas que revelem como as escolhas lexicogramaticais realizadas na estrutura temática e no Sistema de Transitividade articulam-se nos artigos de opinião para reverberarem a imagem dos referentes em foco.

No Contexto de Cultura, a realização do gênero artigo de opinião midiaticizado envolve o posicionamento avaliativo do articulista. Quanto ao Contexto de Situação, com base nos pressupostos de Halliday (seção da fundamentação teórica), podemos traçar a seguinte constituição de nosso corpus: a) no Campo: trata-se de produções textuais de cunho subjetivo que argumenta o *impeachment* segundo a orientação do articulista sobre o fato; b) Relação: o articulista, um profissional da área jornalística que denota conhecimento sobre política e mais precisamente sobre as implicações em torno do *impeachment*, escreve para um público específico que possui ideias convergentes às propagadas pelo periódico; c) Modo: a língua realiza-se na escrita persuasiva, apresentando argumentos que trazem sustentação ao posicionamento que firmam perante o *impeachment*.

Após sistematizados os artigos de opinião em orações dispostas nos quadros, conforme nosso foco de estudo, apresentamos os resultados que obtivemos. Optamos por expor estes resultados organizados por referente/Metafunção/revista em quadros; em seguida, suas respectivas análises. Novamente estes mesmos passos foram seguidos com o referente Dilma e termos vinculados, executando as análises com os 5 artigos de opinião, em cada Metafunção da revista Veja e da revista Carta Capital. Cada Metafunção é explicada em dois quadros por revista e referente; dado o volume dos cinco artigos por revista, não foi possível dispô-los em

um único quadro apenas. Por fim, trazemos o estudo comparativo dos dados analisados e o comportamento de cada periódico para com os referentes.

Os dez artigos selecionados para análise têm os seguintes títulos:

Revista Veja: 1) Troca de Baralho, 2) Tempo de desvario, 3) Paraíso Perdido, 4) Tudo desigual, 5) Na véspera.

Revista Carta Capital: 6) Carta do Doutor Roberto, 7) Medo de Lula, 8) A inteligência impotente, 9) Lula, o “xis” da questão, 10) Quem é líder?

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO POLÍTICO SOCIAL DOS ARTIGOS SELECIONADOS COMO CORPUS

Artigo VI – Troca de Baralho

O artigo “Troca de Baralho” tenta desmistificar o empreendimento do governo Dilma e sua base de apoio de que o impeachment seria um golpe. Mesmo trazendo o argumento de que o afastamento da presidente por mera fraude nas contas públicas não foi levado em consideração pelos deputados federais, já que existe um monumento histórico, a corrupção, desenvolvido dentro dos governos petistas. E quanto à afirmativa que tanto Eduardo Cunha quanto Michel Temer conspiraram para a retirada de forma ilegítima da presidente, o autor tenta colocar que os dois, ora embaixadores da antidemocracia, eram aliados de primeiro tempo do governo. Para isto, o articulista recorre a inverdades, como acusar o presidente da câmara ,Eduardo Cunha, de só ter praticado falcatruas no período dos governos do PT. Quando se reporta à tentativa do ex-presidente Lula em ajudar o governo Dilma, o articulista faz questão de elencar que o ex-presidente estaria “encrencado” e precisaria de tempo para resolver seus problemas, realçando sua forte avaliação quanto ao fato analisado. Quanto ao contexto de situação, com base nos pressupostos de Halliday, podemos traçar a seguinte constituição de nosso corpus: a) no Campo: trata-se de produções textuais de cunho subjetivo que argumenta o *impeachment* segundo a orientação do articulista sobre o fato; b) Relação: o articulista, um profissional da área jornalística que denota conhecimento profundo sobre política e mais precisamente sobre as implicações em torno do *impeachment*,

escreve para um público específico que possui ideias convergentes às propagadas pelo periódico; c) Modo: a língua realiza-se na escrita persuasiva, apresentando argumentos que trazem sustentação ao posicionamento que firmam perante o *impeachment*.

Artigo V2 - Tempo de Desvario

No artigo “Tempo de desvario”, o articulista, ao utilizar um jargão que ficou muito conhecido e proliferado pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, o “nunca antes neste país”, tenta convencer seus leitores de que o problema da corrupção no Brasil tornou-se muito maior e nunca foi tão grande quanto nos governos petistas. Utiliza-se de argumentos que incitam desconfiança, como por exemplo, quando um partido fisiologista como o PMDB, que sempre foi governo desde a eleição indireta que consagrou a chapa Tancredo/Sarney, “tira o corpo fora” é porque o governo da presidente Dilma, de fato, não serviria mais para nada. Tenta também trazer a pecha de legalidade do procedimento de impedimento da presidente, ao abordar detalhes técnicos como a ideia de que o impeachment deveria seguir, como *quorum* a ser alcançado em ambas casas legislativas. Traz ainda como voz de autoridade a posição de uma líder de extrema esquerda que concorda com o impeachment, mesmo que seja o único pensamento que ambos, articulista e deputada esquerdista, compartilhem. Por fim, traz em seu texto, que a defesa do projeto petista seria o mesmo que defender de forma frenética a corrupção e tenta passar a ideia de que existe uma tentativa de o ex-presidente tentar interferir nas investigações criminais do país.

Artigo V3 – Paraíso Perdido

Em “Paraíso Perdido”, o articulista tenta passar a ideia de que todos os procedimentos adotados pelo governo de Lula/ Dilma/PT estavam errados e desembocaram na grave crise e recessão pela qual o país atravessa. Ao trazer os meandros da crise política e econômica, atribui ao governo petista a incompetência pela tomada de medidas inadequadas. Era esperado que em algum momento do texto, trouxesse um balanço entre os movimentos cíclicos que acompanham os períodos governos *establishment* capitalistas. Era esperado também que trouxesse

como o contraponto de suas afirmações a grande crise financeira pela qual o mundo passou em 2009 com a quebra do Lehmon brothers, de modo que o país teria que se adaptar naquele momento aplicando medidas anticíclicas como redução de juros, de bens de consumo, barateamento de crédito pessoal. Não considera que as presentes medidas seriam paliativas e que no futuro o governo precisaria reenquadrar o rumo administrativo e econômico de suas ações. O articulista tenta associar os atos de melhorias sociais, vitrine da gestão petista, como propagandas falaciosas. Por fim, tenta passar a imagem de que em momento algum, o governo estaria preocupado em resolver os problemas do país, e sim sua permanência na estrutura de poder.

Artigo V4 – Tudo Desigual

O autor do presente artigo (Tudo desigual) traça um paralelo sobre os 13 anos e 3 meses do governo petista já carimbando na entrada de sua escrita que o governo Lula/Dilma não teria realizado nada de relevante para o país. Este partido, na visão do autor, criou na verdade uma sucursal de aberrações político-administrativas, com base na identidade ideológica do partido ao confundir quebra de paradigmas com fazer o contrário do que a lógica recompensa. Faz essa introdução para poder relacionar o que na visão dele seria a quebra definitiva de todos os padrões éticos aceitáveis; ou seja, a nomeação de Lula para Ministro da Casa Civil com fito exclusivo de fugir das investigações da operação lava jato. Para reforçar sua tese e prender o leitor a seus argumentos, distorce frases atribuídas por Lula no passado, no qual este afirmara que só quem iria para cadeia seria pobre e preto, e que ladrão viraria ministro. O autor deixa claro todo seu ponto de vista ideológico ao não analisar no artigo a ilegalidade do grampo autorizado pelo juiz Sérgio Moro. Não se preocupou em passar para o leitor que a medida foi ilegal, ateve-se apenas ao seu conteúdo, provando que no Brasil somos um país que só se preocupa com os fins e releva sempre os meios utilizados para tal. Por fim, tenta passar a ideia de que o PT, Lula e seu governo constroem uma imagem de que todos os políticos são iguais. Contudo, o próprio autor, ao encerrar seu artigo deixa bem claro, levando ainda em consideração que o país estava à beira de um processo de impeachment, que o que viria após PT seria muito melhor, pois nada seria tão ruim como o governo atual do Brasil.

Artigo V5 – Na Véspera

O articulista Pompeu de Toledo em seu artigo “Na véspera”, traça um paralelo e coloca a véspera da votação do *impeachment* no mesmo patamar de ruptura histórica ocasionado pelo suicídio do ex-presidente Vargas e o início do golpe de 1964. Do ponto de vista do autor, o mote que levou à abertura do impeachment possui tecnicidade de duvidosa aceitação, ao passar a impressão de que as chamadas pedaladas fiscais foram o engodo para todos os problemas políticos e econômicos enfrentados pela então presidente Dilma. Faz a ressalva de que a delação premiada conferida por Delcídio Amaral traria Dilma para dentro da lava jato e conferia contornos de corrupção em suas campanhas. Diante dos fatos narrados e com caracterizações que figuram a então presidente Dilma como sua inépcia pessoal, seu isolamento e a inoperância do governo respaldada pela incapacidade de gerar impressões positivas junto à opinião pública, deixa escancarada a previsão que aconteceria na votação do impeachment: a autorização da abertura pela câmara dos deputados.

Como guru e principal fiador da presidenta Dilma, o ex presidente Lula passou a ser figura central das negociações anti-impeachment. O articulista avalia negativamente a atitude do juiz Sérgio Moro, principal condutor das operações lava jato, ao conduzir Lula coercitivamente para prestar esclarecimento. Este ato reacendeu a militância de esquerda, acirrando ainda mais profundamente a divisão na qual o país se encontra.

Dentro do contexto pré-impeachment, o articulista ressalta as probabilidades de afastamento da presidente como a falta de esperança em resolver os problemas apresentados, já que os possíveis sucessores da então Presidenta não trariam garantia de estabilidade política do país. Por fim, rebate a impressão passada por petistas de que a então presidente não interfere na operação lava jato por posição republicana de respeito às instituições postas, sendo na verdade tal atitude mais uma fraqueza em enfrentar os poderes estabelecidos. Como fechamento, faz alusão ao fim de outros governos como o de Collor e a falta de resiliência brasileira em combater os escândalos de corrupção, pois o velho Brasil não abre espaço para o novo, transparecendo dessa maneira a ideia de que o impeachment na verdade se dá mais por uma locação de forças turvadas do poder do que o encontro do novo

Brasil com procedimentos éticos e culturais condizentes com os princípios republicanos.

Artigo CC 6 – Carta do Doutor Roberto

Neste texto, o articulista, ao lembrar o episódio em que o dono das organizações Globo, Roberto Marinho, enviou uma carta ao então candidato a Presidente Lula, após o famigerado debate ocorrido no ano de 1989 entre os candidatos Lula e Fernando Collor de Melo. O autor mostra que, apesar de toda ciceroneagem do então todo poderoso Roberto Marinho, este deixa escapar em alguns momentos sua pretensa suposição superior em relação ao destinatário, ao considerar que a publicação da carta seria uma homenagem ao emissário. Contudo, o articulista refaz esse longo caminho para esclarecer que a bem do mal, Roberto Marinho deixou claro que fez oposição a Getúlio Vargas, a Jango e de forma enviesada ao próprio Lula, porque como missivista, teria o direito de ser opositor àqueles que, por convicção, ele entende ser problema para o país. Com tudo relatado, o articulista retoma a carta escrita por Roberto Marinho e afirma que, apesar dos pesares, mantinha a ideia de respeito à democracia, o que, deliberadamente, pela posição atual das organizações Globo, foi amplamente desrespeitada pelos seus filhos herdeiros, haja vista o posicionamento golpista em relação ao afastamento de Dilma Rousseff.

Artigo CC 7- Medo de Lula

No artigo “Medo de Lula”, o articulista Mino Carta tenta trazer em seu texto que existe uma vinculação entre as elites brasileiras para que o *status quor* seja mantido. Para exemplificar, ele traz à memória um acontecimento: o convite do proprietário do grupo Folha de São Paulo, Otávio Farias, ao então candidato a Presidente, Luís Inácio Lula da Silva. Nesta ocasião, o filho do anfitrião dirige-se a Lula com a frase de que um metalúrgico jamais conseguiria governar bem o Brasil. Com isto, traz falta de parcialidade nas informações e a dobradinha entre a “República de Curitiba”, a imprensa e o judiciário que se esforçam em divulgar

delações premiadas de forma seletiva, passando a ideia de veracidade, mesmo que de forma montada, ou fragmentada. Argumenta também que a grande mídia busca derrotar o ideal de governo petista, pelo fato de que nestes governos, existiram critérios técnicos na distribuição das verbas de publicidade, o que não ocorrera no governo de FHC e muito menos vem ocorrendo, nas palavras do articulista, no presente regime de exceção. Digno de nota neste artigo é que, com sutileza que lhe é peculiar e com a forma direta que sua coragem demonstra, o articulista ainda associa a imagem do juiz Sérgio Moro a um fascista, ao fazer menção ao juiz como o camisa preta. O autor destaca que existe falta de verdade factual nos textos trazidos pela grande mídia brasileira. Por fim, retoma o assunto do início de seu artigo, que é o tom elogioso ao ex-presidente Lula e, como grande articulista, não podemos deixar passar a fina ironia de sua afirmação, haja vista que Lula é tratado como analfabeto e ignorante pela maioria dos jornalistas.

Artigo CC8 – A inteligência impotente

O articulista tenta relacionar a aceitação por parte da sociedade brasileira quanto ao processo de impeachment que tolheu do poder a ex-presidente Dilma Rousseff pela ignorância do povo brasileiro. A razão que ele alega é que seria inaceitável viver com tamanho desequilíbrio social e corrupção e apoiar o impeachment por uma pedalada fiscal que não se provou verdadeira. Traz ainda a figura de políticos como Cristovam Buarque que, mesmo entendendo ser a presidente uma pessoa honesta, não poderia em sua versão se render a sua responsabilidade de cidadão e parlamentar, pois se convenceu, sem convencer ninguém, de que as pedaladas eram crime. Traz, como bojo de todo processo de impeachment, a necessidade da casa grande, do elitismo brasileiro e critica, mesmo sem mencionar, a política de alianças do PT para se perpetuar no poder, com a afirmação de que jamais a elite brasileira aceitaria um governo de esquerda ditando as políticas públicas do país. Elenca ainda que a grande mídia possui opinião uníssona e faz parte do grande conglomerado elitista que sempre se sobrepôs no país. Ao citar Moro, compara a operação lava-jato com a operação mãos limpas da Itália, afirmando que os vazamentos seletivos perpetrados por Moro em nenhum momento serviram para combater a corrupção alastrada pelo Brasil, mas sim para defenestrar do poder um

único partido e seu governo. Por fim, o articulista menciona que a aceitação da população brasileira e a falta de democracia manifestada no golpe são superiores à situação de 64, já que neste ano, houve uma insurgência pró-democracia; enquanto que em 2016, houve a aceitação da chibata vinda da casa grande, sendo que esta estava adormecida depois de quase 400 anos de golpe nos moradores da senzala.

Artigo CC 9 – Lula, o xis da questão

O presente artigo de forma implícita e concisa tenta demonstrar que o “X” de toda operação lava jato, assim como o impeachment da Presidenta Dilma, está relacionado com a vantagem demonstrada que ex-presidente Lula vem conquistando no país, segundo as pesquisas eleitorais. Traz como poucas matérias publicadas no Brasil, a ilegalidade cometida pelo juiz Sérgio Moro, ao divulgar áudios grampeados em conversas com uma Presidenta da República e deixa claro que os poderes, a elite e a imprensa ignoram o crime cometido, apesar da gravidade. Segundo o articulista, estas três instâncias estão a serviço de um objetivo comum, evitar o retorno da pauta implantada pelo PT, durante os 13 anos em que foi governo; contudo deixa evidente a luta e a garra da presidenta Dilma em lutar pelo governo que democraticamente a ascendeu. Quanto a Lula, aborda sobre as forças de oposição do Brasil que enfrentam um dilema: ou Lula transforma-se em um mito, caso seja preso, ou vence novamente a eleição, se puder ser candidato. Desta forma, o articulista passa a mensagem de que as instituições brasileiras estão corrompidas pela ganância e vontade de estabelecer uma pauta que não foi aprovada pela maioria dos eleitores.

Artigo CC 10 – Quem é líder?

O autor do presente artigo, no início de seu texto, já deixa bem claro que houve uma tentativa evidente de que o impeachment imposto à Presidente Dilma Rousseff tenha sido apenas uma batalha vencida pelas forças golpistas. O grande objetivo do impeachment seria a destruição total do PT e de seu maior líder, o ex-presidente Lula. Como forma de esclarecer e didatizar seu texto, traça um paralelo histórico sobre a guerra entre Roma e Cartago. Neste contexto, o império romano

não se conteve em apenas vencer batalhas contra os cartagineses; destruiu toda civilização Cartagena, determinando o fim da cultura de um povo. Para isto, estabelece uma clara simbiose entre a atuação do Ministério Público, Poder Judiciário e as forças conservadoras que não aceitam, pelas pesquisas de opinião realizadas, o ex-presidente Lula ser favorito ao próximo pleito eleitoral e a maior liderança política do país. Como compensação para tamanha idiossincrasia por parte dos golpistas, o autor traz dois exemplos de líderes políticos que, por possuírem alta popularidade em certo momento de seu governo, flertaram e casaram com o autoritarismo, a exemplo de Getúlio Vargas no Brasil, como conceito antigo, e Edorgan na Turquia, como conceito moderno. Relata ainda o autor que tanto Lula quanto o PT sempre tiveram respeito pela democracia e apesar de todo o programa de inclusão social sempre foram abertos ao capitalismo, deixando inclusive de ser súcubo dos maiores países do mundo. Deixa claro que o problema da casa grande, parafraseando Freire, não é o conceito, e sim o modo, pois não aceitam que o papel de protagonista que o Brasil passou a desenvolver nos governos do PT, tenha sido responsável por levar o país a outro patamar, assim como na era Vargas. Se com este Presidente a forma de entrar para a história foi o suicídio, com Lula, querem levar à prisão. Porém, como hábil político que é, talvez seja a própria opção do *sapo barbudo* não ser apenas o maior líder popular da história do país, e sim, seu maior mártir.

4.2 OS REFERENTES LULA E DILMA: SIGNIFICADO TEXTUAL E IDEACIONAL

Nesta etapa, o propósito do estudo é refletir sobre o Tema, ponto de partida da oração, que destaca o assunto sobre o qual a oração diz respeito, e o Rema, aquilo que se diz com referência ao Tema, como elenca Halliday (1994). Nessa mesma perspectiva, reportamos, também, aos estudos de Ventura e Lima-Lopes (2002) que discutem exemplos de diferentes Temas usados em Língua Portuguesa.

Além disso, destacamos o uso do referente Lula no âmbito da Metafunção Ideacional, dialogando com os estudos de Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004). No caso, foi possível permitir a constatação de que a linguagem, além de ser

uma forma de significação do mundo, é também uma forma de ação sobre o mundo e sobre o outro.

4.2.1 Referente Lula

Seguindo os princípios teóricos e metodológicos da LSF, apresentamos, nos quadro 1 e 2, como o referente Lula se manifesta nos artigos estudados no Tema e no Rema e se a organização desses textos reflete na ideologia da revista VEJA. E, nos quadros 3 e 4, estudamos os Participantes da oração mais recorrentes no âmbito da Metafunção Ideacional, coletados nos artigos da revista VEJA, no intuito de compreender o papel que Lula ocupa por meio do sistema de transitividade.

Quadro 11 – Metafunção Textual Referente Lula- Revista Veja

Artigo V1 – Troca de baralho		Artigo V2 – Tempo de desvario		Artigo V3 – Paraíso Perdido	
Tema	Rema	Tema	Rema	Tema	Rema
1) Tentou-se colocar	O Lula na casa civil ¹	1) abandonar	o governo Dilma Rouseff, do ex-Presidente Lula , do PT e de todos os parasitas pendurados em todos eles.	1) Onde foi parar	neste começo de 2016, o caminho novo que, segundo o ex-presidente Lula , o operário brasileiro , finalmente teve dinheiro e crédito para comprar, por conta das virtudes de seu governo?
2) Também não funcionou,	Pelo jeito, a genialidade política que se atribui a Lula .	2) Só um governo patologicamente ruim	Conseguiria levar um partido como o PMDB a largar o osso que roeu em mansa sociedade com Lula , Dilma e o PT, desde que	2) Onde poderia estar circulando	O trem bala que, segundo Lula , garantiu mais de uma vez seria inaugurado dali a pouquinho

			foram para o Palácio do Planalto treze anos e três meses atrás.		
3) Lula foi capaz de eleger	Postes como Dilma	3) Nunca se roubou	Tanto dinheiro público no Brasil como nos governos de Lula e Dilma.	3) O Brasil entrou	Na OPEP como Lula previa diante da nossa transformação em potência na produção de petróleo?
		4) Nunca houve	uma campanha tão frenética a favor da corrupção como a que se fez agora sob o comando de Lula .	4) Aliás, por falar nisto,	Quando foi a última festa para comemorar mais uma descoberta do pre-sal com Lula e Dilma fazendo aquelas marcas pretas de óleo nos uniformes cor de laranja com que eram fantasiados.
		5) seu único feito aí é	a tentativa de obter apoio internacional contra o impeachment de Dilma e futuros processos penais em que Lula possa ser réu.	5) Seria interessante saber	Onde foi parar o investimento que as grandes agências mundiais de avaliação de risco deram ao Brasil, pouco tempo atrás, prova definitiva, segundo o governo, de que o mundo capitalista enfim se curvava diante da gestão econômica de Lula , Dilma, PT e suas “políticas sociais”.
		6) É bom não contarem	Com Cuba, hoje o herói de lá é Barack Obama, não Lula , e o grande projeto	6) Este é o país que resultou	Na prática dos treze anos de Lula , Dilma e o PT.

			cubano é dar-se bem com os Estados Unidos.		
		7) Lula é	Indefensável.	7) O mesmo se pode perguntar	Em relação ao gostinho declarado pelo ex-presidente em ver o Primeiro Mundo em crise

Fonte: Revista Veja

4.2.1.1 Análise do Quadro 11

Este artigo traz o referente Lula tematizado apenas 2 vezes, sendo uma desta posição temática utilizada como um termo para se referir a Lula. É possível perceber a pouca menção a Lula, tendo em vista a centralidade semântica e argumentativa voltada para Dilma. Na primeira oração em destaque, o tema é ideacional e traz Lula no rema “*Tentou-se colocar o Lula na casa civil*”, numa remissão a este episódio, realizado numa tentativa de dar foro privilegiado ao referente Lula. Neste caso, coincide a informação nova da oração na localização do Rema, o fato de que Dilma havia chamado Lula para ser Ministro da Casa Civil.

No nosso entender, há uma relativização quanto a informação nova, ou seja, para o leitor, a informação pode não ser nova, dado seu conhecimento de mundo que já o faz conhecedor de tal fato. Na oração 2 “*Também não funcionou pelo jeito, a genialidade política que se atribui a Lula*”, o referente Lula é colocado na posição do rema, que mais uma vez, traz a informação nova da oração, a ironia de que este referente seria um gênio na política. Com relação à oração 3) “*Lula foi capaz de eleger postes como Dilma...*”, temos o referente Lula em um Tema Tópico, que são Temas responsáveis pela introdução dos personagens de destaque no artigo. Houve também uma subdivisão do Tema; ou seja, o elemento do Rema da oração 2, Lula, desdobrou-se em temas nas orações subsequentes. Este se revela um padrão de progressão que propicia dinamicidade ao artigo. A oração 3 se inicia com Lula tematizado que atua na forma de identificado, por um processo relacional “foi capaz”. Este tema topical não-marcado corresponde ao sujeito da oração e traz no

rema informações novas que direcionam para o teor argumentativo perpetrado pelo articulista.

Já o artigo de opinião *Tempo de Desvario* traz o referente Lula 7 vezes, mas apenas na 7ª oração, há ocorrência do referente Lula em posição temática, embora o conteúdo semântico em torno deste referente assemelhe nas posições do Tema e Rema: o de levar a indução do governo Lula como um exemplo de má gestão. Vejamos a oração 1) *“Pois foi justamente o que fez na última semana desse funesto mês de março, ao decidir em três minutos, e por unanimidade, abandonar o governo Dilma Rousseff, do ex-presidente **Lula**, do PT e de todos os parasitas pendurados em todos eles.”* Há um tema textual, configurado ao fazer um link com a pergunta que antecede e situa Lula no Rema. Nas orações 2) *“Só um governo patologicamente ruim conseguiria levar um partido como o PMDB a largar o osso que roeu em mansa sociedade com Lula, Dilma e o PT desde que foram para o palácio do Planalto treze anos e três meses atrás.”* e 3) *“Nunca se roubou tanto dinheiro público no Brasil como nos governos de **Lula** e **Dilma**.”* o referente em questão, Lula, está presente no Rema, onde traz a informação nova de que o governo patologicamente ruim seria o de Lula e de que o maior desvio de dinheiro público do país teria sido em seu governo.

Estas informações trazidas sobre Lula no Rema levam o leitor a inferir que a mensagem pretendida, de uma negativa construção de imagem do referente Lula, será o pano de fundo do artigo como um todo. Nas orações 4, 5 e 6 que trazem Lula no Rema delineia-se a mesma perspectiva de análise da mensagem, a avaliação negativa de Lula, na inserção deste nos processos penais e na quebra da imagem de herói de Cuba, fato que em outrora se consolidou na imagem do ex-presidente Lula, mas agora atribuído ao ex-presidente americano Barack Obama. Por fim, a oração em que Lula é tematizado em forma de atributo, “Lula é indefensável”, já que traz o processo relacional “ser”, revela-se um Tema Tópico que proporcionou proeminência ao artigo por ser uma estrutura que trouxe ênfase na finalização do texto, visto que Lula foi representado, por uma voz de autoridade, uma deputada de extrema esquerda, como aquele cidadão incapaz de ser inocentado das acusações que lhes são feitas. O referente Lula é apresentado com mais incidência, neste artigo, no Rema, nas informações novas ou inferíveis pelo leitor.

Quanto à estrutura temática, o artigo Paraíso Perdido apresenta 7 menções ao referente Lula, e todas elas estão localizadas no Rema. As orações “1) *Onde foi parar neste começo de 2016, o carrinho novo que, segundo o ex-presidente **Lula**, o operário brasileiro finalmente teve dinheiro e crédito para comprar, por conta das virtudes de seu governo?*” e 2) “*Onde poderia estar circulando o Trem Bala que, segundo **Lula**, garantiu mais de uma vez, seria inaugurado dali a pouquinho e calaria a boca dos que torcem contra o governo?*” trazem tema interpessoal configurado por um elemento interrogativo, o que codifica um levantamento irônico dirigido às ações que supostamente foram ovacionadas pela gestão da era Lula. A oração 3, “*O Brasil entrou, afinal, na Opep, como Lula previa diante da nossa transformação em potência na produção de petróleo?*” traz um tema ideacional não-marcado e lança o referente Lula para o Rema onde a informação nova é construída.

Este estilo de escrita de situar Lula no Rema se apresenta bastante recorrente no presente artigo. Vale ressaltar que, no Rema, onde consta o referente Lula e onde há a informação nova ao leitor, o recurso estilístico da ironia é fortemente marcado em quase todas as orações que trazem o referente Lula. Na oração 4, “*Aliás, por falar nisso, quando foi a última festa para comemorar mais uma descoberta do pré-sal, com Lula e Dilma fazendo aquelas marcas pretas de óleo nos uniformes cor de laranja com que eram fantasiados?*” há um tema múltiplo, o que contribui para a coerente organização do texto enquanto mensagem.

O referente Lula, novamente encontra-se no Rema, com uma informação nova por não ser retomada no texto nem no contexto. Na última oração, “*Este é o país que resultou na prática, dos treze anos de Lula, Dilma e PT.*”, o tema é ideacional, por iniciar por um processo, e traz Lula na posição de Rema. Desta vez, o Rema apresenta uma informação que não é nova. Pela própria maneira como o articulista conduziu toda sua carga argumentativa, esta informação é dada por inferência ou conhecimento de mundo do leitor.

Quadro 12 – Metafunção Textual Referente Lula

Artigo V4 Tudo desigual		Artigo V5 – Na véspera	
Tema	Rema	Tema	Rema
1) De todas as aberrações criadas na vida do país por Dilma Rousseff, pelo PT e pelos ex-presidente Lula ,	É difícil escolher uma campeã indiscutível (...)	1) O fator Lula. O passo em falso do juiz Sérgio Moro, ao deter	Lula
2) A alarmante carga de cavalaria que Lula faz	no momento contra as normas gerais da democracia	2) ofereceu	Um discurso ao ex-presidente
3) O homem desistiu	Definitivamente de defender-se dentro das leis.	3) O ex-presidente voltou	ao centro do palco
4) Nomeou	A si próprio para um terceiro mandato como chefe da casa civil	4) Lula ser	Investigado e eventualmente preso como qualquer cidadão obedece à boa ordem republicana e é sinal de avanço civilizacional.
5) Dilma foi gravada dizendo	A Lula que ia lhe mandar o termo de posse como ministro	5) Ocorre que ele não é	um cidadão qualquer.
6) Fizeram	Uma edição extra do Diário Oficial na véspera da posse de Lula , para ele se esconder o mais rápido possível das investigações	6) teremos	Nova eleição e Lula se sobreviver às investigações sairá candidato.
7) Dilma é	Tratada por Lula como se fosse sua empregada.	7) Certamente não inclui	Lula em seus cálculos.
8) Na inesquecível gravação em que se prontifica	a entregar-lhe o termo de posse preventivo, não recebe dele sequer um obrigado.		

9) É impossível acreditar que	Possa dar alguma ordem que desagrade a seu novo ministro da Casa Civil.		
10) ao mesmo tempo, para dizer que não querem mais saber	De Lula		
11) No começo de sua carreira política, quando se (elipse) apresentava como um idealista não contaminado pela politicagem, Lula	disse que no Brasil só preto e pobre vão para a cadeia		
12) Ladrão vira	Ministro, garantiu ele na ocasião		
13) (elipse)Falou	De livre e espontânea vontade		
14) Além e talvez acima de tudo, Lula , o PT e seu sistema de propaganda tentam vender	Uma ideia perversa, de que na política brasileira tudo e todo mundo é igual.		

Fonte: Revista Veja

4.2.1.2 Análise do Quadro 12

Como foi exposto na Fundamentação Teórica desta pesquisa, conforme Halliday (2004), o Tema atua como índice orientador para compreender e interpretar as informações seguintes. Neste artigo, é possível observarmos a alta incidência de Temas múltiplos em que se encontra o referente Lula. Detectamos 14 ocorrências com o termo Lula e vocábulos a ele direcionados; 7 distribuídos em posição temática e 7 no Rema. Destas 7 ocorrências tematizadas com o nome Lula, 4 delas são Temas Múltiplos. O que é possível justificar esta frequência é a tentativa de maior solda coesiva ao texto, mantendo a construção de significado que pretende o autor em torno da avaliação em torno do referente Lula.

Os Temas múltiplos, presentes nas orações 1, 2, 11 e 14 trazem temas marcados, ao iniciar com processos ou circunstâncias, o que confere mais proeminência textual. Segundo Halliday e Mathiessen (2004), os Temas marcados ocorrem em menor frequência nos textos. Por ser um fato atípico, chamou-nos atenção nesse artigo. Como se trata de um texto elaborado por alguém de elevada desenvoltura e intimidade com a escrita e com a retórica, pode ser que se justifique tal escolha e ordenação.

Os Temas não-marcados são construídos em ordem direta da sintaxe do português (SVO), logo é uma construção mais comum, de maior recorrência, como afirmam os autores acima citados. Em todos os Temas não-marcados, o referente Lula aparece com função de Participante expresso no Sistema de Transitividade. As orações 4 e 13 apresentaram o referente em foco através da elipse do sujeito gramatical. Segundo Halliday (2004), a elipse abandona a informação dada e expressa somente a nova, podendo dar maior proeminência. Barbara e Gouveia (2001) consideram que a elipse é o tema tópico, sendo tal construção bem comum à língua portuguesa por ser facilmente retomado o termo elíptico, no caso em análise, o referente Lula.

Destacamos também as 7 ocorrências do referente Lula no Rema das orações. Em todas estas ocorrências que trazem Lula na posição de Rema são colocadas na oração subsequente na posição temática. O articulista situa Lula no Rema, que é sucessivamente retomado no Tema, e mantém a mensagem sobre quem e o que o articulista procura centralizar.

Quadro 13 – Metafunção Ideacional Referente Lula

Artigo V1 – Troca de Baralho	Artigo V2 – Tempo de desvario	Artigo V3 – Paraíso Perdido
1) Tentou-se colocar o Lula na casa civil.	1) (...) ao decidir em três minutos e por unanimidade, abandonar o governo de Dilma Rouseff, do ex-presidente Lula, do PT e de todos os parasitas pendurados em todos eles.	1) Onde foi parar neste começo de 2016, o carrinho novo que, segundo o ex-presidente Lula, o operário brasileiro, finalmente teve dinheiro e crédito para comprar , por conta das virtudes de seu governo?

2) A genialidade política que se atribui a Lula e que iria mudar tudo no fim do jogo.	2) Só um governo patologicamente ruim conseguiria levar um partido como o PMDB a largar o osso que roeu em mansa sociedade com Lula, Dilma e o PT, desde que foram para o Palácio do Planalto treze anos e três meses atrás.	2) Onde poderia estar circulando o trem bala que, segundo Lula, garantiu mais de uma vez seria inaugurado (...)
3) Lula foi capaz de eleger postes como Dilma Rousseff	3) Nunca se roubou tanto dinheiro público no Brasil como nos governos de Lula e Dilma Rousseff. ³	3) O Brasil entrou Na OPEP como Lula previa diante da nossa transformação em potência
	4) Nunca houve uma campanha tão frenética a favor da corrupção como a que se fez agora sob o comando de Lula.	4) Quando foi a última festa para comemorar mais uma descoberta do pré-sal com Lula e Dilma fazendo aquelas marcas pretas de óleo nos uniformes cor de laranja com que eram fantasiados.
	5) Nunca um governo recorreu Tanto às cestas das soluções cretinas como atual, seu único feito aí é a tentativa de obter apoio internacional contra o impeachment de Dilma e futuros processos penais em que Lula possa ser réu .	5) Enfim, se curvava diante da gestão econômica de Lula, Dilma, PT e suas políticas sociais.
	6) É bom não contarem com Cuba, o herói de lá hoje é Barack Obama, não Lula.	6) Este é o país que resultou na prática dos treze anos de Lula, Dilma e o PT.

Fonte: Revista Veja

Quadro 14 – Metafunção Ideacional Referente Lula

Artigo V4 – Tudo Desigual	Artigo V5 - Na véspera
1) De todas as aberrações criadas na vida do país por Dilma Rousseff, pelo PT e pelo ex-presidente Lula , é difícil escolher uma campeã indiscutível	1) O fator Lula. O passo em falso do juiz Sérgio Moro, ao deter Lula
2) A alarmante carga de cavalaria que Lula faz no momento contra as normas gerais da democracia	2) O passo em falso do juiz Sérgio Moro, ao deter Lula , ofereceu um discurso ao ex-presidente.
3) O homem desistiu definitivamente de defender-se dentro das leis.	3) O ex-presidente voltou ao centro do palco.

4) Nomeou a si próprio para um terceiro mandato como chefe da casa civil	4) Lula ser investigado e eventualmente preso como qualquer cidadão obedece à boa ordem republicana e é sinal de avanço civilizacional.
5) Dilma foi gravada dizendo a Lula que ia lhe mandar o termo de posse como ministro	5) Ocorre que ele não é um cidadão qualquer.
6) Fizeram uma edição extra do Diário Oficial na véspera da posse de Lula, para ele se esconder o mais rápido possível das investigações	6) teremos nova eleição e Lula se sobreviver às investigações sairá candidato.
7) Dilma é tratada por Lula como se fosse sua empregada.	7) Quem pensa que qualquer um é melhor que Dilma, certamente não inclui Lula em seus cálculos.
8) Na inesquecível gravação em que se prontifica a entregar-lhe o termo de posse preventivo, não recebe dele sequer um obrigado.	
9) É impossível acreditar que possa dar alguma ordem que desagrade a seu novo ministro da Casa Civil .	
10) ao mesmo tempo, para dizer que não querem mais saber de Lula	
11) No começo de sua carreira política, quando se (elipse) apresentava como um idealista não contaminado pela politicagem, Lula disse que no Brasil só preto e pobre vão para a cadeia	
12) Ladrão vira Ministro, garantiu ele na ocasião	
13) (elipse) Falou De livre e espontânea vontade	
14) Além e talvez acima de tudo, Lula , o PT e seu sistema de propaganda tentam vender Uma ideia perversa, de que na política brasileira tudo e todo mundo é igual.	

Fonte: Revista Veja

4.2.1.3 Análise dos Quadros 13 e 14

Passamos neste tópico para as análises das orações quanto ao do Sistema de Transitividade. De início, retomamos as orações que coletamos com o referente Lula, dispostas no quadro acima, identificando o papel que este referente ocupa no Sistema de Transitividade e em seguida as análises dos aspectos que a função

ideacional, sob o Sistema da Transitividade, pode nos elucidar com relação à imagem de Lula na revista Veja.

Artigo V1: Troca de Baralho

- (1) - Meta do Processo Material: “ Tentou-se **colocar o Lula** na casa civil.”
- (2) - Meta do Processo Material: “ A genialidade política que se **atribui a Lula** e que iria mudar tudo no fim do jogo.”
- (3) - Identificado no Processo Relacional identificativo na estrutura passiva em: “*Lula foi capaz de eleger postes como Dilma Rousseff*”.

Artigo V2: Tempo de Desvario

- (4) - Meta do Processo Material em: “ao decidir em três minutos, e por unanimidade, **abandonar** o governo de Dilma Rousseff, *do ex-presidente Lula*, do PT e dos parasitas pendurados em todos eles.”
- (5) - Circunstância de acompanhamento de um processo material em: “Só um governo patologicamente ruim conseguiria levar um partido como o PMDB a largar o osso, que **roeu** em mansa sociedade *com Lula*, Dilma e o PT desde que foram para o Palácio do Planalto, treze anos e três meses atrás.”
- (6) - Circunstância de comparação de um Processo Material em: “Nunca se **roubou** tanto dinheiro público no Brasil como *nos governos de Lula* e Dilma.”
- (7) - Circunstância de comparação um processo material em: “Nunca houve uma campanha tão frenética a favor da corrupção como a que **se faz** agora *sob o comando de Lula*”
- (8) - Identificado de um Processo Relacional identificativo em: “Nunca um governo recorreu tanto à cesta das soluções cretinas como o atual; seu último feito, aí, é a tentativa de obter apoio internacional contra o impeachment de Dilma e futuros processos penais em que *Lula possa* ser réu.”
- (9) - Atributo de um Processo Relacional em: “É bom não contarem com Cuba: hoje o herói de lá **é** Barack Obama, não Lula...”

(10) - Portador de um Processo Relacional atributiva em: “Para completar, diz que *Lula é indefensável.*”

Artigo V3: *Paraíso Perdido*

(11) - Circunstância de Fonte de um Processo material em: “Onde **foi parar** neste começo de 2016 o carrinho novo que, segundo *Lula*, o operário brasileiro finalmente teve dinheiro e crédito para comprar, por conta das virtudes de seu governo?”

(12) - Circunstância de Fonte de um Processo Verbal em: “Onde poderia estar circulando o Trem Bala que, segundo *Lula*, **garantiu**, mais uma vez, seria inaugurado dali a pouquinho (...)”

(13) - Experienciador do Processo Mental em: “O Brasil entrou, afinal, na Opep, *como Lula previa* diante de nossa transformação....”

(14) - Ator do Processo Material em: “Quando foi a última festa para comemorar mais uma descoberta do pré-sal, *com Lula e Dilma* **fazendo** aquelas marcas pretas de óleo nos uniformes cor de laranja...”

(15) – Circunstância de tempo do Processo Material em: “Enfim se **curvava** diante da gestão econômica *de Lula, Dilma, PT* e de suas “políticas sociais”...

(16) - Circunstância temporal do Processo Material em: “Este é o país que **resultou** na prática, *dos treze anos de Lula, Dilma e PT.*”

Artigo V4 – *Tudo Desigual*

(17) Ator do Processo Material em estrutura passiva: “*De todas as aberrações criadas na vida do país por Dilma Roussell, pelo PT e pelo ex-presidente Lula, é difícil escolher uma campeã indiscutível*”

(18) Ator do Processo Material: “A alarmante carga de cavalaria que **Lula faz** no momento contra as normas gerais da democracia”.

- (19) Ator do Processo Material: “**O homem desistiu** definitivamente de defender-se dentro das leis.”
- (20) Ator e Meta do Processo Material: “**Nomeou a si próprio** para um terceiro mandato como **chefe da casa civil.**”
- (21) Receptor do Processo Verbal do tipo semiose neutro: “Dilma foi gravada **dizendo a Lula que ia lhe mandar** o termo de posse como ministro.”
- (22) Ator e receptor do Processo Material: “Fizeram uma edição extra do Diário Oficial na véspera da posse de **Lula, para ele se esconder** o mais rápido possível das investigações.”
- (23) Ator do Processo Material em estrutura passiva: *Dilma é tratada por Lula como se fosse sua empregada.*
- (24) Beneficiário do Processo Material: “Na inesquecível gravação em que se prontifica **a entregar-lhe** o termo de posse preventivo, não recebe dele sequer um obrigado.”
- (25) Fenômeno em Processo Mental: “*É impossível acreditar que possa dar alguma ordem que **desagrade a seu novo ministro da Casa Civil.***”
- (26) Fenômeno em Processo Mental: “... ao mesmo tempo, para dizer que **não querem mais saber de Lula**”.
- (27) Dizente em Processo Verbal: “**Lula disse** que no Brasil só preto e pobre vão para a cadeia”
- (28) Dizente em Processo Verbal: “*Ladrão vira Ministro, **garantiu ele** na ocasião.*”
- (29) Dizente em Processo Verbal: “**(elipse)Falou De livre e espontânea vontade**”
- (30) Ator em Processo Material:) “Além e talvez acima de tudo, **Lula, o PT e seu sistema de propaganda tentam vender uma ideia perversa, de que na política brasileira tudo e todo mundo é igual.**”

Artigo V5 – Na véspera

- (31) Meta em Processo Material: O passo em falso do juiz Sérgio Moro, **ao deter Lula**
- (32) Meta em Processo Material: O passo em falso do juiz Sérgio Moro, **ao deter Lula**, ofereceu um discurso ao ex-presidente.
- (33) Ator em Processo Material: **O ex-presidente voltou** ao centro do palco.
- (34) Ator em Processo Material: **Lula** ser investigado e eventualmente preso como qualquer cidadão **obedece** à boa ordem republicana e é sinal de avanço civilizacional.
- (35) Portador em Processo Relacional: **Lula ser** investigado e eventualmente preso como qualquer cidadão.
- (36) Portador em Processo Relacional: Ocorre que **ele não é** um cidadão qualquer.
- (37) Ator nos Processos Materiais: teremos nova eleição e **Lula se sobreviver** às investigações **sairá** candidato.
- (38) Meta no Processo Material: Quem pensa que qualquer um é melhor que Dilma, certamente não **inclui Lula** em seus cálculos.

Passamos à análise do Sistema de Transitividade das orações acima que trazem o referente Lula em seu entorno, o papel do Sistema de Transitividade na construção da imagem deste referente pela revista Veja. Optamos por dispor esta análise pelo agrupamento dos tipos de processos das orações, precisamente na ordem dos Processos mais recorrentes até os de menor incidência:

I. Orações com Processos Materiais

Compreendemos com o Sistema de Transitividade que as orações efetivam processos diversos que constroem os sentidos das experiências nos textos. No caso das orações com Processos Materiais, há a ideia subjacente de mudança no fluxo de eventos. Esta mudança se desdobra com a atuação de participantes *Ator* e quando este participante é afetado, tem-se a *Meta*, conforme expusemos na seção

da Fundamentação Teórica. As orações que trouxemos acima com o referente Lula, foram construídas, predominantemente, com a presença de Processos Materiais, conforme se vê nos exemplos: 1, 2, 4, 5, 6, 7, 11, 14, 15 e 16. Como nosso eixo temático é a política e seus expoentes, seria esperado que os participantes desses processos fossem figuras próprias deste âmbito. Nosso interesse é analisar como a conjunção dos aspectos dos elementos da Transitividade, o que incluem Processos, Participantes e Circunstâncias, codifica a imagem do referente Lula.

O articulista da *Veja* situa Lula nos processos materiais, que são os processos do fazer e acontecer, predominantemente, nas posições circunstanciais. Deste modo, é possível afirmar que, mesmo que o referente esteja envolto em orações com Processos Materiais, pode haver diferentes configurações semânticas devido o papel que ocupa como participantes destes processos ou como circunstâncias temporais que constroem desenvolvimentos do processo quanto ao tempo, quanto aos aspectos analógicos, quando se trata das circunstâncias de comparação. Apenas em (14), Lula aparece como Ator e num contexto pejorativo “*Lula* e Dilma **fazendo** aquelas marcas pretas de óleo nos uniformes cor de laranja...” A análise dos Processos Materiais nos artigos de opinião da *Veja* leva-nos a constatar que, mesmo sendo os processos que materializam representações, sinalizam condições e exigem ações, trazem minimamente o referente Lula em posição de participantes do “fazer”, e expressivamente na posição circunstancial. Tal posição corrobora com o que mostramos na metafunção textual, de o referente Lula estar mais localizado no Rema, que é onde, geralmente, encontram-se os elementos circunstanciais.

Nos artigos de opinião 4 e 5 aqui selecionados como *corpus*, com detalhes dos Processos presentes nas orações do quadro 4, os Processos Materiais, indiscutivelmente, predominam. Nestes dois últimos artigos da *Veja*, há vinte e uma orações que trazem Lula como referente em seu entorno. Do total de vinte e uma orações, quatorze delas trazem Processos Materiais. O referente em foco aparece nove vezes, ou seja, predominantemente, na condição de Ator destes processos. Como expusemos na fundamentação teórica deste trabalho, Halliday (2004) situa os Processos Materiais como a descrição de determinadas atividades que envolvam Ator e Meta como participantes. O Ator é este participante que provoca o desenrolar do processo, conduzindo a um resultado diferente da fase inicial do desdobrar do

Processo. Lula é este Ator nas orações acima discriminadas e a ele são atribuídos alguns papéis através desses Processos. O papel de “criar aberrações” na oração (1), de desistir de sua defesa (3), daquele que foi Ator e Meta quando nomeou a si próprio (4) e quando se escondeu das investigações (6), que trata mal (7), que vende uma ideia perversa (14). Estes Processos Materiais são responsáveis por sinalizarem uma carga semântica depreciativa quanto à imagem de Lula na condição de Ator, participante responsável pelos desdobramentos destas ações. Na posição de Meta, Lula é afetado por ações como: O juiz Sérgio Moro que deteve Lula (15), e ainda ofereceu a ele um discurso (16). Nas outras orações, o teor semântico dos Processos Materiais que tem Lula na posição de Meta, Receptor ou Beneficiário não traz uma referência desconstruída da imagem de Lula, ensejam ações explicativas sem recorrer a Processos Materiais com juízos de valor.

II. Orações com Processos Relacionais

Os Processos Relacionais expressam avaliação, classificação, identificação dos seres no mundo. Expressam a visão peculiar de um enunciador sobre alguma entidade construída materialmente. Com a segunda maior incidência nos três artigos que analisamos, os processos relacionais apresentam-se de forma significativa nos artigos de opinião por reverberarem o verniz ideológico do periódico para com os referentes, visto que os Processos Relacionais são responsáveis pela definição das entidades. Isto se dá porque estes verbos possuem seus Participantes, Identificado, a entidade que recebe a Identificação e Identificador para os Processos Relacionais Identificativos.

Na oração (8), quando o articulista afirma que Lula poderia ser réu em futuros processos penais, ele evidencia sua posição quanto ao referente Lula e sua anuência com relação ao *impeachment*. Em uma análise isolada desta oração, já é possível levar o leitor à falta de credibilidade na figura deste expoente político. Esta mesma desconfiança segue no tom descritivo da oração (9), quando afirma que o então herói de Cuba não é mais Lula, e sim Obama, representado na forma de atributo. Na oração (10), há uma síntese da descrença da imagem do referente Lula, na função de Portador de um Processo Relacional atributivo, quando o articulista o

descreve como indefensável, instaurando uma verdade que pretende compactuar com o leitor.

Conforme o exposto dos exemplos 8, 9 e 10, os Processos Relacionais carregam um tom descritivo e categorizador das entidades. Embora com ocorrência bem inferior aos Processos Materiais, as orações Relacionais possuem espaço significativo nos artigos de opinião da Veja por representarem recursos léxico-gramaticais eficientes na construção da imagem de alguma entidade.

Apenas na oração (19) do artigo *Na véspera*, o referente Lula encontra-se em Processo Relacional. Segundo nosso principal teórico, Halliday 2004, os Processos Relacionais representam os seres e suas características. É possível que, dadas as características do gênero artigo de opinião, os Processos Relacionais contribuam pouco com a intensidade das informações ou argumentações. No texto citado, embora o referente Lula seja recorrentemente citado, ele não apresenta com frequência caracterizado no uso dos Processos Relacionais, exceto na oração (19), ao afirmar que Lula não é um cidadão qualquer, pois qualquer procedimento jurídico em torno dele geraria um efeito político. De fato, a caracterização atribuída ao referente é real por se tratar de alguém que ocupou duas vezes o maior cargo político do país. Trata-se de uma caracterização que não altera positiva ou negativamente a imagem de Lula, apenas aponta uma condição de cidadão que decorre do posto político que outrora ocupou.

III. Orações com Processos Verbais

Nos três artigos que selecionamos para as primeiras análises, apenas uma oração com Processo Verbal constatamos em torno do referente Lula. Este Processo, segundo Fuzer e Cabral (2014), ajuda na criação do texto narrativo nas passagens dialógicas e em reportagens, pois permite aos jornalistas atribuir informações a fontes exteriores. No caso da oração (12), o articulista relata uma frase configurada numa promessa política proferida por Lula, por isto ele situa como uma circunstância de fonte. A utilização da fala de Lula reforça a veracidade da imagem que o articulista busca externar, ou seja, a imagem de um político que não cumpre suas promessas de campanha, como é o caso do Trem Bala que Lula

garantiu que seria inaugurado, mas não aconteceu. A presença do processo verbal potencializa a argumentatividade do articulista como texto opinativo que caracteriza o artigo de opinião; no caso da oração (12), a citação da fonte verbal nas palavras do próprio Lula que não logrou êxito no que se propusera fazer.

Cada processo no Sistema de Transitividade vincula-se a Participantes específicos demarcados pela veiculação semântica de cada um dos Processos. Os Processos Verbais expressam o dizer, voltam-se para a ação do comunicar. No artigo *Tudo desigual*, é onde houve ocorrências de Lula envolto em Processos Verbais. O teor argumentativo do artigo propicia o aparecimento destes processos, visto que o texto busca recorrentemente trechos de falas expressas por Lula, bem como relembra o conteúdo do áudio vazado com a autorização do juiz Sérgio Moro, em que Lula e Dilma planejam a nomeação de Lula para Ministro da Casa Civil para obter o foro privilegiado. A oração (5) confirma o que para o articulista seria uma “trama”, ao trazer Lula na condição de Receptor deste processo verbal, quando este recebe de Dilma a comunicação de que receberia o termo de posse. Nas orações (11) e (12), o referente Lula está na posição de Dizente dos processos verbais, ao ser reproduzidas pelo articulista as falas deste referente em outros contextos. Importante é destacar a fala de Lula proferida em outro contexto e associada ao então momento de nomeação para ser Ministro, como se vê nas orações (11) e (12) do quadro 4.

As orações com Processos Verbais exteriorizam pensamentos, reproduzem ideias. No caso deste artigo, estes processos foram empregados para construir a imagem de Lula com base em suas próprias expressões, o que confere ao articulista um argumento de autoridade e veracidade por utilizá-las como ponto forte de persuasão ao leitor a respeito dos pensamentos do ex-presidente Lula.

IV – Orações com Processos Mentais

Tivemos apenas uma ocorrência com Processos Mentais em torno do referente Lula nestes três artigos da revista *Veja* que analisamos. Quando se trata do gênero em análise, o artigo de opinião, seria esperada a presença deste processo que tem como propósito marcar o posicionamento, crenças e valores do

sujeito enunciador. Na oração (13), ao afirmar que Lula previa que o Brasil entraria na Opep, que é uma organização internacional formada por países que são grandes produtores de petróleo. O referente Lula atua como o Experienciador, pois externa uma pretensão deste referente utilizada pelo articulista para acentuar a cadeia argumentativa.

Os Processos Mentais, mesmo sendo menos expressivos que os Materiais em termos quantitativos, desempenham importante função léxico-gramatical, visto que podem projetar as orações, nas palavras de Fuzer & Cabral (2010), e estas orações projetadas não constituem complementos da oração mental, mas orações por si mesmas, conforme Halliday e Mattiessen (2004, *apud* Fuzer e Cabral, 2010). Os Processos (9) desagradar a Lula, (10) não querer mais saber de Lula reforçam a natureza reflexiva da representação das experiências em torno do referente Lula. Como se vê, a semântica que se constrói nestes verbos traz um direcionamento claramente negativo em torno do referente Lula.

Passamos agora a apresentar os dados obtidos da revista Carta Capital, com os mesmos passos que sistematizamos na revista VEJA.

Quadro 15 – Metafunção Textual Referente Lula

Artigo CC 6- Carta do Doutor Roberto		Artigo CC 7- Medo de Lula		Artigo CC 8- A inteligência impotente	
Tema	Rema	Tema	Rema	Tema	Rema
1) O império jornalístico das organizações Globo tem atuado	na vanguarda da mídia brasileira agressivamente contrária aos governos petistas a partir da ascensão ao poder do ex-metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva pela via democrática.	1) Impecável texto assinado por Luiz Inácio Lula da Silva publicou	a Folha de S. Paulo, na terça 18, debaixo do título "Por que querem me condenar".	1) Não foram demolidas	a casa-grande e a senzala, mas avanços se deram, e o maior deles está na eleição de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002.
2) A reação anti-Lula começou	de forma articulada...	2) a não ser que sobrem apenas,	como única prova, a política social e a política exterior postas em prática	2) Lula teve	méritos inegáveis, já apontados largamente por Carta Capital e

			pelo governo Lula em seus dois mandatos.		reconhecidos mundialmente
3)) No dia seguinte, véspera da eleição, trechos do confronto com Fernando Collor foram	ao ar no Jornal Nacional, editados contra Lula com malicioso capricho	3) Outra prova emerge	do texto de Lula , sem contar a ironia da publicação na página 3 do Folhãõ...	3) Não faltam	escribas para outro ato, o terceiro, o grand finale, e nele Lula é excluído à força da disputa presidencial de 2018.
4) o candidato Lula mencionou	Mais uma vez meu nome	4) Mais tarde, Lula reconheceu	O gesto fidalgo do dono da casa	4) Botões atentos que a prisão de Lula é	perfeitamente possível, se não provável, já que a quadrilha que manda é a mesma que precipita o impeachment de Dilma.
5) Embora derrotado, Lula sinalizou	Um futuro melhor para sua candidatura	5) Quando Lula foi empossado	pela primeira vez, janeiro de 2003, chamou-me a Brasília para falar das coisas da vida.		
6) De todo modo, Marinho tornou-se	mais cauteloso, como se dá na sua "Carta a Lula " ou apenas mais tolerante, embora tenha arrostado petulância.	6) a enganação prossegue	impavidamente: não passa de uma preliminar da prisão de Luiz Inácio Lula da Silva		
7) Carta a Lula : Lula , assisti	como simples espectador, entre os milhões de brasileiros, ao debate final da campanha pela televisão.				
8) Morreu	em 2003, poucos meses após a primeira posse de Lula .				
9) Roberto, José e João, herdeiros dele e diretores por direito divino, não poupam	Lula , tampouco Dilma Rouseff				
10) Embora responsável pela manipulação do debate Lula - Collor, o doutor Roberto, nosso colega, como era chamado pelos súditos, na sua carta manteve	o tom de quem não agride a ideia democrática				

Fonte: Revista. Carta Capital

4.2.1.4 Análise do Quadro 15

Na análise da estrutura temática do artigo Carta ao Doutor Roberto, com foco no referente Lula, constatamos 10 vezes menção a este referente. Na posição de Tema, temos Lula tematizado 5 vezes nas orações 2, 4, 5, 7 e 10. Tema e Rema são empregados com objetivos discursivos distintos. O Tema atua como índice orientador, traz a informação dada para compreensão das informações seguintes. Os Temas das orações 2: *“A reação anti-Lula começou de forma articulada, ao longo da disputa da primeira eleição presidencial direta...”* e 4: *“O candidato Lula mencionou mais uma vez meu nome”*, são classificados em Temas ideacionais não-marcados que correspondem ao sujeito das orações (a reação anti-Lula e o candidato Lula) e podem levar o leitor a inferir o tipo de mensagem que servirá como pano de fundo para argumentação deste artigo de opinião. Temos um Tema múltiplo na oração 5: *“Embora derrotado, Lula sinalizou um futuro melhor...”* composto por um tema textual, representado pela conjunção subordinativa, que atribui um valor semântico de concessão ao fato, e o ideacional não-marcado na função de participante. No Tema 7: *“Lula, assistiu como simples espectador...”* o referente Lula é representado como Tema interpessoal, na forma de vocativo da carta.

Na oração 10: *“Embora responsável pela manipulação do debate – Lula – Collor- o doutor Roberto, nosso colega, como era chamado pelos súditos, na sua carta manteve ..”* temos mais um tema múltiplo, o elemento léxico-gramatical (embora) é um tema textual, visto que estabelece um elo com os assuntos anteriormente citados, e este elemento provoca ênfase na ideia de concessão expressa pelo articulista, estrutura similar à oração 5. Lula situa-se nesta oração em posição temática não-marcada, como forma de contextualização e tom avaliativo por parte do autor quanto ao conteúdo desta carta, que é o assunto central deste artigo de opinião. Nas demais orações em que o referente Lula aparece como Rema, orações 1, 3, 6 8 e 9. Nelas, encontram-se as informações novas não retomadas no texto, logo as informações que o enunciador pretende passar para o leitor.

No artigo “Medo de Lula”, o referente Lula aparece nas frases 1, 2 e 7 em posição temática, referendado na oração 2 como ex-presidente da República. O referente em questão situa-se na posição de Tema ideacional não-marcado, logo no

início do texto, no intuito de contribuir com a intensidade da informação. Quanto à organização destas orações, encontra-se a informação Dada na posição temática, enquanto a informação Nova encontra-se na parte restante, no Rema, pois consiste naquilo que o articulista/enunciador pretende construir para o leitor, informações estas não necessariamente recuperáveis em partes anteriores do texto, ou recuperável pelo conhecimento prévio. Nas orações 3, 4, 5, 6 e 12, o referente em questão aparece em posição de Rema. No texto, a informação nova sobre Lula, já trazida no primeiro período, está na alegação de que o ex-presidente deve ser inocentado de acusações, bem como representa o nome mais forte para futuras eleições presidenciais. Chama-nos atenção a oração 4: *“Mais tarde, Lula reconheceu o gesto fidalgo do dono da casa”*, o Tema textual conecta duas orações e projeta a informação nova para o Rema. Nesta parte, o articulista coloca-se no papel de autoridade do saber. Tal informação é relativizada, ou seja, pode ser nova ou dada para o interlocutor, a depender do conhecimento prévio que este leitor possui. O referente Lula é apresentado com mais incidência no Rema, nas informações novas ou inferíveis pelo leitor, sendo esses referentes tematizados em orações posteriores, a fim de levar o interlocutor a reforçar mais facilmente a representação da imagem deste referente.

Quanto à estrutura temática do artigo “A inteligência impotente”, o referente Lula está localizado 1 vez no Tema e 3 vezes no Rema, totalizando 4 menções. Apenas na oração 2, Lula aparece em posição temática: *“Lula teve méritos inegáveis...”* na forma de um Tema simples não-marcado. Esta escolha temática pode ter sido motivada pela configuração analítica de um contexto mais imediato, o de lhe atribuir méritos e de ser vítima de perseguições com uma justiça de mão única. Na oração 1, o referente em foco está na posição de Rema, com a relativização de informação dado/novo. Pelo direcionamento argumentativo do articulista, depreende-se que a informação de que o maior avanço está na eleição de Lula, é dada, pois é inferível no texto. Já nas orações 3 e 4, o Rema traz informações novas em torno do referente Lula, informações não retomáveis no texto, provavelmente no contexto, a depender do conhecimento prévio do leitor.

Quadro 16 – Metafunção Textual Referente Lula

Artigo CC9 – Lula, o xis da questão		Artigo CC 10 – Quem é líder?	
Tema	Rema	Tema	Rema
1) O ex-presidente Lula é	O “xis” do golpe.	1) As pesquisas soletram	Que Lula ainda é o candidato mais fortes para as eleições presidenciais.
2) De volta à Presidência, Lula detonaria	obviamente, tal ponte	2) Há largo tempo, o ex-metalúrgico é	o único, autêntico líder popular brasileiro.
3) E através deles (dos programas sociais), reconhece	Lula.	3) Como destruir	o único, autêntico líder popular?
4) Para tentar superar	A estrondosa liderança popular de Lula	4) A aposta dos censores para exclu-ir	-lo pela força do próximo pleito presidencial
5) Chegou-se a registrar e divulgar	Conversas entre a presidenta e o ex-presidente.	5) manda colocar	Todas as fichas na prisão do ex-presidente.
6) Ele mesmo autorizou	A condução coercitiva de Lula para depor.	6) quantos haverão	de ser presos antes de Lula , para, ao cabo, alcançá-lo?
7) Valeria	Para o ex-presidente ultrajado repetir trechos da Carta de Testamento de Getúlio Vargas	7) Convém prender	O único, autêntico líder popular brasileiro
8) Lula reagiu	à perseguição golpista, movida inicialmente a ódio de classe, urdida contra um ex-operário	8) sem fazer	dele um mártir como o próprio Lula já disse com um sorriso?

	metalúrgico.		
9) Mesmo após dois anos de campanha martelante da mídia, desfechada com o transparente propósito de estigmatizá-lo de vez, o ex-presidente ainda é	O candidato preferido do eleitor brasileiro.	9) ser preso não seria	Do maior agrado do cidadão Luiz Inácio Lula da Silva
10) Os adversários de Lula vivem	um dilema.	10) Já Lula foi	O melhor governante
		11) Com ele na presidência, a democracia jamais foi	Ameaçada.

Fonte: Revista Carta Capital

4.2.1.5 Análise do Quadro 16

No artigo “Lula, o xis da questão, com relação à análise do referente Lula na Metafunção Textual, Halliday (1994) afirma que a escolha do Tema de uma oração revela a forma como as informações se desenvolvem no texto, tendo como uma de suas funções estabelecer contexto para compreender as informações subsequentes.

Ao observar a estrutura temática do artigo CC 9, com destaque para as orações em que o referente Lula é localizado, a identificação dos Temas mostra que quanto ao conteúdo semântico, este referente é frequentemente disposto como “ex-presidente”, numa perspectiva que se delineia para a lembrança de maior mandatário de uma país. Das dez ocorrências, Lula encontra-se em posição de Tema cinco vezes. Na frase 1, Lula é tematizado como Tema Tópico, não-marcado e expresso com o termo “ex-presidente”. Segundo Weissberg (1984, p. 488, *apud* Fuzer & Cabral 2014, p 134), a sequência não-marcada possibilita a compreensão do texto, pois a identificação do referente torna-se mais rápida e precisa. É certo que a estrutura temática pode dar indícios de traços estilísticos dos articulistas. Contudo, não se pode afirmar por esta oração que a estrutura do artigo de opinião prioriza como um todo o uso de ordem direta. Há uma similaridade quanto ao uso do referente Lula em posição de Tema nas orações 2, 8 e 10. Lula é localizado em posição inicial destas orações como Temas Tópicos, apresentados como um

elemento de função experiencial. Na oração 9, temos o Tema múltiplo com o referente Lula expresso cataforicamente no pronome “-lo” e no termos “ex-presidente”. É bastante recorrente presenciarmos nos artigos da Revista Carta Capital menção a Lula como “ex-presidente”.

No artigo “Quem é líder?”, apresenta pouca localização de Lula em posição Temática. O título sugere que o artigo centralizará o conteúdo sobre a figura do ex-presidente Lula. O ponto de partida da oração com o termo Lula aparece nas frases 10 e 11. Ambas orações trazem Temas múltiplos, tema textual seguido de tema ideacional. Na oração 11, Lula é referendado por uma pronominalização “ele”. No Rema, é onde a informação nova se concentra, de modo a possibilitar ao leitor a percepção do ponto de maior relevância. Neste artigo, adjetivos de peso ao referente Lula como, único, autêntico líder popular brasileiro foram bastante recorrentes e localizados no Rema.

Quadro 17 – Metafunção Ideacional Referente Lula

Artigo CC 6- Carta do Doutor Roberto	Artigo CC 7- Medo de Lula	Artigo CC 8 - A inteligência impotente
1) A reação anti-Lula começou de forma articulada... 2) O candidato Lula mencionou mais uma vez meu nome... 3) Embora derrotado, Lula sinalizou um futuro melhor para sua candidatura. 4) Carta a Lula: Lula, assisti como simples espectador, entre os milhões de brasileiros, ao debate final da campanha pela televisão. 5) Embora responsável pela manipulação do debate Lula - Collor, o doutor Roberto, nosso colega, como era chamado pelos súditos, na sua carta manteve o tom de quem não agride a ideia democrática 6) O império jornalístico das organizações Globo tem atuado na vanguarda da mídia brasileira agressivamente contrária aos governos petistas a partir da ascensão ao poder do ex-metalúrgico	1) Impecável texto assinado por Luiz Inácio Lula da Silva publicou a Folha de S. Paulo, na terça 18, abaixo do título "Por que querem me condenar". 2) Mais tarde, Lula reconheceu o gesto fidalgo do dono da casa. 3) Quando Lula foi empossado pela primeira vez, janeiro de 2003, chamou-me a Brasília para falar das coisas da vida. 4) (...) a não ser que sobrem apenas, como única prova, a política social e a política exterior postas em prática pelo governo Lula em seus dois mandatos. 5) Outra prova emerge do texto de Lula, sem contar a ironia da	1) Lula teve méritos inegáveis, já apontados largamente por Carta Capital e reconhecidos mundialmente 2) Não foram demolidas a casa-grande e a senzala, mas avanços se deram, e o maior deles está na eleição de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002. 3) Não faltam escribas para outro ato, o terceiro, o grand finale, e nele Lula é excluído à força da disputa presidencial de 2018. 4) Botões atentos que a prisão de Lula é perfeitamente possível, se não provável, já que a quadrilha manda, a mesma que precipita o impeachment de Dilma.

<i>Luiz Inácio Lula da Silva</i> pela via democrática. 7) (...) <i>está marcada</i> por uma "Carta a Lula", assinada pelo empresário Roberto Marinho, publicada pelo jornal O Globo... 8) No dia seguinte, véspera da eleição, trechos do confronto com Fernando Collor foram ao ar no Jornal Nacional, editados contra <i>Lula</i> com malicioso capricho 9) De todo modo, Marinho tornou-se mais cauteloso, como se dá na sua "Carta a Lula" ou apenas mais tolerante, embora tenha arrostado petulância. 10) Morreu em 2003, poucos meses após a primeira posse de Lula. 11) Roberto, José e João, herdeiros dele e diretores por direito divino, não poupam <i>Lula</i>...	publicação na página 3 do Folhãõ... 6) A enganação prossegue impavidamente: não passa de uma preliminar da prisão de <i>Luiz Inácio Lula da Silva</i>	
---	--	--

Fonte: Revista Carta Capital

Quadro 18 – Metafunção Ideacional Referente Lula

Artigo CC 9: Lula, o "xis" da questão	Artigo CC 10: Quem é líder?
1) O ex-presidente Lula é O "xis" do golpe.	1) As pesquisas soletram que Lula ainda é o candidato mais fortes para as eleições presidenciais.
2) De volta à Presidência, Lula detonaria , obviamente, tal ponte	2) o ex-metalúrgico é o único, autêntico líder popular brasileiro.
3) E através deles (dos programas sociais), reconhece Lula.	3) Como destruir o único, autêntico líder popular?
4) Para tentar superar a estrondosa liderança popular de Lula	4) A aposta dos censores para excluí-lo pela força do próximo pleito presidencial
5) Chegou-se a registrar e divulgar Conversas entre a presidenta e o ex-presidente.	5) manda colocar todas as fichas na prisão do ex-presidente.
6) Ele mesmo autorizou a condução coercitiva de Lula para depor.	6) Quantos haverão de ser presos antes de Lula, para, ao cabo, alcançá-lo?
7) Valeria para o ex-presidente ultrajado repetir trechos da Carta de Testamento de Getúlio Vargas	7) Convém prender o único, autêntico líder popular brasileiro
8) Lula reagiu à perseguição golpista, movida inicialmente a ódio de classe, urdida contra um ex-operário metalúrgico.	8) sem fazer dele um mártir como o próprio Lula já disse com um sorriso?

9) o ex-presidente ainda é o candidato preferido do eleitor brasileiro.	9) ser preso não seria do maior agrado do cidadão Luiz Inácio Lula da Silva
10) Os adversários de Lula vivem um dilema.	10) Já Lula foi o melhor governante
	11) Com ele na presidência, a democracia jamais foi ameaçada .

Fonte: Revista Carta Capital

4.2.1.6 Análise dos quadros 17 e 18

Artigo CC 6: Carta do Doutor Roberto

- 1) Ator em Processo Material: *“A reação anti-Lula começou de forma articulada...”*
- 2) Dizente em Processo Verbal: *“O candidato Lula mencionou mais uma vez meu nome...”*
- 3) Ator em Processo Material: *“Embora derrotado, Lula sinalizou um futuro melhor para sua candidatura.”*

Carta a Lula:

- 4) Meta em Processo Material: *“Lula, assisti como simples espectador, entre os milhões de brasileiros, ao debate final da campanha pela televisão.”*
- 5) Circunstância do Processo Relacional: Embora responsável pela manipulação do debate Lula - Collor, o doutor Roberto, nosso colega, como era chamado pelos súditos, na sua carta manteve o tom de quem não agride a ideia democrática
- 6) Circunstância em Processo Material: *“O império jornalístico das organizações Globo **tem atuado** na vanguarda da mídia brasileira agressivamente contrária aos governos petistas a partir da ascensão ao poder do ex-metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva pela via democrática.”*
- 7) Identificador no processo relacional identificativo na estrutura passiva em: *“(…) está marcada por uma “Carta a Lula”, assinada pelo empresário Roberto Marinho, publicada pelo jornal O Globo...”*

8) Circunstância do Processo Material: *“No dia seguinte, véspera da eleição, trechos do confronto com Fernando Collor **foram** ao ar no Jornal Nacional, editados contra Lula com malicioso capricho”*

9) Circunstância de Lugar em Processo Material: *“De todo modo, Marinho tornou-se mais cauteloso, como **se dá** na sua “Carta a Lula” ou apenas mais tolerante, embora tenha arrostado petulância.”*

10) Circunstância de Tempo em Processo Existencial: *“**Morreu** em 2003, poucos meses após a primeira posse de Lula.”*

11) Meta em Processo Material: *“Roberto, José e João, herdeiros dele e diretores por direito divino, não **poupam** Lula...”*

Artigo CC 7 - Medo de Lula

12) Ator em Processo Material: *“Impecável texto **assinado** por Luiz Inácio Lula da Silva publicou a Folha de S. Paulo, na terça 18, debaixo do título “Por que querem me condenar”.*

13) Experienciador em Processo Mental: *“Mais tarde, Lula **reconheceu** o gesto fidalgo do dono da casa.”*

14) Meta em Processo Material: *“Quando Lula **foi empossado** pela primeira vez, janeiro de 2003, chamou-me a Brasília para falar das coisas da vida”.*

15) Ator em Processo Material: *“(...) a não ser que sobrem apenas, como única prova, a política social e a política exterior **postas** em prática pelo governo Lula em seus dois mandatos.”*

16) Meta em Processo Material: *“Outra prova **emerge** do texto de Lula, sem contar a ironia da publicação na página 3 do Folhã...”*

17) Meta em Processo Material: *“A enganação prossegue impavidamente: **não passa** de uma preliminar da prisão de Luiz Inácio Lula da Silva.”*

Artigo CC - 8 A inteligência impotente

18) Ator em Processo Material: *“Lula **teve** méritos inegáveis, já apontados largamente por Carta Capital e reconhecidos mundialmente”*

19) Circunstância em Processo Relacional. *“Não foram demolidas a casa-grande e a senzala, mas avanços se deram, e o maior deles **está** na eleição de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002.”*

20) Portador em Processo Relacional: *“Não faltam escribas para outro ato, o terceiro, o grand finale, e nele Lula **é** excluído à força da disputa presidencial de 2018.”*

21) Portador em Processo Relacional: *“Botões atentos que a prisão de Lula **é** perfeitamente possível, se não provável, já que a quadrilha manda, a mesma que precipita o impeachment de Dilma.”*

Artigo CC9 – Lula, o “xis” da questão.

(22) Portador em processo relacional: **“O ex-presidente Lula é o “xis” do golpe.**

(23) Ator em processo material: De volta à Presidência, **Lula detonaria**, obviamente, tal ponte.

(24) Fenômeno em processo mental: E através deles (dos programas sociais), **reconhece Lula.**

(25) Meta em processo material: Para **tentar superar** a estrondosa liderança popular de Lula

(26) Circunstância em processo material: Chegou-se a **registrar e divulgar** conversas entre a presidenta e o ex-presidente.

(27) Meta em processo material: Ele mesmo **autorizou** a condução coercitiva de Lula para depor.

(28) Meta em processo material: **Valeria** para o ex-presidente ultrajado repetir trechos da Carta de Testamento de Getúlio Vargas.

(29) Ator em processo material: **Lula reagiu** à perseguição golpista, movida inicialmente a ódio de classe, urdida contra um ex-operário metalúrgico.

(30) Meta em Processo Material: Mesmo após dois anos de campanha martelante da mídia, desfechada com o transparente propósito de **estigmatizá-lo** de vez, (portador de processo relacional) **o ex-presidente ainda é** o candidato preferido do eleitor brasileiro.

(31) Portador no Processo Relacional: **Os adversários de Lula vivem** um dilema.

Artigo CC 10 – Quem é líder?

(32) Portador em Processo Relacional: As pesquisas soletram que **Lula ainda é** o candidato mais fortes para as eleições presidenciais.

(33) Portador em Processo Relacional: Há largo tempo, **o ex-metalúrgico é** o único, autêntico líder popular brasileiro.

(34) Meta em Processo Material: Como **destruir** o único, autêntico líder popular?

(35) Meta em Processo Material: A aposta dos censores para **excluí-lo** pela força do próximo pleito presidencial.

(36) Circunstância em Processo Material: **Manda colocar** todas as fichas na prisão do ex-presidente.

(37) Circunstância em Processo Relacional: Quantos **haverão** de ser presos antes de Lula, para, ao cabo, (meta em processo material) **alcançá-lo?**

(38) Meta em Processo Material: **Convém prender** o único, autêntico líder popular brasileiro.

(39) Dizente em Processo Verbal: (...) sem fazer dele um mártir como o próprio **Lula já disse** com um sorriso?

(40) Atributo em Processo Relacional: ser preso não **seria** do maior agrado do cidadão Luiz Inácio Lula da Silva.

(41) Portador em Processo Relacional: Já Lula **foi** o melhor governante.

(42) Circunstância em Processo Material: Com ele na presidência, a democracia jamais **foi ameaçada**.

Passamos agora para a análise do que o Sistema de Transitividade nos revela em torno do referente Lula nestes três artigos analisados da revista Carta Capital. Seguimos o mesmo critério de ordem de análise dos artigos da revista Veja; ou seja, os resultados das análises serão dispostos iniciando pelos processos de maior até os de menos recorrência.

I – Orações com Processos Materiais

Este tipo de processo envolve a ideia do fazer, da ação subjacente. Esta ação pode contar com dois participantes, o Ator e a Meta, conforme já explicitamos no capítulo da Fundamentação Teórica. Assim como nos dados obtidos da revista Veja quanto aos processos materiais, a Carta Capital apresentou significativo número de ocorrências destes processos nos artigos de opinião. Nosso interesse investigativo centra-se no papel que o referente Lula ocupa no Sistema de Transitividade, pois no nosso entender, este sistema pode desvelar o que procura ser externado sobre algo ou alguém. Nas orações (1), (3), (12), (15), (18) (23) e (29) temos o referente Lula na posição de Ator, sempre na posição daquele que executará os procedimentos adequados, mesmo em situações desfavoráveis.

Já é possível percebermos na oração (1), quando afirma que *“a reação anti-Lula começou de forma articulada”*; mesmo com a sentença intransitiva, seu complemento atua nitidamente de forma argumentativa a favor da imagem do referente. Em (3): *“Embora derrotado, Lula sinalizou um futuro melhor para sua candidatura”*, o processo sinalizar e seu complemento enfocam um argumento que respalda uma imagem positiva do referente, tendo o próprio Lula como agente desta ação positivada em torno de sua imagem. Do mesmo modo, as orações (12) e (15) trazem o referente em questão na condição de Ator em sentenças passivas: *“... texto assinado por Luiz Inácio Lula...”* e *“... a política social e a política exterior posta em prática pelo governo Lula em seus dois mandatos”*, reverberando, principalmente, na oração (15) os atributos sociais considerados o grande trunfo da era Lula. Ainda na

posição de Ator, na oração (18), a ação atribuída a Lula, a de ter méritos inegáveis, posiciona claramente o verniz argumentativo do periódico que o articulista, por sua vez, pretende passar para o leitor.

No Sistema de Transitividade, a significação é dada pela relação existente entre Processos, Participantes e Circunstâncias, considerando o contexto em que a oração é produzida. Quanto ao papel do referente que ora analisamos, ainda nas orações Materiais, constatamos quatro ocorrências na posição de Meta: orações (4), (11), (14), (16) (17) (25), (27), (28), (30), (34), (35), (38). Como levamos em consideração o contexto discursivo-pragmático do artigo na análise da transitividade oracional, Lula como Participante Meta reforça o objetivo a ser alcançado como um todo no periódico, o de evocar o leitor a um argumento que vislumbre neste referente a mais sensata escolha de governo, bem como a perseguição midiática a este e a enganação de uma possível condenação.

Nas demais orações com Processos Materiais, o referente Lula situa-se na posição de Circunstâncias de causa (6) e (8), e Circunstância de Lugar (9). Nas ocorrências circunstanciais dos processos materiais, o referente Lula é posicionado como vítima de perseguição do império jornalístico da Globo. Entendemos que, nestes casos, as funções circunstanciais são fundamentais para o Processo Material na construção da totalidade da mensagem pretendida pelo articulista. Nessa perspectiva, pudemos ver que um mesmo Processo pode configurar diferentes papéis e trazer significações diversas.

Os excertos dos artigos 9 e 10 também revelam que os Processos Materiais da revista Carta Capital foram bem representativos em termos numéricos; ou seja, os Processos Materiais representaram a escolha léxico-gramatical predominante para atingir o propósito esperado pelo articulista. Como já expusemos, o gênero analisado aponta para a predominância de certos processos. Em um gênero como relato de romances, por exemplo, Processos Mentais tendem a predominar. No caso do artigo de opinião, nossos dados já exemplificam que os Processos Materiais possuem este espaço. O referente Lula envolto nestes Processos encontra-se com bastante frequência na posição de Meta. Nas orações (25), (27), (28), (30), (34), (35) e (38), Lula é o participante afetado pelas ações cujos verbos detêm carga

semântica de apreciação e eminência como: superar a liderança de Lula, como destruir o autêntico líder, por exemplo.

Ao colocar Lula como Meta, o articulista evidencia as atitudes dirigidas a este referente, já que o próprio título (Lula, o “xis” da questão) sugere que Lula centralizará o viés argumentativo. Na posição de Meta, o articulista evidencia também a perseguição a Lula (na linguagem do autor do artigo) pelo juiz Sérgio Moro: a aposta para excluí-lo, autorizou a condução coercitiva de Lula para depor... O referente Lula foi posicionado pelo articulista como Ator em dois Processos Materiais, como se vê nas orações (23) e (29), novamente com verbos que enaltecem sua imagem: *Lula detonaria*, *Lula reagiu à perseguição*. Nestas orações em que ele é Ator, a colocação do articulista é de um Lula com capacidade de ação e reação, reverberando uma imagem pró-Lula, assumida pelo periódico. Nas orações materiais (26), (36) e (42), Lula é situado como circunstância, com destaque para a oração (42), que assegura: *Com (ele) Lula, a democracia não será ameaçada*. Ou seja, a circunstância da companhia de Lula é crucial para que haja a preservação da democracia.

II. Orações com Processos Relacionais

Com segunda maior ocorrência, os Processos relacionais têm presença expressiva nos artigos de opinião. Diferentemente dos Processos Materiais que denotam ação, os Relacionais são verbos estáticos, utilizados para caracterizar, identificar e, conseqüentemente, revelar certa avaliação por parte do enunciador. As orações (5), (7), (19), (20) (21) (22), (31), (32), (33) e (41) ilustram este Processo. Nelas, o referente Lula ocupa função de Circunstância de assunto (5), ao se comentar sobre o debate dele com seu então adversário, Collor, e na oração (19), numa Circunstância de Tempo que argumenta claramente que o maior avanço do país se deu na eleição de Lula em 2002. Por esta razão, reiteramos que as circunstâncias são relevantes para o processo de construção de imagem do referente em foco, visto que elas trazem consigo, junto ao Processo Relacional, informações que proporcionam o sentido desejado pelo articulista.

Como Portador, Lula é situado nas orações (20) e (21). Nelas, ele é o participante que recebe a adjetivação que se revela categórica, ao destacar a vitimização da qual Lula é alvo, inclusive da prisão possível de estender-se a ele pela quadrilha que outorgou o impeachment. Através desse processo relacional, fica evidente que a arguição do articulista através do atributo dado ao Portador referente Lula reforça um caráter de defesa deste referente frente às perseguições sofridas por ele. O próprio título dá indícios de que o referente Lula seria caracterizado, pelo fato de ele ser o “xis” da questão, no caso de toda trama do golpe, assim como este periódico argumenta.

O outro artigo aqui analisado (Quem é líder?) também focaliza a imagem do referente Lula, dando-lhe os méritos quanto a sua capacidade de liderança. O enfoque semântico e argumentativo destes artigos, sugerido pelos próprios títulos, pode justificar esta maior recorrência de processos relacionais. Nosso principal teórico, Halliday, conceitua os processos relacionais como aqueles mais utilizados para representar seres no mundo em termos de suas características e identidades. As orações com estes processos trazem Lula no entorno dos verbos relacionais na representação de um político singular verbalizada semanticamente através dos atributos como: *o candidato mais forte, o único líder, foi o melhor governante*. A oração 10, por exemplo, traz Lula não na posição de Portador, e sim seus adversários que vivem/estão num dilema. Vê-se que a construção da imagem aqui projetada de Lula através dos processos relacionais e atributos lhe é totalmente favorável.

III. Orações com Processos Verbais

As orações verbais tipicamente possuem número menor, mais comumente utilizado para contextos dialógicos em textos narrativos. Nosso *corpus*, mesmo não pertencendo à tipologia narrativa, apresentou ocorrências nas orações (2), (39) como Lula na posição de dizente. O processo “*Lula mencionou*” é manifesto no discurso indireto do articulista a fim de conferir maior veracidade ao teor do artigo que aborda o conteúdo da carta do Dr Roberto. Por esta ocorrência, é possível afirmar que os Processos Verbais também trazem uma carga argumentativa e extrapola os gêneros narrativos, visto que o próprio exemplo de nosso *corpus* revela

uma voz de autoridade por trás do verbo do dizer, ao corroborar com as afirmações arguidas pelo articulista.

Digna de nota é a presença de uma oração com Processo Verbal, a oração (39). Neste caso, o articulista fez uso da própria palavra proferida por Lula para conferir autoridade ao seu dizer: *como o próprio Lula já disse com um sorriso...* A fala recortada de Lula enseja uma interpretação favorável pelo articulista. O oposto que também foi possível constatar nos Processos Verbais da revista *Veja*, cujos trechos de fala proferidos por Lula foram recortados pelo articulista daquele periódico com um propósito de manchar a imagem deste referente a partir de suas próprias falas; falas estas que, descontextualizadas, puderam servir de provas acusatórias ao material político do referente Lula.

IV . Orações com Processos Mentais

Contamos também em nosso *corpus* com uma amostra dos Processos Mentais; ou seja, estes processos remetem ao mundo de nossa consciência, podendo indicar percepção, rejeição, afeição, desejo. Segundo Halliday e Matthiessen (2004), esta percepção mistura-se com a cognição, em que “ver” não significa apenas “perceber visualmente”, mas também compreender. A oração (13) “*Mais tarde, Lula reconheceu o gesto fidalgo do dono da casa*”, o referente Lula encontra-se na posição de Experienciador, o que representa um Participante consciente que expressa vontade, o que é sentido por este referente. O próprio Processo Mental atribui a Lula um significado de hombridade e retidão, o que configura uma imagem de dignidade e honradez ao referente Lula.

Apenas uma oração com Processo Mental foi detectada no artigo 9. Mesmo em um pouco quantitativo, o articulista destaca nesta oração o grande trunfo atribuído ao governo Lula, e, segundo a oração, através deste destaque, dos programas sociais, reconhece-se Lula.

Os exemplos obtidos em nosso *corpus* podem reverberar que a cadeia paradigmática da língua que se coloca à disposição do usuário da língua não é utilizada de forma eventual, elas têm um propósito para atribuir significados conforme o direcionamento argumentativo do enunciador.

Tabela 1 - Resultados do Referente Lula na Metafunção Textual

Revista	Referente	Padrões Temáticos	
Veja	Lula	Tema	Rema
		1 Tema Textual 1 Tema ideacional 5 Temas Múltiplos 2 Temas elípticos 9 posições tematizadas	20 Ocorrências
Carta Capital	Lula	1 Tema Textual 1 Tema Interpessoal 2 Temas Simples 3 Temas Ideacionais 4 Temas Tópicos 6 Temas Múltiplos 17 posições tematizadas	23 ocorrências

Esta tabela ilustra o resultado quantitativo e analógico dos dados que obtivemos com relação à frequência do referente Lula em posição temática nos dois periódicos. Nossa pretensão foi analisar a estrutura temática das orações, destacando o posicionamento do referente Lula e como esta estrutura contribui para a construção da imagem dos referentes em foco. Buscamos também estabelecer comparações quanto à estrutura temática nos artigos de opinião utilizados como *corpus*, e o que essas semelhanças e diferenças representam para a construção da imagem de Lula e Dilma no período do *impeachment* nos dois periódicos.

Com relação à categoria de análise da Metafunção Textual, a Estrutura Temática contribuiu para a construção favorável da imagem de Lula (na Carta Capital) e depreciativa (na Veja) através do fluxo da mensagem e da ênfase que procurou passar, bem como do teor semântico subjacente a esta mensagem. O referente Lula, em termos quantitativos, apresentou maior frequência no Rema nos dois periódicos analisados, indo de encontro ao que levantamos como hipótese. Destacamos a incidência maior do referente Lula em posição de Tema na Carta Capital, comparadamente à Veja; entretanto, este referente manteve localização predominante no Rema. Por representarem propósitos ideológicos distintos, nossa conjectura seria a de esta distinção pudesse refletir na estrutura temática dos artigos de opinião. Os resultados resumidos nesta tabela mostram similaridades quanto à frequência do termo Lula em posição de Tema, bem como seus tipos, e Rema nos dois periódicos

Tabela 2 - Resultados do Referente Lula na Metafunção Ideacional

Revista VEJA – Lula Referente				Revista Carta Capital			
Processos				Processos			
Material	Relaciona l	Verbal	Mental	Material	Relacional	Verbal	Mental
1 vez como beneficiário	1 vez como Atributo	1 vez como circunstância	1 vez como Experiência	7 vezes como Ator	1 vez como Atributo	2 vezes como dizente	1 vez como experienciador
6 vezes como circunstância	3 vezes como portador	1 vez como receptor	2 vezes como fenômeno	12 vezes como meta	7 vezes como portador		1 vez como fenômeno
7 vezes como meta	2 vezes como identificado	3 vezes como Dizente		7 vezes como circunstância	3 vezes como circunstância		
11 vezes como ator					1 vez como Identificado		

Quanto ao Sistema de Transitividade, a tabela 2 sintetiza em termos numéricos, o papel que o referente Lula ocupa nos processos em cada periódico analisado. Propusemos a descrição destes Processos, o papel do referente Lula no Sistema de Transitividade, como também estabelecer comparações quanto à escolha dos processos nos artigos de opinião dos dois periódicos. Na Veja, Lula desempenhou predominantemente o papel de Ator dos Processos Materiais, de Portador dos Processos Relacionais e Dizente dos Processos Verbais. Na Carta Capital, Lula teve mais destaque como Meta dos Processos Materiais, Portador dos Processos Relacionais e Dizente dos Processos Verbais. A diferença quanto ao papel desempenhado por Lula revelou-se na revista Carta Capital nos Processos Materiais como Meta, enquanto na Veja, predominou o papel de Ator. Houve similaridade quanto ao papel deste referente nos demais Processos dos dois periódicos. Entendemos que o Sistema de Transitividade com a análise dos Processos e Participantes contribuiu para a construção afirmativa e desfavorável do referente Lula não apenas pelo papel atribuído a ele, mas também pelo teor semântico dos Processos e do papel relacionados ao referente Lula.

4.2.2 Referente Dilma

Quadro 19 – Metafunção Textual Referente Dilma

Artigo V1 – Troca de baralho		Artigo V2 – Tempo de desvario		Artigo V3 – Paraíso Perdido	
Tema	Rema	Tema	Rema	Tema	Rema
1) Há	pelo menos umas boas 25 opções de respostas para explicar a liquidação da presidente Dilma Rousseff e seu governo, colocados agora na reta final com a decisão da câmara dos deputados.	1) Pois foi justamente o que fez	na última semana desse funesto mês de março, ao decidir em três minutos, e por unanimidade, abandonar o governo Dilma Rousseff , do ex-presidente Lula, do PT e de todos os parasitas pendurados em todos eles.	1) O que aconteceu	com a conta de luz barata e com a lição de economia que a presidente Dilma Rousseff deu ao planeta em 2013?
2) De todas as respostas possíveis, uma das mais acertadas está	Provavelmente está entre as mais simples: ao longo de toda sua agonia, Dilma	2) Só um governo patologicamente ruim conseguiria	levar um partido como o PMDB a largar o osso que roeu em mansa sociedade com	2) Os pessimistas tinham sido	Derrotados, informou Dilma .

	jamais conseguiu se defender com coerência das acusações que recebeu.		Lula, Dilma e o PT desde que foram para o palácio do Planalto treze anos e três meses atrás		
3) Claro, em todo caso, que nunca existiu dentro dos limites da força humana nenhuma possibilidade de	fornecer a Dilma uma defesa minimamente razoável.	3) Nunca se roubou	tanto dinheiro público no Brasil como nos governos de Lula e Dilma .	3) quando foi a última festa para comemorar	mais uma descoberta do pré-sal, com Lula e Dilma fazendo aquelas marcas pretas de óleo nos uniformes cor de laranja com que eram fantasiados?
4) Dilma não praticou	Todos os erros, é claro	4) Uma meta de 60 bilhões de déficit - não dobrou	a meta, como Dilma gosta, mas tem tempo de sobra pra chegar lá até dezembro, caso continue por aí.	4) O mundo capitalista enfim se curvava	diante da gestão econômica de Lula, Dilma , PT e de suas "políticas sociais"...
5) chegou-se a garantir	que ele ia liquidar a fatura em favor de Dilma .	5) A tentativa de obter	apoio internacional contra o impeachment de Dilma e futuros processos penais em que Lula possa ser réu.	5) Este é o país que resultou	na prática, dos treze anos de Lula, Dilma e PT.
6) Lula foi capaz de eleger	postes como Dilma Rousseff ,	6) Um governo que venha a substituir	Dilma		

Fonte: Revista Veja

4.2.2.1 Análise do Quadro 19

Texto – Troca de Baralho

Das 6 ocorrências com o referente Dilma, apenas 1 delas está em posição temática. Na frase 4, Dilma aparece como Tema simples, não-marcado. Observa-se que o articulista tematiza sucessivamente através do pronome “ela” em três ocorrências posteriores, com o intuito de direcionar a mensagem sobre este referente que é sobre quem o autor quer enfatizar a informação. Nas orações 1, 2, 3, 5 e 6, é perceptível um alto nível de informatividade e argumentatividade, ao afirmar que Dilma nunca conseguiu minimamente se defender das acusações que lhe foram dirigidas. Esta informação é nova na oração 2; contudo na 3ª oração, a informação do Rema não se apresenta nova por ser retomada na oração 2. As orações 5 e 6 que trazem Dilma no Rema contêm orações cujas informações são dadas, por

serem inferíveis pelo contexto da política brasileira, como por exemplo, quem Lula elegeu e o governo da então Presidente pagaria a fatura a favor da própria Presidente.

Tempos de Desvario

Neste artigo, novamente temos bastante localização do referente Dilma em posição de Rema. Das 7 ocorrências ao nome Dilma, todas estão no Rema. Nas palavras de Halliday (2004), no Rema é onde se concentram as informações novas, aquelas mais relevantes nas quais o leitor deve se deter. Embora pelo que nos tem relevado os dados, esta relação dado-novo é relativizada, de acordo com o conhecimento de mundo que o leitor traz consigo. Há informações que podem ser novas para uns, e não para outros. Mas também há aquelas que são recuperáveis no próprio texto. Este parece ser o estilo de escrita bastante recorrente na revista Veja. Neste artigo, observamos que nas 7 orações em que Dilma é mencionada no Rema, há configuração de conteúdos semânticos similares, o de atribuir ao governo Dilma a pecha de governo mais corrupto da história do país (*nunca se roubou tanto como no governo Dilma e mensagens de apoio ao impeachment*).

Paraíso Perdido

Os dados desse texto corroboram com a análise que fizemos no texto anterior, o do estilo recorrente da revista Veja quanto à estrutura temática. Novamente, temos um artigo que traz a referente Dilma 5 vezes, todas as ocorrências em posição do Rema. Acreditamos que este estilo pode contribuir com a intensidade da informação, por ser o Rema portador de alta informatividade, embora entendamos que a disposição temática das orações pode dar pistas do modo como o autor efetuou a ligação entre as informações. O conteúdo semântico das orações em que Dilma é tematizada traz informações novas, não retomáveis no texto nem no contexto. Exceção pode se atribuir à última oração, cujo Rema expressa uma informação dada por ser facilmente inferível pelo leitor.

Quadro 20 – Metafunção Textual Referente Dilma

Artigo V4 – Tudo desigual		Artigo V5 – Na véspera	
Tema	Rema	Tema	Rema
1) De todas as aberrações criadas na vida do país por Dilma Rousseff , pelo PT é pelo ex-presidente Lula é	Difícil escolher uma campeã indiscutível.	1) A sorte de Dilma	
2) Dilma foi gravada dizendo	A Lula que ia lhe mandar o termo de posse	2) tal qual as coisas se apresentavam na semana passada, é	O fim iminente do governo Dilma Rousseff .
3) Dilma Rousseff virou	Um trapo	3) A divulgação da delação do senador Delcídio do Amaral em que a presidente aparece	Enredada na compra da refinaria de Pasadena...
4) Dilma é tratada	Por Lula como se fosse sua empregada.	4) Motivo para afastá-	-la não seria agora uma técnica, como as pedaladas fiscais.
		5) Dilma arrisca	Os últimos lances e perde.
		6) O isolamento da presidente, sua inépcia pessoal e a inoperância do governo permitem entrever	Até a hipótese de renúncia.
		7) Dando-se a deposição de Dilma pela cassação da chapa ainda neste ano, teremos	Nova eleição.
		8) Quem pensa que qualquer um é melhor que Dilma certamente não inclui	Lula em seus cálculos
		9) Ao contrário do que	

		ela apregoa	
		10) não é que Dilma não queira influir	Na lava jato
		11) É que ela e seu governo são	Fracos demais para fazê-lo.

Fonte: Revista Veja

4.2.2.2 Análise do Quadro 20

No artigo “Tudo desigual”, há quatro ocorrências à referente Dilma. Quanto à organização temática, Dilma aparece quatro vezes no Tema, como ponto de partida. Ao escolher colocar Dilma como ponto de partida, o articulista dá pista de que o seu ponto de vista se dá numa configuração que valoriza este elemento referencial. Na primeira oração, a referente aparece com Tema múltiplo e nas demais (orações 2, 3 e 4), o Tema é simples. Mesmo que não seja o propósito desta pesquisa analisar a Progressão Temática das orações, convém ressaltar que a referente Dilma aparece como Tema Tópico e retomada por pronomes, termos correlatos, ou seja, elementos linguísticos que levam a construir sua imagem, como: *trapo*, *expulsa*, *empregada de Lula*.

Em “Na véspera”, Dilma é tematizada sete vezes das onze em que seu nome aparece. Nota-se uma tentativa de dar proeminência a esta referente como estrutura de ênfase. O tipo de Tema das orações em que a referente é localizada é múltiplo nas orações 7, 8 e 10. Estes tipos de Temas contribuem com a intensidade da informação e contribuem com a argumentação contra o impeachment, ao situar questões pertinentes a respeito da referente Dilma. Nas orações 3, 9 e 11 os Temas são tópicos, sendo que a oração 3 traz a referente como “a presidente”, nas orações 9 e 11, a forma pronominalizada “ela”.

Quadro 21 – Metafunção Ideacional Referente Dilma

Artigo V1 – Troca de baralho	Artigo V2 – Tempo de desvario	Artigo V3 – Paraíso Perdido
1) Há pelo menos umas boas 25 opções de respostas para explicar a liquidação da presidente Dilma Rousseff e seu governo. 2) (...) ao longo de toda sua agonia, Dilma jamais conseguiu se defender com coerência das acusações que recebeu. 3) Parece claro, em todo caso, que nunca existiu dentro dos limites da força humana nenhuma possibilidade de fornecer a Dilma uma defesa minimamente razoável. 4) Dilma não praticou todos os erros, é claro. 5) chegou-se a garantir que ele ia liquidar a fatura em favor de Dilma. 6) Lula foi capaz de eleger postes como Dilma Rousseff.	(1) (...) ao decidir em três minutos, e por unanimidade, abandonar o governo de Dilma Rousseff, do ex-presidente Lula, do PT e dos parasitas pendurados em todos eles. 2) Só um governo patologicamente ruim conseguiria levar um partido como o PMDB a largar o osso, que roeu em mansa sociedade com Lula, Dilma e o PT desde que foram para o Palácio do Planalto, treze anos e três meses atrás. 3) Nunca se roubou tanto dinheiro público no Brasil como nos governos de Lula e Dilma. 4) Ainda outro dia, no comecinho do ano, tinha uma meta de 60 bilhões de déficit - não dobrou a meta, como Dilma gosta... 5) (...) a tentativa de obter apoio internacional contra o impeachment de Dilma e futuros processos penais em que Lula possa ser réu. 6) Cinco minutos depois de tomar posse, um novo governo que venha a substituir Dilma já será reconhecido por todas as nações.... 7) (...) o regulamento a ser seguido no Congresso para a deposição legal de Dilma.	1)O que aconteceu com a conta de luz barata e com a lição de economia que a presidente Dilma Rousseff deu ao planeta em 2013? 2) Os pessimistas tinham sido derrotados, informou Dilma 3) (...) comemorar mais uma descoberta do pré-sal, com Lula e Dilma fazendo aquelas marcas pretas de óleo nos uniformes cor de laranja... 4) Enfim se curvava diante da gestão econômica de Lula, Dilma, PT e de suas "políticas sociais"... 5) Este é o país que resultou na prática, dos treze anos de Lula, Dilma e PT.

Fonte: Revista Veja

Quadro 22 – Metafunção Ideacional Referente Dilma

Artigo V4 – Tudo desigual	Artigo V5 – Na véspera
1) De todas as aberrações criadas na vida do país por Dilma Rousseff, pelo PT e pelo ex-presidente Lula é Difícil escolher uma campeã indiscutível.	1) A sorte de Dilma
2) Dilma foi gravada dizendo a Lula que ia lhe mandar o termo de posse	2) tal qual as coisas se apresentavam na semana passada, é O fim iminente do governo Dilma Rousseff.
3) Dilma Rousseff virou um trapo	3) A divulgação da delação do senador Delcídio do Amaral em que a presidente aparece enredada na compra da refinaria de Pasadena...
4) Dilma é tratada por Lula como se fosse sua empregada.	4) Motivo para afastá-la não seria agora uma técnica, como as pedaladas fiscais.
	5) Dilma arrisca os últimos lances e

	perde.
	6) O isolamento da presidente, sua inépcia pessoal e a inoperância do governo permitem entrever Até a hipótese de renúncia.
	7) Dando-se a deposição de Dilma pela cassação da chapa ainda neste ano, teremos nova eleição.
	8) Quem pensa que qualquer um é melhor que Dilma certamente não inclui Lula em seus cálculos
	9) Ao contrário do que ela apregoa
	10) não é que Dilma não queira influir na lava jato
	11) É que ela e seu governo são fracos demais para fazê-lo.

Fonte: Revista Veja

4.2.2.3 Análise dos Quadros 21 e 22

Artigo V1 - Troca de Baralho

(1) Verbiagem do Processo Verbal em: “Há pelo menos umas boas 25 opções de respostas para **explicar** a liquidação *da presidente Dilma Rousseff e seu governo.*”

(2) Ator do Processo Material em: “(...) ao longo de toda sua agonia, *Dilma* jamais **conseguiu se defender** com coerência das acusações que recebeu.”

(3) Meta do Processo Material em: “Parece claro, em todo caso, que nunca existiu dentro dos limites da força humana nenhuma possibilidade de **fornecer a Dilma** uma defesa minimamente razoável.”

(4) Ator do Processo Verbal em: “*Dilma* não **praticou** todos os erros, é claro.”

(5) Circunstância de Processo Material em: “chegou-se a garantir que ele ia **liquidar** a fatura em *favor de Dilma.*”

(6) Comparação em Processo Material: “Lula foi capaz de **eleger** postes como *Dilma Rousseff.*”

Artigo V2 - Tempo de Desvario

(7) *Meta em Processo Verbal*: “(...) ao decidir em três minutos, e por unanimidade, **abandonar** o governo de Dilma Rousseff, do ex-presidente Lula, do PT e dos parasitas pendurados em todos eles.”

(8) *Circunstância de Processo Material em*: “Só um governo patologicamente ruim conseguiria levar um partido como o PMDB a largar o osso, que **roeu** em mansa sociedade com Lula, Dilma e o PT desde que foram para o Palácio do Planalto, treze anos e três meses atrás.”

(9) *Circunstância de Comparação em Processo Material*: “Nunca se **roubou** tanto dinheiro público no Brasil como nos governos de Lula e Dilma.”

(10) *Experienciador em Processo Mental*: “Ainda outro dia, no comecinho do ano, tinha uma meta de 60 bilhões de déficit - não dobrou a meta, como Dilma **gosta...**”

(11) *Circunstância de Processo Material em* “(...) a tentativa de **obter** apoio internacional contra o impeachment de Dilma e futuros processos penais em que Lula possa ser réu.”

(12) *Meta em Processo Material*: “Cinco minutos depois de tomar posse, um novo governo que venha a **substituir** Dilma já será reconhecido por todas as nações....”

(13) *Circunstância em Processo Material*: “(...) o regulamento **a ser seguido** no Congresso para a deposição legal de Dilma.”

Artigo V3 - Paraíso Perdido

(14) *Ator em Processo Verbal*: “O que aconteceu com a conta de luz barata e com a lição de economia que a presidente Dilma Rousseff **deu** ao planeta em 2013?”

(15) *Dizente em Processo Verbal*: “Os pessimistas tinham sido derrotados, **informou** Dilma”

(16) *Ator em Processo Material* “(...) comemorar mais uma descoberta do pré-sal, com Lula e Dilma **fazendo** aquelas marcas pretas de óleo nos uniformes cor de laranja...”

(17) *Circunstância em Processo Material: “Enfim se **curvava** diante da gestão econômica de Lula, Dilma, PT e de suas “políticas sociais”...*

(18) *Circunstância de tempo do Processo Material: Este é o país que **resultou** na prática, dos treze anos de Lula, Dilma e PT.*

Artigo V4 – Tudo desigual

(19) Ator em Processo Material em sentença passiva: *“De todas as aberrações **criadas na vida do país por Dilma Rousseff, pelo PT e pelo ex-presidente Lula, é difícil escolher uma campeã indiscutível.**”*

(20) Meta em Processo Material em sentença passiva: **Dilma foi gravada dizendo** (ator em processo verbal) a Lula que ia lhe mandar o termo de posse.

(21) Portador em Processo Relacional: **Dilma Rousseff virou** um trapo

(22) Meta em Processo Material: **Dilma é tratada por** Lula como se fosse sua empregada.

Artigo V5 – Na véspera

(23) A sorte de Dilma (ausência de processo)

(24) Atributo de Processo Relacional: *“tal qual as coisas se apresentavam na semana passada, **é o fim iminente do governo Dilma Rousseff.**”*

(25) Portador no Processo Relacional: A divulgação da delação do senador Delcídio do Amaral em que a **presidente aparece** enredada na compra da refinaria de Pasadena...

(26) Meta no Processo Material: Motivo para **afastá-la** não seria agora uma técnica, como as pedaladas fiscais.

(27) Ator em Processo Material: **Dilma arrisca** os últimos lances e perde.

(28) Ator em Processo Material: **O isolamento da presidente, sua inépcia pessoal e a inoperância do governo permitem entrever** até a hipótese de renúncia.

(29) Meta em Processo Material: **Dando-se a deposição de Dilma** pela cassação da chapa ainda neste ano, teremos nova eleição.

(30) Atributo em Processo Relacional: Quem pensa que qualquer um **é melhor que Dilma** certamente não inclui Lula em seus cálculos

(31) Dizente em Processo Verbal: “Ao contrário do que **ela apregoa**”.

(32) Ator em Processo Material: (...) não é que **Dilma não queira influir** na lava jato

(32) Portador em Processo Relacional: É que **ela e seu governo são** fracos demais para fazê-lo.

Resultados do que o sistema de transitividade destes artigos pode revelar quanto à organização da estrutura léxico-gramatical e sua argumentatividade:

I – Orações com processos materiais

Os Processos Verbais relacionados à referente Dilma nos periódicos analisados da VEJA revelaram-se mais expressivos em termos quantitativos na classificação dos processos materiais. Das 33 ocorrências da referente Dilma nos 4 artigos analisados, 19 processos vinculados a esta referente são Materiais. A expressividade deste quantitativo deve-se justificar pelo fato de os Processos Materiais relacionarem-se com as ações do mundo físico e por serem também os Processos mais numerosos disponíveis no inventário da Língua Portuguesa. Segundo Fuzer & Cabral (2014, p.53), as Circunstâncias adicionam significados à oração pela descrição do contexto em que o Processo se realiza, podendo ocorrer livremente em todos os tipos de Processos.

No entorno dos Processos Materiais encontrados nestes artigos, a referente Dilma foi posicionada com maior frequência em Circunstâncias diversas, quando o articulista, por exemplo, pretendia apontar na temporalidade do governo da ex-presidente sua avaliação quanto aos aspectos políticos, econômicos e sociais desta época. É importante destacar que a Circunstância não está obrigatoriamente atrelada aos Processos Materiais como Ator e Meta; contudo trazemos esta classificação, uma vez que nos interessa a posição que a referente ocupa na oração e a relação com o Processo Material. Compreendemos que o Sistema de Transitividade materializa os eventos comunicativos por meio dos processos os quais se adaptam a sua realidade em particular. Como Ator, Dilma é situada em 7 Processos Materiais; nesta condição, o articulista revela a representação atribuída a Dilma com Processos que implicam ações concretas como *defender, praticar (este na oração negativa), de fazer marcas pretas nos uniformes, de criar aberrações, da lição de economia que Dilma deu (ironicamente), das aberrações criadas por Dilma, que ela não quis influir na lava jato*.

Todas estas ações atribuídas à referente Dilma como Participante Ator trazem atitudes depreciativas e, conseqüentemente, traduzem uma avaliação negativa por parte do articulista em torno desta referente e sua óbvia posição favorável ao *impeachment*. Como Participante Meta, a referente Dilma é posicionada 7 vezes, sendo em todas elas afetada negativamente pelos respectivos Processos Materiais. Orações como *abandonar o governo Dilma, substituir Dilma, Dilma foi gravada, Dilma foi tratada como empregada, motivo para afastá-la* reforçam o impacto bastante cético com relação a Dilma e favorável à sua saída do governo, através do processo do *impeachment*.

II – Orações com Processos Relacionais

As amostras que obtivemos nos artigos quanto aos Processos Relacionais trazem 5 orações no entorno de Dilma; 3 destes trazem a referente Dilma na posição de Portador e 2 como Atributo. Como os Processos Relacionais são comumente usados para representar seres no mundo em termos de características e identidades, nestes artigos de opinião, estes Processos contribuem para ratificação da orientação político-ideológica do periódico ao portar e atribuir valores à referente.

Estes valores são bem claros, expressos através de formas como *Dilma virou um trapo, é o fim do governo de Dilma, a Presidente aparece enredada, ela e seu governo são fracos demais*. Entendemos o processo na oração (25) como Relacional por ser no contexto um Processo Atributivo e apresentar um adjetivo como elemento principal.

III – Orações com Processos Verbais

As orações que trazem processos que têm como núcleo o dizer, que são os Processos Verbais contribuem para construir imagem de referentes nos artigos de opinião, uma vez que permitem ao articulista atribuir veracidade ao seu dizer, citando palavras proferidas pelo próprio referente ou por vozes que detêm autoridade. As orações (1), (15) e (30) trazem Processos Verbais nas intermediações da referente Dilma personificados na posição de Verbiagem e Dizente. A oração (1) traz a referente Dilma representada pelo conteúdo expresso pelo Processo Verbal na forma de conteúdo deste dizer “respostas para explicar a liquidação de Dilma. A oração (15) traz uma fala proferida por Dilma, logo, na posição de Dizente, com intuito de utilizar as próprias palavras da referente para evidenciar algo que, na visão do articulista, seria um equívoco. Estratégia semelhante foi empregada na oração (31), mesmo sendo em outro artigo, quando o articulista usa o Processo Verbal para fazer menção às próprias palavras da referente e contrapô-las, como tentativa de desconstruir ainda mais sua imagem perante suas próprias palavras.

IV – Oração com Processo Mental

Nosso *corpus* apresentou também uma ocorrência de processo mental no segundo artigo. Como expusemos na Fundamentação Teórica, estes processos constroem o fluxo de consciência do escritor. Na oração (10), a referente Dilma exerce a função léxico-gramatical de Experienciador. O articulista situa Dilma nesta posição para expressar um interesse, uma vontade da referente que não se concretizou, que é dobrar a meta, como *Dilma gosta*.

Quadro 23 – Metafunção Textual Referente Dilma

Artigo CC 6 - Carta do Doutor Roberto		Artigo CC 7 - Medo de Lula		Artigo CC 8 - A inteligência impotente	
Tema	Rema	Tema	Rema	Tema	Rema
1) como ocorre	agora, no acompanhamento do golpe contra a presidente Dilma Rousseff ..	1) Nem por isso, escapamos	à pecha de revista chapa branca, levada adiante até o naufrágio da nau de Dilma Rousseff , por jornalistas, colunistas, editorialistas, com intrépida dedicação e irredutível fervor.	1) Já que a quadrilha que manda é	a mesma que precipita o impeachment de Dilma Rousseff sem prova de crime de responsabilidade.
2) Roberto, José e João, herdeiros dele e diretores por direito divino, não poupam	Lula, tampouco Dilma Rousseff ...			2) Dilma não dispõe	da musculatura de Sansão.
				3) Dilma teve de suportar	situações deploráveis, recheadas pela retórica mais hipócrita, pelas lacunas culturais dos interrogadores, frequentemente pela lida difícil com o vernáculo, e pela aterradora atuação do presidente do STF, Ricardo Lewandowski, avalista do desastre.
				4) Dilma responde	com uma aula sobre as origens e os desenvolvimentos da crise econômica mundial em vez de desancar o torquemadinho mineiro.

				5) Dilma é	uma mulher honesta e lhe merece muita simpatia...
				6) Como se deu	com a própria Dilma , ao chamar Joaquim Levy para a Fazenda.

Fonte: Revista Carta Capital

4.2.2.4 Análise do Quadro 23

Texto Carta do Doutor Roberto

Neste artigo, a referente Dilma é mencionada apenas 2 vezes, devido o fato de a centralidade semântica deste texto recair no referente Lula. Nota-se que a informação mais significativa que se quer passar para o leitor sobre a referente Dilma está localizada no Rema em ambas ocorrências. Contudo, nesta estrutura da informação, pode-se afirmar que na oração 1, a informação em torno de Dilma é dada, inferível pelo Contexto de Situação, ao falar da desonestidade que seria o golpe contra a Presidenta Dilma Rousseff. Mesma análise se estende para a frase 2, quando o articulista se refere a ela como aquela eleita por 54 milhões de votos.

Texto Medo de Lula

A referente Dilma neste artigo de Mino Carta aparece apenas uma vez na posição de Rema. Quanto à estrutura de informação, a referente Dilma está imersa numa informação nova, aquela que o articulista deseja que seja de conhecimento do leitor que, no caso, trata-se da crítica de jornalistas ao presente veículo (Carta Capital) por ter apoiado Dilma até seus últimos instantes de governo. O articulista, com a revelação da crítica à sua revista, confere um tom de maior aproximação com seus leitores, ao se colocar como “perseguido” por se posicionar numa causa contrária ao que a maioria das pessoas demonstrava defender: o *impeachment* da presidenta Dilma.

Texto: A inteligência impotente

A análise da estrutura temática deste artigo situa a referente Dilma 3 momentos em posição de Tema e 3 em posição de Rema. Nas orações 2, 3 e 4, a referente Dilma está localizada em posição temática, com Tema Simples não-marcado, informação dada, recuperável nas orações anteriores. Nestas orações, a escolha temática da referente Dilma coincidiu com a função sintática de sujeito, o que acomoda semântica e estilisticamente esta referente como ponto de partida para informações pormenorizadas ao seu respeito situadas no Rema. A oração 5 traz Dilma no Rema com informações novas, já que se trata dos atributos dados pelo senador Cristovam Buarque à referente Dilma, segundo o articulista. Na última oração, na posição de Rema, há uma informação nova a respeito da referente em questão por não ser retomável no texto.

Quadro 24 – Metafunção Textual Referente Dilma

Artigo CC 9 – Lula, o “xis” da questão		Artigo CC 10 – Quem é líder?	
Tema	Rema	Tema	Rema
1) Impossível imaginar que	A presidenta escape da decisão premeditada da maioria oposicionista no Senado	1) O golpe que por ora afasta	Dilma Rousseff figura apenas no começo de uma pauta mais complexa e extensa.
2) para impedi-	-la		
3) e por ora, afastá-	-la da Presidência por até 180 dias.		
4) De todo modo, Dilma Rousseff promete continuar			
5) (elipse) Vou lutar para voltar ao governo			
6) Para afastá-	-la do golpe de Estado desenrolado no Parlamento faz parte de um conjunto de medidas tramadas pela oposição.		

7) Dilma , de qualquer forma, não é	O objetivo primordial dos opositores.		
8) Chegou-se a registrar e divulgar	Conversas entre a presidenta e o ex-presidente.		

Fonte: Revista Carta Capital

4.2.2.5 Análise do Quadro 24

Os systemicistas afirmam que Tema e Rema se relacionam sintática e funcionalmente. A referente Dilma é tematizada nas orações 4, 5 e 7 no artigo “Lula, o xis da questão”. Na oração 4, tem-se o Tema múltiplo, o que de certo modo, configura esta referente como extensão da ação da oração anterior. O Tema múltiplo é bastante relevante para o fluxo da mensagem. No caso analisado, este Tema múltiplo é composto por um adjunto modal e o tema ideacional não-marcado. Na oração 5, Dilma apresenta-se em elipse, o que configura, como já apontamos em outras análises, Bárbara e Gouveia (2003), que a elipse é considerada um Tema Tópico. Neste caso, a escolha da elipse contribuiu com o fluxo e a organização da mensagem. Já as informações em torno da referente Dilma localizadas no Rema são novas ou previstas pelo público que fideliza a leitura de tal periódico pela tendência político-ideológica que traduz.

No artigo “Quem é líder?”, o próprio título dá indícios de que a centralidade semântica recai na pessoa do Lula. A referente Dilma só é citada uma vez e na localização do Rema. Nesta ocorrência, a informação é nova, visto que não é retomável em outras partes do texto e expressa uma opinião do articulista, embora possa ser uma informação relativizada; ou seja, dada para aqueles leitores que captam a direção argumentativa do artigo. Nesta oração, a referente Dilma é situada no Rema, cuja informação é passar a imagem de que a situação pós Dilma compõe uma pauta complexa, o que reforça a posição contrária ao impeachment orquestrada pelo periódico.

Quadro 25 – Metafunção Ideacional Referente Dilma

Artigo CC 6 - Carta do Doutor Roberto	Artigo CC 7- Medo de Lula	Artigo CC 8- A inteligência impotente
Este comportamento transita com frequência do direito de se opor para o caminho da desonestidade, como ocorre agora, no acompanhamento do golpe contra a <i>presidente Dilma Rousseff</i>. Roberto, José e João, herdeiros dele e diretores por direito divino, não poupam Lula, tampouco <i>Dilma Rousseff</i>...	Nem por isso, escapamos à pecha de revista chapa branca, levada adiante até o naufrágio da nau <i>de Dilma Rousseff</i>, por jornalistas...	<i>Dilma</i> não dispõe da musculatura de Sansão. <i>Dilma</i> teve de suportar situações deploráveis... <i>Dilma</i> responde com uma aula sobre as origens e os desenvolvimentos da crise econômica... <i>Dilma é</i> uma mulher honesta e lhe merece muita simpatia... Já que a quadrilha manda, a mesma que precipita o <i>impeachment de Dilma Rousseff</i> sem prova ... Como se deu com a própria <i>Dilma</i>, ao chamar Joaquim Levy para a Fazenda.

Fonte: Revista Carta Capital

Quadro 26 – Metafunção Ideacional Referente Dilma

Artigo CC9 – Lula, o “xis” da questão	Artigo CC 10 – Quem é líder
1) Impossível imaginar que A presidenta escape da decisão premeditada da maioria oposicionista no Senado 2) para impedi-la 3) e por ora, afastá-la da Presidência por até 180 dias. 4) De todo modo, Dilma Rousseff promete continuar 5) Para afastá-la do golpe de Estado desenrolado no Parlamento faz parte de um conjunto de medidas tramadas pela oposição. 6) Dilma, de qualquer forma, não é o objetivo primordial dos opositores. 7) Chegou-se a registrar e divulgar conversas entre a presidenta e o ex-presidente.	1) O golpe que por ora afasta Dilma Rousseff figura apenas no começo de uma pauta mais complexa e extensa.

Fonte: Revista Carta Capital

4.2.2.6 Análise dos quadros 25 e 26

Artigo CC6 - Carta do Doutor Roberto

(1) Circunstância de Processo Material: “Este comportamento transita com frequência do direito de se opor para o caminho da desonestidade, como **ocorre** agora, no acompanhamento do golpe **contra a presidente Dilma Rousseff..**”

(2) Meta de Processo Material: “Roberto, José e João, herdeiros dele e diretores por direito divino, **não poupam** Lula, tampouco **Dilma Rousseff...**”

Artigo CC 7 - Medo de Lula

(3) Circunstância de Processo Material: “Nem por isso, **escapamos** à pecha de revista chapa branca, levada adiante até o naufrágio da nau **de Dilma Rousseff**, por jornalistas...”

Artigo CC 8 - A inteligência impotente

(4) Meta de Processo Material em: “Já que a quadrilha manda, a mesma que **precipita o impeachment de Dilma Rousseff** sem prova ...”

(5) Ator em Processo Material: “**Dilma não dispõe** da musculatura de Sansão.”

(6) Ator em Processo Material: “**Dilma teve de suportar** situações deploráveis...”

(7) Dizente em Processo Verbal: “**Dilma responde** com uma aula sobre as origens e os desenvolvimentos da crise econômica...”

(8) Portador em Processo Relacional: “**Dilma é** uma mulher honesta e lhe merece muita simpatia...”

(9) Circunstância em Processo Material: “Como **se deu com a própria Dilma**, ao chamar Joaquim Levy para a Fazenda.”

Artigo CC9 : Lula, o “xis” da questão

10) Ator em Processo Verbal: “*Impossível imaginar que a presidenta escape da decisão premeditada da maioria oposicionista no Senado.*”

11) Meta em Processo Material: “**para impedi-la**”.

12) Meta em Processo Material: “*e por ora, afastá-la da Presidência por até 180 dias.*”

13) Portador em Processo Relacional: “*De todo modo, **Dilma Rousseff promete continuar***”

14) Meta em Processo Material: “Para **afastá-la** do golpe de Estado desenrolado no Parlamento faz parte de um conjunto de medidas tramadas pela oposição.”

15) Portador em Processo Relacional: “*Dilma, de qualquer forma, **não é o objetivo primordial dos opositores.***”

16) Circunstância em Processo Material: “*Chegou-se a **registrar e divulgar conversas entre a presidenta e o ex-presidente.***”

Artigo CC 10 – Quem é líder

(17) Meta em Processo Material: “*O golpe que por **ora afasta Dilma Rousseff** figura apenas no começo de uma pauta mais complexa e extensa.*”

I – Orações com Processos Materiais

Os processos materiais que estão envoltos à referente Dilma nos 5 artigos da Carta Capital selecionados como *corpus* desta pesquisa expressam ações que podem ser codificadas no campo das ideologias pelo padrão semântico atribuído a estas ações. E quando se fala de ações, o objetivo da estrutura dos Processos Materiais é fornecer ao leitor informações voltadas a tais Processos como quem fez o quê, quando, onde ou de que modo. Dos 5 artigos que analisamos, encontramos 13 Processos Materiais em torno da referente que elencamos como objeto de investigação. A referente Dilma é situada como Ator destes processos apenas 3 vezes; como Circunstâncias, elementos de expansão do processo em 4 ocorrências e como Meta em 6 momentos de posicionamento. As ações desses Processos Materiais estendem-se mais expressivamente à Dilma como participante Meta, que, por sua vez, é afetada pelo desenrolar das ações: *não poupar Dilma, precipitar o impeachment de Dilma, impedir Dilma e o golpe que afasta Dilma.*

Como se pode perceber, a referente é afetada por Processos cujo teor semântico favorecem a situação de Dilma frente à iminente possibilidade de seu

afastamento. Na posição de Participante Ator, Dilma associa-se aos Processos *dispor, suportar e escapar*, pressupondo que as ações de mudanças e transformações devem ser provocadas pela referente Dilma, que, por conseguinte, são ações que trazem em seu bojo semântico a dificuldade da referente em defrontar o então momento político que ela está sob o julgamento de uma nação.

A referente Dilma, no entorno dos Processos Materiais, apresentou 4 ocorrências em posição circunstancializada. Fuzer & Cabral (2014, p. 53) postulam que as Circunstâncias associam-se aos Processos referindo localização de eventos no tempo, ou espaço, ou modo, ou causa. Em nossos dados, a ex-presidenta Dilma foi associada aos Processos Materiais nas Circunstâncias de causa e de assunto, atribuindo significados a estas orações por auxiliar a composição da mensagem.

II – Orações com Processos Relacionais e Verbal

Dos 5 artigos da revista Carta Capital que foram selecionados como *corpus* desta pesquisa, detectamos 3 orações com Processos Relacionais associados à referente Dilma. As orações que trazem estes Processos são bastante relevantes para caracterização e representação do referente, especificamente quando se trata de argumentar em artigo de opinião no então contexto político efervescente do *impeachment*. Detectamos a referente Dilma em 3 orações com Processos Relacionais na posição de Portador. É importante para esta pesquisa destacar também o Atributo estendido pelo articulista à referente Dilma: *que ela é honesta, que ela continua, que ela não é o objetivo principal dos opositores*. Estes Atributos conferidos à Dilma pelo Processo Relacional reverberam a imagem que favorece a ex-presidente, conforme a ideologia do deste periódico.

Nossos dados obtidos dos artigos da Carta Capital também apresentaram um Processo Verbal contíguo à referente Dilma. Como expusemos na fundamentação teórica, os Processos Verbais são Processos do dizer. A contribuição deste Processo para o discurso argumentativo do articulista é atribuir informações (neste caso favoráveis), utilizando-se das próprias palavras proferidas por Dilma, que no contexto, afirma que ela responde a um questionamento com aula sobre crise econômica.

Aqui concluímos os detalhamentos dos dados das Metafunções Textual e Ideacional que obtivemos para esta pesquisa. Segue abaixo um quadro resumitivo

do que obtivemos em termos de dados acerca do que os artigos dos dois periódicos revelaram quanto à organização léxico-gramatical em torno da referente Dilma.

Tabela 3 - Resultados da referente Dilma na Metafunção Textual

Revista	Referente	Padrões Temáticos	
Veja	Dilma	Tema	Rema
		2 Temas simples 3 Temas tópicos 6 Temas Múltiplos 11 Posições tematizadas	18 ocorrências
Carta Capital	Dilma	1 Tema Múltiplo 1 Tema elíptico 4 Temas Simples 6 Posições Tematizadas	12 ocorrências

Esta tabela ilustra o resultado quantitativo e analógico dos dados que obtivemos com relação à frequência da referente Dilma em posição temática nos dois periódicos. Nossa pretensão foi analisar a estruturas temática das orações, destacando o posicionamento da referente Dilma e como esta estrutura contribui para a construção da imagem dos referentes em foco. Com relação à categoria de análise da Metafunção Textual, a estrutura temática contribuiu para a construção afirmativa da imagem de Dilma (na Carta Capital) e desfavorável (na Veja) através do fluxo da mensagem e do teor semântico subjacente a esta mensagem. A referente Dilma, em termos quantitativos, apresentou maior frequência no Rema nos dois periódicos analisados, indo de encontro ao que levantamos como hipótese. Por veicular propósitos ideológicos distintos, nossa conjectura seria a de esta distinção pudesse refletir na estrutura temática dos artigos de opinião. Os resultados

resumidos nesta tabela mostram similaridades quanto à frequência do termo Dilma em posição de Tema, bem como seus tipos, e Rema nos dois periódicos.

Tabela 4 - Resultados da Referente Dilma na Metafunção Ideacional

Revista VEJA – Dilma Referente				Revista Carta Capital - Dilma			
Processos				Processos			
Material	Relacional	Verbal	Mental	Material	Relacional	Verbal	Mental
7 vezes como circunstância	3 vezes como Portador	1 vez como Verbiagem	1 vezes como Fenômeno	6 vezes como Meta	3 vezes como Portador	1 vez como Dizente	Não houve
6 vezes como Meta	2 vezes como Atributo	3 vezes como Dizente		4 vezes como Circunstância	3 vezes como Circunstância		
8 vezes como Ator				6 vezes como Ator	1 vez como Identificado		

A tabela 4 sintetiza os resultados quanto ao Sistema de Transitividade, em termos numéricos. Analisamos o papel que a referente Dilma ocupa preponderantemente nos Processos em cada periódico analisado. Propusemos a descrição destes Processos, o papel da referente Dilma no Sistema de Transitividade, como também estabelecer comparações quanto à escolha dos Processos nos artigos de opinião dos dois periódicos. Na Veja, Dilma desempenhou predominantemente o papel de Ator dos Processos Materiais, de Portador dos Processos Relacionais e Dizente dos Processos Verbais. Na Carta Capital, Dilma também apresentou os mesmos resultados que o da Veja quanto ao papel que desempenhou junto aos Processos a ela relacionados, revelando similaridade quanto ao seu papel nos demais Processos dos dois periódicos. Entendemos que o Sistema de Transitividade com a análise dos Processos e Participantes contribuiu para a construção afirmativa e desfavorável da referente Dilma não apenas pelo papel atribuído a ela, mas também pelo teor semântico dos Processos e do papel relacionados à referente Dilma.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa promoveu a reflexão da aplicabilidade do acervo teórico de Halliday nas metafunções textual e ideacional para compreender estrutura e funcionalmente como os artigos de opinião compilam a imagem de Lula e Dilma no período denominado de impeachment. Em outras palavras, nosso objetivo precípua foi analisar como a construção da imagem de dois referentes, Lula e Dilma, no período denominado de *impeachment*, subjaz nas estruturas do texto, levando em consideração o fluxo da mensagem, na perspectiva da LSF, em artigos de opinião.

Deste objetivo principal, desdobramos em três metas específicas: a) Analisar as estruturas temáticas e estrutura de informação das orações dos artigos, destacando o posicionamento dos referentes Lula, Dilma, termos a estes associados e como esta estrutura temática contribui para a construção da imagem dos referentes em foco; b) Descrever os processos e o papel que os referentes Dilma e Lula ocupam no sistema de transitividade; c) Estabelecer comparações quanto as semelhanças e diferenças, quanto à estrutura temática e quanto à escolha dos processos nos artigos de opinião utilizados como *corpus*, e o que essas semelhanças e diferenças representam para a construção da imagem de Lula e Dilma no período do impeachment nos dois periódicos.

Para isto, coletamos 5 artigos da revista Veja e 5 da revista Carta Capital, todos eles publicizados no ano de 2016, ano em que ocorreu o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff.

Entendemos que a relevância social desta pesquisa centra-se na ênfase ao estudo do discurso para desvendar posturas, posicionamentos e persuasão, já que a mídia desempenha um importante papel na sustentação e transformação das realidades socioculturais, sobretudo quando se refere ao âmbito político. Entendemos, portanto, a relação intrínseca que há entre mídia e política, materializada pelo discurso, razão pela qual elegemos este tipo de prática discursiva como nosso objeto de averiguação, o fato de o discurso ser constitutivo da ideologia e da política.

Justificamos a seleção do *corpus* no período do impeachment pela seguinte razão: o impeachment é um fato político atípico, só aconteceu duas vezes na história do país; em 1992 com a deposição do então Presidente Fernando Collor de Mello, e em 2016 com a saída da ex-presidente Dilma Vana Rousseff Linhares. Logo, o *impeachment* torna o ano de 2016 ideal para coleta de material para análise política, sobretudo linguística; haja vista que todos os noticiários televisivos, impressos e midiáticos guardaram seus melhores espaços para difusão de matérias e exposição de seus pontos de vista sobre a crise política vivida no Brasil.

Para atingirmos os objetivos que traçamos para esta pesquisa, buscamos nos sites dos periódicos da Veja e da Carta Capital as edições anteriores e selecionamos 5 artigos de cada periódico, publicado em 2016. O critério de seleção destes artigos foi a alta incidência nos artigos dos termos Lula e Dilma. Com base na ocorrência destes termos, descrevemos a estrutura temática, analisando em qual posição (Tema ou Rema) estes termos foram preponderantemente situados e quais implicações para a construção de sentido trariam. Em seguida, detectamos os processos contíguos aos referentes Lula e Dilma e classificamos conforme o sistema de transitividade. Com estas duas atividades, cumprimos os dois primeiros objetivos específicos que traçamos para esta pesquisa. O terceiro objetivo diz respeito aos resultados comparativos que obtivemos quanto aos referentes relacionados às metafunções e aos periódicos. São estes resultados que aqui apresentamos:

Segundo Halliday (2004), a relevância da Metafunção Textual para os estudos do discurso realiza-se por verificar as marcas da materialidade linguística responsáveis pela sinalização do ponto de partida do locutor, como também a posição na oração em que situam as informações mais importantes para o interlocutor. Estas marcas da materialidade linguística acontecem por meio da escolha que fazemos do elemento que ocupa a posição inicial de cada oração. Este elemento é denominado de Tema, ou ponto-de-partida da mensagem. Em outras palavras, o Tema na organização temática das orações é o fator mais significativo da fluência do texto.

Nossa análise da estrutura temática foi realizada em dois periódicos que representam nichos políticos diferentes. Analisamos como esta estrutura temática se delineou com relação aos referentes Lula e Dilma. Nossos dados revelaram que o

referente Lula na revista VEJA aparece na estrutura temática na posição de Tema Simples ou Múltiplos, como ponto de partida, em 32% de sua ocorrência. Em 68% das vezes que este referente aparece no periódico da VEJA foi situado no Rema. Na revista Carta Capital, este referente é tematizado em 43% das ocorrências a seu termo situado no Rema 57% das vezes. Ou seja, Lula é mais situado em posição temática na Carta Capital com relação à VEJA, no entanto, este dado refuta nossa hipótese. Pelo fato de o Tema funcionar como ponto de partida e índice orientador na compreensão das informações subsequentes, nossa hipótese é a de que Lula poderia ser mais frequentemente situado no Tema do que no Rema da revista Carta Capital, por ser o periódico que se alinha ideologicamente a ele. Ambos periódicos trazem o termo Lula predominantemente no Rema na estrutura temática de seus artigos de opinião.

Os resultados obtidos com as análises da estrutura temática dos artigos dos dois periódicos com a referente Dilma mostram-nos resultado similar ao do referente Lula. Na revista VEJA, Dilma foi situada em posição de Tema em 43% de suas aparições, enquanto no Rema, 57%. Na Carta Capital, o percentual de aparições no Tema da referente Dilma foi de 33%, já no Rema, 67%. Ambos periódicos em termos quantitativos situam Dilma preponderantemente no Rema. Digno de nota é que com a referente Dilma, sua posição temática na VEJA (43%) foi mais assídua do que os dados da Carta Capital (33%), divergindo do que os resultados mostraram do referente Lula, cuja regularidade temática foi maior na revista Carta Capital. Contudo, assim como nas ocorrências do referente Lula, tanto a VEJA como a Carta Capital situam com maior frequência a referente Dilma no Rema.

No Sistema de Transitividade, os Processos codificam as ações, representam as ideias e pensamentos e manifestam-se através dos sintagmas verbais. Os Participantes são os elementos do Processo, podendo ou não ter esse envolvimento, e são representados pelos sintagmas nominais. Com relação à Metafunção Ideacional, no Sistema de Transitividade, o referente Lula na revista VEJA foi posicionado com mais regularidade como Ator dos Processos Materiais, como Portador dos Processos Relacionais e como Dizente dos Processos Verbais. Na carta capital, o referente Lula foi situado mais como Meta dos Processos Materiais, Portador dos Processos Relacionais e Dizente dos Processos Verbais.

Com a referente Dilma, nossas análises apontaram posicionamento similar no papel desta referente no sistema de transitividade na VEJA e na Carta Capital. Ambos periódicos situaram-na com maior assiduidade como Ator dos Processos Materiais, como Portador dos Processos Relacionais e como Dizente dos Processos Verbais. Nossa hipótese quanto aos resultados do sistema de Transitividade seria que os referentes em foco, Lula e Dilma, ocupassem mais a posição de Ator, Portador e Dizente nos respectivos Processos Materiais, Relacionais e Verbais nos artigos da revista Carta Capital, pelo fato de ser o periódico que mais se alinha ideologicamente. Estas posições assumem ações, características e palavras que podem conferir maior destaque aos referentes. Nossos resultados quantitativos revelam que o papel destes referentes são bastante similares nos dois periódicos, exceto Lula na Carta Capital que teve predominância na posição de Meta; mas com a referente Dilma foi como Ator.

Os questionamentos centrais que motivaram a elaboração desta pesquisa foram:

- O Sistema de Transitividade e a Estrutura Temática podem desvelar significações quanto à imagem dos referentes em foco e se os dois periódicos, por serem de ideologias distintas, também revelam diferenças quanto à Estrutura Temática e ao Sistema de Transitividade.

Nossos resultados mostraram que é bastante recorrente a relativização quanto à estrutura de informação quanto ao que é dado e novo para o público. Quanto à estrutura temática quanto ao posicionamento dos referentes Lula e Dilma em posição de Tema e Rema, as duas revistas não revelaram discrepâncias, e sim similaridades quanto ao posicionamento destes referentes, mesmo se tratando de periódicos que veiculam ideologias distintas. Como as próprias análises revelam, houve sim excertos em que os referentes foram tematizados e lhes foi conferida maior proeminência com tal escolha; no entanto, ambas revistas, em seus artigos de opinião, posicionaram preponderantemente os referentes Lula e Dilma no Rema. Do mesmo modo com o papel dos referentes no sistema de transitividade; ambos periódicos atribuíram igual papel aos referentes em foco no Sistema de Transitividade. Podemos afirmar que a Transitividade e a Estrutura Temática desvelaram significações ao conferir valor semântico positivo ou desfavorável aos

referentes. Entretanto, as diferenças que supúnhamos haver quanto à estrutura temática e ao sistema de transitividade entre os dois periódicos não se configuraram.

Considerando que o Tema/Rema indica o propósito comunicativo e o foco que o produtor seleciona para o texto que constrói, assim como o Dado/Novo volta-se para o fluxo informacional no enunciado, o que as construções realizadas por Veja e Carta Capital indicam é que as discrepâncias ideológicas nos artigos de opinião da VEJA e Carta Capital publicizados no período do impeachment de 2016 com relação aos referentes Lula e Dilma não subjazem nas estruturas temáticas do texto, visto que ambos periódicos revelaram similaridades quanto a estes aspectos.

É evidente que as questões que levantamos aqui nesta tese não se esgotam, antes trata-se de questões detectadas para serem ainda mais investigadas. Acreditamos que este estudo pode contribuir com o ensino de língua portuguesa na análise de textos quanto à relação ideologia e a estrutura que subjaz, permitindo outras dimensões de aprendizagem quanto ao trato com o texto.

Por fim, consideramos que este trabalho de pesquisa pôde contribuir para uma ampliação do estudo da Metafunção Textual e da Metafunção Ideacional no Sistema de Transitividade, a partir da relação com referente e vertentes ideológicas distintas. Apontamos também a necessidade de novas indagações, como a ampliação de dados no que tange a um maior número de periódicos, artigos e/ ou outros gêneros textuais, ou com a inserção da função interpessoal não contemplada para fins analíticos nesta pesquisa, a fim de melhor compreendermos como os achados teóricos hallidayanos manifestam-se em suas respectivas estruturas, em diferentes contextos para ser possível, desta maneira, melhor definir os modelos linguísticos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBARA, L.; MACÊDO, M. C. M. de. *Linguística Sistêmico-Funcional para a Análise de Discurso: um panorama introdutório*. In: SILVA, D. E. G. Cadernos de linguagem e sociedade. v. 10, nº 1. Brasília: Thesaurus, 2009.
- DAVIES, F. *Reading between the lines: rhematic choice as a device for presenting writer viewpoint in academic discourse*. The speech, v. 9, no. 1/2, p. 173-200, 1988.
- EGGINS, Susanne. *An Introduction to Sistemic Functional Linguistics*. London: Pinter, 1994.
- EGGINS, Susanne. *An Introduction to Sistemic Functional Linguistics*. 2nd. Continuum, New York – London: 2004.
- FERNANDES, Pedro Veríssimo. *Arautos da crise - A cobertura da Operação Lava-Jato em Veja e Carta Capital*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2016.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Critical discourse analysis: the critical study of language*. England. Longman Group Limited, 1995.
- FRIES, Peter H. *On theme, rheme and discourse goals*. In: Coulthard M. (ed.) *Advances in written text analysis*. Routledge, 1994.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. (orgs.). *Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em língua Portuguesa*. Santa Maria: UFSM, 2014.
- GIVON, T. *Syntax I*. Nova York: Academic Press, 1979.
- GOUVEIA, C. A. M. *Texto e Gramática: uma introdução à Linguística sistêmico-funcional*. Artigo da Universidade de Lisboa e Instituto de Linguística Teórica – Portugal. Matraga, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, 2009.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold Publishers, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. HASAN, R. *Language, contexto and Text: aspecto of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold Publishers, 1994.

HALLIDAY, M. A.K.; MATTHIESSEN, C. *Introduction to Functional Grammar*. London e New York: Routledge, 2004.

HALLIDAY, M. K. *An Introduction to Functional Grammar*. Revised by Christtian M. I. M. Matthiessen. 3rd. ed. London: Edward Arnold, 2014.

HAWAD. H. *Tema, Sujeito e Agente: a voz passiva em perspectiva sistêmico-funcional*. Tese de Doutorado, Departamento de Letras, Estudos da Linguagem, PUC – Rio, 2002.

LIMA-LOPES, R.E. *Padrões Temáticos em Cartas de Negócios*. Trabalho apresentado no 6º CBLA (Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada) – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais: Mimeo, 2001.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros Textuais e Ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

MARTIN, J. R. *Working with Functional Grammar*. London: ARNOLD, 1997.

MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. e PAINTER, C. *Working with functional grammar*. Edward Arnold: 1997.

MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MATTHIESSEN, Christian M.I.M. 1995. THEME as an enabling resource in ideational “knowledge” construction. Mohsen Ghadessy (ed.), *Thematic developments in English texts*. London & New York: Pinter. 20-55.

MIGUEL, P.; LIMA DA ROCHA, J. ; ROCHA, R. *40 anos da morte de “Che”: uma análise das reportagens publicadas em Veja e Carta Capital*. In: X Congresso de Ciências da comunicação na Região Nordeste, 2008, São Luís. Anais eletrônicos... São Paulo, Intercom, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0083-1.pdf>.

MILLER, C. *Gênero textual, agência e tecnologia*. Organização de DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MOITA LOPES, L. P. *Identidades Fragmentadas*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

NINOMIYA, S.R.L. *Estruturação temática na tradução de textos literários da língua japonesa para língua portuguesa: um enfoque sistêmico-funcional*. 161f. Tese (Doutorado em Linguística). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2012.

OLIONI, Raimundo da Costa. *TEMA E N-REMA: A construção do fluxo de informação em textos narrativos sob uma perspectiva sistêmico-funcional*. 196 p. PORTO ALEGRE, Tese (Doutorado em Linguística), 2010.

PAGANO, A. *Organização temática e tradução*. In: ALVES, F.; MAGALHÃES, C.M.; PAGANO, A. (Org.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: editora da UFMG, 2005.

SIQUEIRA, C.P. *Análise temática em estudos de tradução: o caso dos relatórios anuais de empresas brasileiras*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 2000.

SOUZA, M.M. *Transitividade e construção de sentido no gênero editorial*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras, UFPE – Recife, 2006.

THOMPSON, G. (1996) *Introducing functional grammar*. 2nd edition. Edward Arnold, 1996.

VENTURA, C.; LIMA-LOPES, R. *O tema: caracterização e realização em português*. Direct Papers 47, PUC-SP and University of Liverpool, 2002

ANEXO A - RECORTES DO COLUNISTA: J. R. GUZZO



J.R. GUZZO

TROCA DE BARALHO

UMA DAS PERGUNTAS preferidas, entre tantas que são feitas em momentos de desastre, é: “Por que, no fim de todas as contas, deu nisso?”. Há pelo menos umas boas 25 opções de resposta para explicar a liquidação da presidente Dilma Rousseff e seu governo, colocados agora na reta final com a decisão da Câmara dos Deputados. De todas as respostas possíveis, uma das mais acertadas está provavelmente entre as mais simples: ao longo de toda a sua agonia, Dilma jamais conseguiu se defender com coerência das acusações que recebeu. Em vez de buscar ajuda nos fatos para fazer sua defesa, foi procurar salvação numa frase de palanque: “Impeachment é golpe”. O resultado concreto desse esforço foi a derrota que acaba de sofrer no plenário da Câmara. Seu grito de combate convenceu os que não precisavam ser convencidos de nada, e que são os mesmos de sempre — intelectuais etc., mais os “movimentos sociais” que vivem de dinheiro público e movimentam basicamente a si próprios. Mas não convenceu a única plateia que interessava, por ser a única capaz de resolver o seu problema: os deputados federais brasileiros. Fim da conversa.

Parece claro, em todo caso, que nunca existiu dentro dos limites da força humana nem humana possibilidade de fornecer a Dilma uma defesa minimamente razoável. A presidente está sendo deposta, do ponto de vista técnico, por fraude nas contas públicas, e por nada mais. É rigorosamente fora de propósito, ao mesmo tempo, esperar que na hora do julgamento alguém consiga esquecer o monumento histórico à corrupção, à incompetência e à insensatez que foram os seus

cinco anos e tanto de governo. Dilma não praticou todos os erros, é claro — aliás, ninguém tem tempo para errar tanto, e além do mais a desgraça geral começou nos governos do seu antecessor. Mas ela é a responsável, sim, pelos erros cometidos. Quem esteve no comando do barco durante todo esse tempo? Foi ela, e mais ninguém. Não dá para dizer, agora, “eu não sabia”, ou “não era isso que eu queria”, ou “não fui eu” quem roubou, quem arruinou: Petrobras, quem criou 10 milhões de desempregados, quem levou a indústria brasileira a seu estágio de setenta anos atrás, quem transformou os fundos de pensão das estatais em atividade criminosa, e por aí afora. Defender-se como, desse jeito?

O que lhe ocorreu, a ela e sua tropa, foi ficar dizendo “não vai ter golpe”. Fora isso, o governo limitou-se a praticar truques. Mandou ministros se licenciarem para votar contra o impeachment na Câmara. Tentou-se colocar Lula na Casa Civil. A um certo momento pensaram em baixar o preço da gasolina. Cargos públicos foram postos em venda aberta em troca de votos. Quiseram jogar a culpa de tudo em Michel Temer e Eduardo Cunha, esquecidos de que o vice, ainda faz pouco tempo, era o grande “coordenador político” do governo — chegou-se a garantir que ele ia “liquidar a fatura” em favor de Dilma. E Cunha? Jamais se menciona que foi nos governos do PT, e não durante o reinado de dom Pedro II, que o deputado praticou todos os delitos de que é acusado. A cada dois ou três desses espasmos, anunciavam que a situação estava “virando”. Virava, virava — e voltava ao ponto de partida. Também não funcionou, pelo jeito, a genialidade política que se atribui a Lula, e que iria “mudar tudo” no fim do jogo. O ex-presidente bem que tentou. Deu, e deu, e deu na chave de partida — só que o motor não pegou. Lula já foi capaz de eleger postes como Dilma Rousseff, mas não é curandeiro de pacientes desenganados. Dizem que consegue dar nó em pingo de água — pode ser, mas precisa de água. Além disso está ocupado, acima de tudo, em salvar a si próprio.

Hora de trocar o baralho. ■



J.R. GUZZO

TEMPO DE DESVARIO

NUNCA ANTES na história deste país houve tantas oportunidades claras de dizer “nunca antes na história deste país”. É raro, hoje em dia, que se passem 24 horas seguidas sem que aconteça alguma coisa jamais acontecida antes — algo sem precedentes, sem registro anterior, inédito, nunca visto, observado pela primeira vez, e assim por diante. Há também a questão do tempo. Todas essas coisas não acontecem desde a proclamação da República, ou o grito do Ipiranga, ou a assinatura do Tratado de Tordesilhas, ou alguma outra data imensa que se desbota lentamente na escuridão do passado.

Para os jornalistas, que têm a vaga obrigação de não repetir demais as palavras que escrevem, é uma chateação. Mas o que se pode fazer? O “nunca antes” é um bicho que não dá trégua a ninguém no Brasil de hoje. Ei-lo outra vez: alguém já viu o maior partido brasileiro, o PMDB, sair por vontade própria de algum governo? Pois foi justamente o que fez na última semana desse funesto mês de março, ao decidir em três minutos, e por unanimidade, abandonar o governo de Dilma Rousseff, do ex-presidente Lula, do PT e dos parasitas pendurados em todos eles — mais um passo rumo ao atestado de óbito de governantes reduzidos, por seus próprios desatinos, a um aglomerado que vive em delírio, não governa mais nada e declarou guerra à democracia brasileira.

Só um governo patologicamente ruim conseguiria levar um partido como o PMDB a largar o osso, que roeu em mansa sociedade com Lula, Dilma e o PT desde que foram para o Palácio do Planalto, treze anos e três meses atrás. É mais uma taça na categoria

“Obras inéditas”, em que tanto vem brilhando. Nunca se roubou tanto dinheiro público no Brasil como nos governos de Lula e de Dilma.

Alguém pode citar algum outro? Nunca o país foi administrado com uma incompetência tão desesperada. Para ficar só nos números mais horroresos e mais recentes, o governo pretende ter um rombo superior a 95 bilhões de reais em suas contas de 2016. Ainda outro dia, no começo do ano, tinha uma meta de 60 bilhões de déficit — não dobrou a meta, como Dilma gosta, mas tem tempo de sobra para chegar lá até dezembro, caso continue por aí. E a Petrobras? A empresa sagrada da esquerda nacional fechou

O “nunca antes” é um bicho que não dá trégua a ninguém no Brasil de hoje

2015 com um prejuízo de 35 bilhões de reais, que se somam aos 20 bilhões perdidos em 2014; há também os 40 bilhões torrados em corrupção pura, pelos cálculos da Operação Lava-Jato. Que outro governo brasileiro destruiu tanto o patrimônio da Petrobras?

Nunca houve uma campanha tão frenética a favor da corrupção como a que se faz agora sob o comando de Lula, e que está à vista de todos com o bombardeio contra as investigações em andamento no Poder Judiciário — especialmente contra o juiz Sérgio Moro, acusado de nazista, bandido, conspira-

dor decidido a eliminar o estado de direito no Brasil e daí para baixo. Nunca um governo recorreu tanto à cesta das soluções cretinas como o atual; seu último feito, aí, é a tentativa de obter “apoio internacional” contra o impeachment de Dilma e futuros processos penais em que Lula possa ser réu. Nesse caso já não se trata de estupidez — é desvario. Cinco minutos depois de tomar posse, um novo governo que venha a substituir Dilma já será reconhecido por todas as nações, salvo, talvez, por uma Venezuela qualquer. É bom não contarem com Cuba: hoje o herói de lá é Barack Obama, não Lula, e o grande projeto cubano é dar-se bem com os Estados Unidos.

Nunca antes, enfim, um grupo político ameaçado de ruína bolou uma estratégia de defesa tão alucinada quanto essa tentativa de barrar o impeachment gritando “não vai ter golpe”.

Claro que não vai ter. A lei diz que não é golpe; aliás, exige que 342 deputados e 54 senadores votem pelo impeachment. O STF diz que não é golpe — escreveu, inclusive, o regulamento a ser seguido no Congresso para a deposição legal de Dilma. Câmara e Senado dizem que não é golpe. A Ordem dos Advogados diz que não é golpe. A deputada Luciana Geiro, comandante de um partido descrito como de “extrema esquerda” e que prega o fim do “modelo capitalista” no Brasil, diz que não é golpe. “Não estamos numa situação de golpe”, garante Luciana; não vem aí, explica ela, nenhum governo que “vá censurar, que vá prender, que vá torturar”. Diz que as “castas políticas” estão tentando uma “operação abafa” na Lava-Jato e que Moro “não é um fascista”. Para completar, diz que “Lula é indefensável” e “está comprometido com os interesses dos megaempresários que saquearam os cofres públicos”. Depois disso, a quem apelar? ■



J.R. GUZZO

PARAÍSO PERDIDO

ONDE FOI PARAR neste começo de 2016 o “carrinho novo” que, segundo o ex-presidente Lula, o operário brasileiro finalmente teve dinheiro e crédito para comprar, por conta das virtudes de seu governo? Onde andariam todos os trabalhadores humildes que deixaram “a elite inconformada” por começarem a viajar de avião, pela primeira vez na história deste país? Onde poderia estar circulando neste momento o “Trem-Bala” que, segundo Lula garantiu mais de uma vez, seria inaugurado dali a pouquinho e calaria a boca dos que “torcem contra” o governo? Alguém já conseguiu tirar uma caneca de água da transposição do Rio São Francisco? O que aconteceu com a conta de luz barata e com a lição de economia que a presidente Dilma Rousseff deu ao planeta em 2013? O Brasil, assegurou ela, acabava de provar que era possível, sim, crescer, distribuir renda, baratear a vida para os pobres e ter finanças saudáveis, tudo ao mesmo tempo, “em meio a um mundo cheio de dificuldades”. Não só isso. Seu governo acabava de colocar o Brasil numa “situação privilegiada” perante a comunidade das nações, com “energia cada vez melhor e mais barata, mais que suficiente para o presente e o futuro”. Os “pessimistas” tinham sido derrotados, informou Dilma.

E os juros? Na mesma ocasião, a presidente comunicou que “os juros estão caindo como nunca” — e hoje? Outra coisa: sabe-se da existência de algum posto onde seria possível

comprar gasolina barata, feito de que o governo tanto se orgulhava até o encerramento da eleição presidencial de 2014? O Brasil entrou, afinal, na Opep, como Lula previa diante da nossa transformação em potência na produção de petróleo? Aliás, por falar nisso, quando foi a última festa para comemorar mais uma descoberta do “pré-sal”, com Lula e Dilma fazendo aquelas marcas pretas de óleo nos uniformes cor de laranja com que eram fantasiados? Procuram-se notícias, também, do real forte — tão forte que iria dispensar o dólar nas transações internacionais do Brasil, pelas altas análises do Itamaraty. Seria interessante saber onde foi parar o investment grade que as grandes agências mundiais de avaliação de risco deram ao Brasil pouco tempo atrás — prova definitiva, segundo o governo, de que o mundo capitalista enfim se curvava diante da gestão econômica de Lula, Dilma, PT e de suas “políticas sociais”. O mesmo se pode perguntar em relação ao “gostinho” declarado pelo ex-presidente em ver o Primeiro Mundo em “crise” e o Brasil correndo para o abraço. Onde está “o pleno emprego”? Onde está a “Pátria Educadora”? Onde está o maior programa de distribuição de renda já visto na história da humanidade?

Nada disso se encontra disponível no presente momento. Carrinho novo? A indústria automobilística acaba de ter, em 2015, o pior desempenho em quase trinta anos — isso mesmo, desde 1987, nas remotas profundezas do governo José Sarney. As

companhias de aviação estão de joelhos; se estão perdendo até os passageiros ricos, imagine-se os pobres. A energia barata virou uma piada: as contas de luz subiram 50% em 2015, e vão subir de nove neste ano. Os juros andam perto de 15% — um paraíso mundial para os “rentistas” com os quais a esquerda brasileira tanto se horroriza nos discursos e a quem tanto favorece na vida real. No assunto petróleo, o que se tem, acima de tudo, é uma Petrobras que o governo quebrou, por ladroagem e incompetência, e hoje não tem dinheiro para investir nada; na verdade, ela jamais deveu tanto. O real perdeu 50% do seu valor ao ano passado, e voltou, após mais de vinte anos, à sua condição de moeda bananeira. O governo presidiu uma recessão de 3,5% em 2015 — isso era cima de crescimento zero em 2014 — e prepara-se para socar na economia outro recuo neste ano, de 2,5% ou mais. Há 10 milhões de desempregados neste país, no corrente mês de janeiro. O último IDH, uma das medidas mundiais mais respeitadas para avaliar o bem-estar dos países, deixou o Brasil em 75º lugar — e quem pode achar que está bem, em qualquer coisa, se fica no 15º lugar? O investment grade sumiu: como o S&P, na *Bíblia*, a Moody's, a S&P e a Fitch dão, a Moody's, a S&P e a Fitch tiram.

É este o país que resultou, na prática, dos treze anos de Lula, Dilma e PT. Ninguém no governo tem a menor ideia de como sair disso — nem poderia ter, quando o seu único objetivo, hoje em dia, é ficar de bem com o senador Renan Calheiros e traficar no Congresso um jeito para escapar do impeachment. Daí só se pode esperar que as coisas continuem piorando, piorando, piorando — até que chega um dia em que continuam a piorar. ■



J.R. GUZZO

TUDO DESIGUAL

DE TODAS as aberrações criadas na vida do país por Dilma Rousseff, pelo PT e pelo ex-presidente Lula, é difícil escolher uma campeã indiscutível, claramente maior que todas as outras hoje em circulação. Teria mesmo de ser assim. Todos eles, lá atrás, parecem ter se encantado com as teorias da “destruição criativa”, que se pretendem capazes de resolver problemas fazendo o contrário do que a lógica recomenda; chamam a isso de “quebra de paradigmas”.

É óbvio, no caso, que alguma coisa deu espetacularmente errado. Tudo o que conseguiram na prática, após um esforço que já dura treze anos e três meses, foi provocar destruição destrutiva. A consequência é essa inédita situação de anarquia no seu próprio governo, no ambiente político, no mundo da produção e do trabalho, na moralidade pública, no Tesouro Nacional, no respeito elementar às leis e, no fim das contas, em tudo aquilo que pode ser piorado, intoxicado e arruinado pela ação das autoridades da República.

Qual seria o desastre campeão? É duro escolher, até porque eles conseguem fabricar uma calamidade nova por dia, mas com certeza um concorrente muito bem cotado é a alarmante carga de cavalaria que Lula faz no momento contra as normas gerais da democracia e a paz pública, com o único propósito de fugir das suas complicações com a Justiça Penal brasileira. O homem desistiu, definitivamente, de defender-se dentro das leis. Nomeou a si próprio para um terceiro mandato, como chefe da “Casa Civil”, e passou a presidir o país — em benefício exclusivamente pessoal, da família e do condomínio formado à sua volta desde

2003 para mandar no Brasil e transformar os bens da nação em propriedade privada dos que mandam.

Pode ficar pior ainda, porque sempre pode ficar pior. Mas cada dia tem a sua agonia, e as misérias do momento já colocaram a vida pública do país no ponto mais baixo em que esteve até hoje em sua história. Dilma foi gravada dizendo a Lula que ia lhe mandar o “termo de posse” como ministro, para ser usado “em caso de necessidade”; não houve sequer um disfarce mínimo para ocultar que estava sendo feita uma trapaça, ou para fingir que a nomeação tinha alguma coisa a ver com o interesse público. Fizeram uma “edição extra” do *Diário Oficial* na

Dilma vive uma humilhação inédita; conseguiu ser expulsa do próprio governo

véspera da posse de Lula, para ele se esconder o mais rápido possível das investigações de corrupção da Operação Lava-Jato — é o mais perto que se poderia chegar de uma falsificação de documento público. Dilma Rousseff virou um trapo. Vive uma humilhação inédita para alguém no seu cargo; conseguiu ser expulsa do próprio governo. “Fora, Dilma”, como grita a rua? Ela já foi. Seu ministério tornou-se um esconderijo.

Dilma é tratada por Lula como se fosse sua empregada; na inesquecível gravação em que se prontifica a entregar-lhe o “termo de posse” preventivo, não rece-

be dele sequer um “obrigado”. É impossível acreditar que possa dar alguma ordem que desagrade a seu novo ministro da Casa Civil. O presidente de verdade, é claro, não vai apenas se esconder do juiz Sergio Moro atrás da porta do ministério: vai jogar toda a máquina do governo no esforço para não ser processado, preso e condenado. No momento em que mais de 1 milhão de pessoas vão às ruas em São Paulo, e mais de 2 milhões de outras protestam em 500 cidades do país ao mesmo tempo, para dizer que não querem mais saber de Lula, é o maior pontapé que se poderia aplicar na opinião pública brasileira.

No começo de sua carreira política, quando se apresentava como um idealista não contaminado pela politicagem, Lula disse que no Brasil só preto e pobre vão para a cadeia. “Ladrão vira ministro”, garantiu ele na ocasião. Falou de livre e espontânea vontade: a responsabilidade pelo que disse é exclusivamente sua. Essas palavras saem do túmulo, hoje, para assombrar a sua entrada no ministério. Elas completam a cachoeira de palavras que utilizou nos telefonemas gravados pela polícia — uma sequência que entrará para a enciclopédia dos contos de terror da política brasileira, com os insultos que dirigiu ao STF, ao STJ, ao Congresso, aos presidentes do Senado e da Câmara, ao procurador-geral da República, a ex-colegas de partido e quem mais entrou no radar da sua ira. Além e talvez acima de tudo, Lula, o PT e seu sistema de propaganda tentam vender uma ideia perversa, de que na política brasileira tudo e todo mundo é “igual” — ou seja, ficar contra a presente calamidade é pura perda de tempo, pois com este ou outro governo vai dar sempre na mesma. É mentira em estado puro.

Não vai dar na mesma, porque nada pode se igualar ao que está acontecendo. Ao contrário, é tudo desigual — e nunca os fatos deixaram isso tão claro. ■

ANEXO B - ARTIGOS COMPLETOS ANALISADOS DA REVISTA CARTA CAPITAL

A carta do doutor Roberto

por Mauricio Dias — publicado 19/08/2016 10h47

Logo após ter manipulado o debate Lula–Collor, o barão global publicou uma missiva pública ao candidato petista. Democraticamente aceitável. De pai para os filhos, a linha mudou de forma radical. O império jornalístico das Organizações Globo tem atuado na vanguarda da mídia brasileira agressivamente contrária aos governos petistas, a partir da ascensão ao poder do ex-metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva pela via democrática.

Esse comportamento transita com frequência do direito de se opor para o caminho da desonestidade, como ocorre agora, no acompanhamento do golpe contra a presidenta Dilma Rousseff, grifado por trapações editoriais nos diversos veículos das Organizações.

A reação anti-Lula começou de forma articulada, ao longo da disputa da primeira eleição presidencial direta, em 1989, e está marcada por uma “Carta a Lula”, assinada pelo empresário Roberto Marinho, publicada pelo jornal O Globo, sobre o debate final da campanha, transmitido pela TV Globo.

No dia seguinte, véspera da eleição, trechos do confronto com Fernando Collor foram ao ar no Jornal Nacional, editados contra Lula com malicioso capricho pela mão do próprio dono da casa.

“Coube aos vários profissionais das Organizações Globo incumbidos de tal tarefa analisar o confronto (...) o candidato (Lula) mencionou mais de uma vez meu nome (...) havia nítido tom negativista no modo com que reiteradamente me foi atribuído decisivo poder político sobre os destinos nacionais”, escreveu o advogado Jorge Serpa, articulista invisível e exclusivo de Marinho.

Embora derrotado, Lula sinalizou um futuro melhor para sua candidatura. De todo modo, Marinho

tornou-se mais cauteloso, como se dá na sua “Carta a Lula”, ou apenas mais tolerante, embora tenha arrostado petulância. Ele considerou a correspondência pública “uma homenagem” ao destinatário.

“Não é verdade que eu exerça poder político hegemônico, e menos ainda que o faça em caráter pessoal. A orientação que imprimo aos veículos que me cabe dirigir visa estritamente defesa do que julgo serem os reais interesses do País e dos caminhos a serem trilhados para que se possa alcançar o bem-estar do povo.”

Na Carta, deixa “bem claro” que nunca teve “dúvidas” sobre o “dever” de cada jornal: “Posicionar-se segundo as suas convicções em face dos problemas nacionais”.

Fez oposição a Getúlio Vargas e a Jango. Como missivista, declara-se “atual opositor” do destinatário. Morreu em 2003, poucos meses após a primeira posse de Lula. O qual viajou ao Rio para participar do funeral de lenço na mão. Talvez buscasse uma impossível trégua.

Atritos políticos, aos olhos do império global, sempre virão respeito à desigualdade e à independência da política exterior brasileira. Marinho nunca deixou de ser empresário.

Roberto, José e João, herdeiros dele e diretores por direito divino, não poupam Lula, tampouco Dilma Rousseff, eleita por 54 milhões de votos e afastada da presidência pelo golpe.

Embora responsável pela manipulação do debate Lula–Collor, o doutor Roberto, “nosso colega”, como era chamado pelos súditos, na sua carta manteve o tom de quem não agride a ideia democrática. Os filhos dele mandam a democracia para o espaço.

Medo de Lula

por Mino Carta — publicado 24/10/2016 00h00,
última modificação 24/10/2016 15h22

O ex-presidente deixa um recado para o futuro,
valioso para entender o presente

inShare3

Ricardo Stuckert/Instituto Lula

A imagem assustadora do único, verdadeiro líder popular

Impecável texto assinado por Luiz Inácio Lula da Silva publicou a Folha de S.Paulo na terça 18, debaixo do título “Por que querem me condenar”. Um documento para a história, altivo e sereno, digno de um estadista, e impecável, repito, na forma e no conteúdo.

O ex-presidente da República escreve infinitamente melhor do que a larga maioria dos jornalistas nativos e, ao contrário destes, deita os advérbios no lugar certo. Irretorquível a demonstração das razões da perseguição e da inconsistência das acusações, a não ser que sobrem apenas, como única prova, a política social e a política exterior postas em prática pelo governo Lula em seus dois mandatos. A isto acrescentaria uma verdade factual: o ex-presidente parte favorito de qualquer pleito presidencial.

Inútil acentuar que as razões acima chocam-se de frente com os interesses da casa-grande, admiravelmente defendidos pelo regime de exceção em vigor, graças ao conluio dos três poderes afinados no golpe, a contarem com a força da polícia e a propaganda da mídia. Trata-se de um arremedo fascistoide, adequado ao país da casa-grande e da senzala, como se fossem possíveis acenos de modernidade em plena Idade Média.

Outra prova emerge do texto de Lula, sem contar a ironia da publicação na página 3 do Folhã, o jornal que o convidara para um almoço em julho de 2002, a incluir no cardápio uma entrevista. Bom recordar: o filho do anfitrião Otavio Frias, o Otavinho diretor da redação, cuidou na ocasião de duvidar abertamente da capacidade de um ex-metalúrgico

exercer a Presidência da República. O hóspede ergueu-se, jogou o guardanapo sobre a mesa e dirigiu-se para os elevadores. O velho Otávio seguiu o ofendido, ao tentar demovê-lo da decisão de se retirar. Não houve jeito. Mais tarde Lula reconheceu o gesto fidalgo do dono da casa.

Quanto à prova, é de evidência solar: o Brasil é hoje um país sem lei e sem Justiça, uma espécie de faroeste, ou de Chicago na época da Grande Depressão. Carecemos, porém, de jornalistas como aquele de uma das obras-primas de John Ford, O Homem Que Matou o Facinora, impávido defensor da verdade factual. Contamos, em contrapartida, com os porta-vozes iletrados da casa-grande, sabujos dos patrões, dos quais assumem ódio e raiva para externá-los nas páginas impressas, no vídeo, nos microfones, pela internet.

O papel da mídia nativa é oposto àquele da personagem de Ford. Fundamental neste contexto tragicômico bastante peculiar, em que a encenação de uma ópera-bufa se transforma em tragédia e nela se cristaliza. A mídia foi e é decisiva para tornar verdade a mentira, realidade a ficção, ao estabelecer um círculo vicioso entre vazamentos seletivos, delações premiadas, a pronta divulgação do material que a república de Curitiba fornece pontualmente, o retorno aos promotores milenaristas para a solicitação do indiciamento a partir de suas convicções, aceitas de imediato como provas pelo camisa preta Sergio Moro.

Logo se entende por que Michel Temer trata de pagar a conta dos prestadores do mais eficaz serviço a bem do golpe, e o prêmio é imponente como será provado pela reportagem de capa desta edição. Quem dá recebe, e a mídia exorbitou na sua contribuição, determinante, é o caso de dizer. A publicidade governista rega generosamente as hortas midiáticas e lhes traz alento quando as ameaça a aridez do momento, tão incerto, por exemplo, para a imprensa propriamente dita.

CartaCapital é excluída dessas benesses porque o regime é de exceção e quantos praticam o jornalismo honesto e, portanto, denunciam o golpe e condenam o seu resultado, não merecem favores.

Pelo contrário, na esperança golpista habilitam-se à morte lenta, tanto mais em tempos de penúria da publicidade privada. Durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, também sofremos um *capitis diminutio* neste específico aspecto, graças ao denodado esforço do então ministro Andrezinho Matarazzo.

Quando Lula foi empossado pela primeira vez, janeiro de 2003, chamou-me a Brasília para falar das coisas da vida, as nossas e as do País. Somos amigos há muito tempo, no ano próximo celebraremos 40 anos de convívio bem-sucedido. Vinha eu da deplorável experiência sofrida com FHC e disse ao amigo presidente esperar do novo governo a isonomia na distribuição da publicidade governista. O então chefe da Casa Civil, José Dirceu, que se juntara a nós tão logo o assunto veio à baila, anotou diligentemente o meu pedido.

Isonomia foi. Em termos, só mesmo os governos do PT agiram democraticamente e, às vezes, até exageraram. Deu-se, por exemplo, que lá pelas tantas a revista *Exame*, da Editora Abril, quinzenal de negócios, tivesse mais anúncios governistas do que a semanal *CartaCapital*, de política, economia e cultura. Entregues ao dever democrático e republicano, os governos petistas aplicaram com rigor calvinista um certo “critério técnico”, baseado em tiragens e audiências. Há exceções à regra mundo afora, a se levar em consideração a influência do órgão midiático junto a setores da sociedade ou ao próprio poder, onde quer que se situe.

Exceções não houve, de todo modo. Nem por isso, escapamos à pecha de “revista chapa branca”, levada adiante até o naufrágio da nau de Dilma Rousseff, por jornalistas, colunistas, editorialistas, com intrépida dedicação e irredutível fervor. Havia mesmo quem, a cada edição, fizesse as contas dos nossos anúncios para concluir que, às vezes, em maioria eram do governo, sem falar dos balanços periódicos publicados pelo *Folhão*.

As calúnias partiam de medíocres recalcados, escribas ou bichos falantes inclinados a iniciar o período com um porém ou um gerúndio, e a banir de vez o uso do subjuntivo, além de alimentarem a

certeza de que, por nos agredir, agradavam ao patrão antes do seus egos. Mas os padrões enchiam as burras graças ao PT. Agora, com o governo do golpe, já não corremos o risco de acusações mentirosas. Voltamos ao nosso lugar.

Trata-se de um reconhecimento importante. Da nossa honestidade, do nosso antigolpismo, da nossa independência. Do irredutível respeito que temos pelos leitores. Contra o festival de hipocrisia, prepotência e velhacaria que assola o País, como diria Stanislaw Ponte Preta. Nesta moldura, vale enquadrar a prisão de Eduardo Cunha. A enganação prossegue impavidamente: não passa de uma preliminar da prisão de Luiz Inácio Lula da Silva.

A inteligência impotente

por Mino Carta — publicado 05/09/2016

O impeachment de Dilma Rousseff leva a uma conclusão inevitável: um país que admite um golpe desta natureza carece de saúde mental

Quem, ainda dotado de um resquício de espírito crítico embora dado à autoflagelação, se dispôs a assistir às sessões de segunda 29 e terça 30, derradeiros quadros do ato da farsa trágica intitulado *Impeachment*, o segundo, provavelmente, terá de cair em depressão profunda.

O conjunto da obra imposto ao País, desde a eclosão do escândalo da Petrobras até os dias de hoje ao longo de um enredo tortuoso e apavorante na sua insensatez, levará aquele cidadão, peculiar em relação à maioria, a se render à evidência: o maior problema do Brasil, muito antes do desequilíbrio social e da corrupção, é o quociente de inteligência baixo, baixíssimo. Um país que se permite um golpe desta natureza carece de saúde mental.

No palco o espetáculo engloba a plateia por inteiro, mesmo que muitos se suponham meros espectadores, e representa um povo primitivo, da cúspide da pirâmide à base. Cordial não é certamente, como sinônimo de alegre, bonachão,

malemolente. E a pirâmide, a bem da verdade, é mais um estranhíssimo contubérnio com um cone, ponta de agulha em vez da cúspide e uma base imensa e compacta. Um Frankenstein geométrico e social.

A resignação na base explica-se ao evocar três séculos e meio de escravidão, que deixaram a marca da chibata no lombo de dezenas de milhões de cidadãos privados da consciência da cidadania e geraram um preconceito feroz, conquanto hipocritamente negado até por quem, a despeito do “pé na cozinha”, agregou-se, ao enriquecer, a uma aristocracia de fancaria.

A resignação do povão merece pena em lugar de tolas interpretações. Ao cidadão ainda em condições de exercer o espírito crítico há de doer entre o fígado e a alma a forma pela qual a prepotência vinga e o cenário se aquieta, como sea farsa trágica em andamento fosse obra dos fados, gregos, obviamente.

Está claro, de todo modo, que o golpe de 2016 é infinitamente mais grave do que o de 1964. Este provocou reações fortes, criou uma resistência e até uma luta armada, além do anseio de democracia autêntica, como jamais se dera até então, passível de ser atingida tão logo se fossem os ditadores.

Se falo por mim, a ditadura me levou ao entendimento da real serventia do jornalismo e me reteve no País graças a esse entendimento, destinado a oferecer motivação a um cético convicto ao excitar seu otimismo na ação.

A eleição de um ex-metalúrgico à Presidência da República pareceu a prova da democracia conquistada. Pareceu...

O golpe destes dias devolve o Brasil aos tempos mais remotos e demole inexoravelmente todos os avanços ocorridos depois de 1985. Não foram demolidas a casa-grande e a senzala, mas avanços se deram, e o maior deles está na eleição de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002.

Foi divisor de águas na história brasileira tornar um ex-metalúrgico o primeiro mandatário. Aquele

momento aparentou ser a prova provada da habilitação do Brasil à prática da democracia.

Lula teve méritos inegáveis, já apontados largamente por CartaCapital e reconhecidos mundialmente. Hoje o vemos perseguido porrazões inconsistentes e até ridículas, com a pronta colaboração de uma polícia que se presta ao serviço outrora entregue pela casa-grande a capatazes e jagunços, e o beneplácito de uma Justiça de mão única.

Imaginar que a farsa trágica se encerra com o impeachment é ilusão ou parvoíce. Não faltam escribas para outro ato, o terceiro, grand finale, e nele Lula é excluído à força da disputa presidencial de 2018.

Cabe uma pergunta a quem ainda trava diálogos com seus botões: se houver eleições presidenciais em 2018, de que feito serão? O golpe, ao rasgar a Constituição, manda às favas o presidencialismo republicano para substituí-lo pela lei do mais forte. Que surgirá dos escombros? E os eleitores, acreditarão na validade do pleito se a pesquisa de opinião e a prepotência de uma gangue sinistra que age a mando da casa-grande anulam o voto popular? Mais: se o candidato favorito é excluído ao sabor de falsas acusações?

Botões atentos responderão que a prisão de Lula é perfeitamente possível, se não provável, já que a quadrilha manda, a mesma que precipita o impeachment de Dilma Rousseff sem prova de crime de responsabilidade. A presidenta impedida defendeu-se em plenário com os argumentos justos e irretocáveis como se dirigisse a uma Câmara Alta digna da contemporaneidade do mundo e da confiança dos eleitores, e horas e horas a fio os defendeu com empenho e elegância. Aos meus botões pergunto, contudo, se não teria sido melhor dirigir-se ao povo brasileiro para ler, pacatamente, mas sem retoques, a ficha criminal daqueles que se arvoraram a julgá-la.

Sergio Moro ainda não entendeu a impossibilidade de comparar Brasil e Itália

Sempre tive admiração pela figura de Sansão, ele disse no lance final da sua aventura bíblica, “morra,

Sansão, com todos os filisteus”, e pontualmente executou a ameaça. Dilma não dispõe da musculatura de Sansão, tampouco da mentalidade do “perdido, perdido e meio”, apesar da coragem que soube mostrar em situações diversas. Não lhe faltou energia para aguentar dois dias de uma pantomima celebrada para tornar a decisão tomada faz meses, e prolongada conforme um ritual ibérico, tão inútil quanto humilhante.

Dilma teve de suportar situações deploráveis, recheadas pela retórica mais hipócrita, pelas lacunas culturais dos interrogadores, frequentemente pela lida difícil com o vernáculo, e pela aterradora atuação do presidente do STF, Ricardo Lewandowski, avalista do desastre.

Pergunta Aécio Neves algo assim como “a senhora não se sente responsável pela alta do desemprego?” Dilma responde com uma aula sobre as origens e os desenvolvimentos da crise econômica mundial em vez de desancar o torquemadinho mineiro. Será que querem puni-la por causa do desemprego?

De todos, mais deplorável e revelador, o víscido desempenho do senador Cristovam Buarque. Sim, ele reconhece, Dilma é uma mulher honesta e lhe merece muita simpatia, mas as “pedaladas” são criminosas e ele tem de se render às suas responsabilidades de cidadão e de parlamentar para cumprir a missão de condená-la.

Abjeta tentativa de se mostrar como varão de Plutarco, enquanto participa de um crime, este sim irrefutável. Honra ao mérito, em contrapartida, aos digníssimos senadores Roberto Requião e Lindbergh Farias.

Buarque prefere apostar no QI baixo, ao rés do chão, e nesta confiança não se diferencia dos demais golpistas. Parlamentares, juízes, promotores, policiais, empresários rentistas, barões midiáticos e seus sabujos. Muitos, entre estes, também não primam pelo brilho da mente. Umas dúvidas me assaltam em relação ao juiz Sergio Moro. Será que acredita no que diz ao afirmar a semelhança entre a Lava Jato e a Mani Pulite?

Com inefável candura, continua a afirmar que os vazamentos para a mídia foram uma arma eficaz da

operação italiana. Saberá ele que a mídia peninsular está nas antípodas da nativa, no sentido de que se abre em leque em sintonia com ideologias e tendências políticas a representar todos os estratos da nação?

Como sabemos, a mídia nativa é do pensamento único, na linha do vento a soprar das alturas da casa-grande, mesmo porque seus padrões são inquilinos cativos da mansão senhorial. Moro já percebeu isso tudo e sabe que a Suprema Corte da Itália costuma agir como sentinela da lei e da sua aplicação, bem ao contrário do nosso altamente politizado STF?

Mani Pulite não pretendeu alvejar um partido e os seus líderes, e sim um sistema corrupto. Da investida escapou tranquilamente o Partido Comunista de conduta irrepreensível, em um país onde a Constituição permanece a mesma desde 1948.

A respeito do QI baixo de inúmeras personagens da farsa trágica, não tenho dúvida, bem como de uma classe A e B1 (adoto as terminologias correntes) nunca alcançada pelas lições do Iluminismo, estupidamente exibicionista, ignorante até a medula, arrogante e vulgar. Não são melhores os seus aspirantes, os brasileiros sequiosos de chegar lá, e mesmo aqueles que estão longe disso e se antecipam ao comungar com idênticas, parvas pretensões.

Com este gênero de brasileiros, um diálogo baseado na razão e na lógica é simplesmente impossível. Sabem tudo de antemão, nutridos pela torpe narrativa midiática, ou de ouvidos postos no que sai da boca dos graúdos.

Inúteis esperanças foram as de quem pretendeu tráfegar pela realpolitik e, embora de esquerda e desenvolvimentista, tentou agradar aos senhores e fez genuflexão ao deus mercado. Como se deu com a própria Dilma, ao chamar Joaquim Levy para a Fazenda.

Em sua defesa da presidenta afastada, dia 25 de agosto, o professor Belluzzo não deixou de apontar o erro grave, e nem por isso passível de punição pelo impeachment. Sem contar que Joaquim Levy

jamais será tido como inimigo dos golpistas. Aliás, quem imagina ser possível um entendimento com a casa-grande comete um erro fatal: no Brasil, conciliação só das elites.

Diálogo equilibrado deste lado é também inviável, e buscá-lo exhibe um QI frágil. No poder o PT enredou-se nas suas próprias carências, entre elas a ausência de crenças arraigadas por parte até de alguns de seus líderes, e portou-se como todas as demais agremiações políticas, melhor, clubes recreativos.

Muitos dos comportamentos de uma esquerda tão distante das consignas iniciais revelam, a seu modo, o QI baixo. Sem excluir os jovens revolucionários de tempos idos, tão desnutridos de leituras e de ideias, radicais extremados em nome da moda passageira.

Não tenho conhecimento suficiente para dissertar a respeito do exato significado de inteligência. Sei apenas que cada qual ao nascer recebe a sua horta de neurônios, cujo tamanho depende de uma série de fatores, a começar pelo DNA. Para dar frutos, a horta precisa ser cultivada, pelo estudo, pela leitura, pela busca do conhecimento. Nem todos têm a chance de cumprir a tarefa.

No Brasil de um Estado desinteressado da saúde mental e física do povo, certamente muito poucos. Não há como apurar quantos gênios são desperdiçados em um país onde o povo é valor descontável, quando é, de verdade, um tesouro inexplorado.

E esta também, e sobretudo, é prova de um quociente de inteligência baixo, baixíssimo. A gritaria e os fogos ouvidos no encerramento do segundo ato da farsa trágica são próprios da festa da pobreza de espírito.

Lula, o “xis” da questão

por **Mauricio Dias** — publicado 06/05/2016 15h41, última modificação 07/05/2016 09h23

Objetivo final da trama golpista, alijar o ex-presidente da eleição de 2018. O impeachment é apenas uma passagem do processo

A presidenta, acuada, resiste

Leia também

Impossível imaginar que a presidenta escape da decisão premeditada da maioria oposicionista no [Senado](#) para impedi-la e, por ora, afastá-la da Presidência por até 180 dias.

É um engano pensar, porém, nessa ausência como o princípio do fim de toda a [manobra golpista](#). Para o ingresso de alterações do percurso, há portas além daquelas do Congresso.

Outras se abrem para recursos legais ou, quem sabe, para a reação da voz das ruas. De todo modo, [Dilma Rousseff](#) promete continuar. Tem dito e repetido: “Vou lutar para voltar ao governo”.

Para afastá-la, o golpe de Estado desenrolado no Parlamento faz parte de um conjunto de medidas tramadas pela oposição juntamente com aliados distribuídos para muito além do próprio Congresso. Para tanto, a mídia nativa se oferece como o instrumento mais afiado.

Dilma, de qualquer forma, não é o objetivo primordial dos opositores. O ex-presidente Lula é o “xis” do golpe. Ele é o fator obsessivo da perturbação dos adversários, e [eleito em 2018](#) detonaria a “[ponte para o futuro](#)” que os arquitetos do PMDB pretendem construir à sombra da [traição de Michel Temer](#).

De volta à Presidência, Lula detonaria, obviamente, a tal [ponte](#), ao retornar à pauta de 12 anos de governos petistas, comprometidos com as necessidades dos cidadãos mais pobres. Nesse sentido, os programas sociais dispensam apresentação e comparação. Eles existem e a população os conhece. E, através deles, reconhece Lula.

Para tentar superar a estrondosa liderança popular de Lula, os golpistas não hesitam em rasgar a Constituição. Transitam até, sem o menor pudor, pela ilegalidade, como se deu largamente no caso dos [grampos telefônicos](#), sem a mais pálida preocupação de verificar o que se relacionava com as investigações e com quanto nada tinha a ver com elas. Chegou-se a registrar e divulgar conversas entre a presidenta e o ex-presidente.

Sergio Moro, desatinado, apresentou desculpas ao STF. Mas não consta que o juiz em algum momento tenha se ruborizado. Ele mesmo autorizou a condução coercitiva de Lula para depor.

Valeria para o ex-presidente ultrajado repetir trechos da Carta Testamento de Getúlio Vargas: “A mentira, a calúnia, as mais torpes invencionices foram geradas pela malignidade de rancorosos e gratuitos inimigos numa publicidade dirigida, sistemática e escandalosa”.

Ao assumir a sua pré-candidatura à Presidência em 2018, Lula reagiu à perseguição golpista, movida inicialmente a ódio de classe, urdida contra um ex-operário metalúrgico. A partir desse momento, ele passou a viver sob a ameaça de prisão, por acusações desprovidas de prova.

Mesmo após dois anos de campanha martelante da mídia, desfechada com o transparente propósito de estigmatizá-lo de vez, o ex-presidente ainda é o candidato preferido do eleitor brasileiro.

Os adversários de Lula vivem um dilema. Se ele não for preso, disputará a eleição em 2018 e pode ter uma votação avassaladora. Mas pode ser pior se for preso. Criarão um mito.

Quem é líder?

por Mino Carta — publicado 25/07/2016 02h06

Lula e Erdogan o são, diferentes porém. Aquele garantiu a democracia, este preocupa-se bem menos com a própria

[inShare](#)

Yasuyoshi Chiba/AFP e Adem Altan/AFP

Versões distintas de liderança

As pesquisas soletram que [Lula é ainda e sempre o candidato mais forte](#) para as eleições presidenciais. Quem fica em segundo lugar é [Marina Silva](#), a distância maior em relação às pesquisas precedentes. Há largo tempo o ex-metalúrgico é o único, autêntico líder popular brasileiro, e esta primazia absoluta é do conhecimento até do mundo mineral.

O golpe que por ora afasta Dilma Rousseff figura apenas no começo de uma pauta mais complexa e extensa, muito além da confirmação do [impeachment](#). É também do conhecimento do mundo mineral que a mira da casa-grande está alçada na direção de Lula e do PT, a repetir a obsessão de Catão, o Censor, em relação a Cartago, *delenda esse*, destruída há de ser, repetia incansavelmente.

Como destruir o único, autêntico líder popular? A aposta dos censores para excluí-lo pela força do próximo pleito presidencial manda colocar todas as fichas na prisão do ex-presidente por obra e graça da determinação do juiz Sergio Moro. Tal seria o último ato da [Lava Jato](#). Trata-se, entretanto, de uma operação arriscada, de diversos pontos de vista. Muito arriscada.

Antes de mais nada, vale a seguinte pergunta: quantos haverão de ser presos antes de Lula, para, ao cabo, alcançá-lo? Quem poderá ser poupado? Neste exato instante, a delação premiada de Marcelo Odebrecht alimenta os pesadelos de muitos senhores do poder. Inúmeros. Como conciliar os interesses dos golpistas com a sanha dos magistrados curitibanos, o *nihil obstat* do Ministério Público

Federal e o clangoroso silêncio do Supremo Tribunal? Apresenta-se, isto sim, um conflito de árdua composição, se não impossível. Beco sem saída.

Há outro aspecto, importantíssimo: convém prender o único, autêntico líder popular brasileiro, sem fazer dele um mártir, como o próprio Lula já disse com um sorriso? Uma ação deste porte precipitaria as incógnitas poderosas de uma situação nunca dantes navegada, e de desfecho imprevisível. Fosse eu um potentado dos bairros nobres me perguntaria se ser preso não seria do maior agrado do cidadão Luiz Inácio Lula da Silva.

Houve outro líder popular no Brasil, Getúlio Vargas. Manchou seu currículo com a ditadura do Estado Novo, mas foi grande estadista. Criou Volta Redonda para abrir o caminho da industrialização, criou a Petrobras para que o petróleo fosse nosso, estabeleceu o salário mínimo e impôs a CLT a bem dos trabalhadores, indispensáveis ao progresso para desconforto da casa-grande. Pagou caro por seus méritos, mas o tempo era outro, até que um dia chegaram os tanques.

A verdadeira liderança é coisa rara. Politólogos europeus, sobretudo italianos, enxergam nela a alternativa aos partidos em franca, inexorável decadência. Falam em “democracia do líder”. A expressão soa bem. No entanto, cadê os líderes? Em termos mundiais, o único líder é Francisco, papa e estadista, ao reformar a Igreja de Roma e a condenar o neoliberalismo que semeia a desigualdade.

A recente tentativa de [golpe na Turquia](#) exhibe claramente a liderança do presidente Erdogan (*leia nesta edição a reportagem de José Antonio Lima*). Líder de um povo que sai às ruas para enfrentar os tanques e derrotar o exército rebelde. Há quem diga que a popularidade de Erdogan hoje supera até aquela de Kemal Atatürk, modernizador da Turquia, grande estadista. Nem todos os líderes o são. O fracasso do golpe multiplica o poder do presidente, que já exorbita das funções previstas pelo regime parlamentarista e acumula de fato também as de primeiro-ministro. Porta-se como dono do país, e o atual triunfo o instiga à repressão feroz, não somente contra os inimigos, mas também contra os adversários políticos. Não é o caso de catalogar a Turquia como democracia do líder.

Getúlio redimiu-se das prepotências da sua ditadura como presidente eleito. Já Lula foi o melhor governante, de longe o melhor, da chamada redemocratização. Deu passos importantes no campo da política social, em proveito do próprio capitalismo tão mal interpretado pelos senhores da casa-grande, e praticou uma política internacional independente, como nunca ocorrera na história do País, súcubo da Grã-Bretanha antes e de Tio Sam depois. Afirmou seus dotes de negociador em busca de uma insólita conciliação, diferente da usual, a das elites. Com ele na Presidência, a democracia jamais foi ameaçada.